

Clássicos da Literatura Brasileira

O Cabeleira

Franklin Távora

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

O Cabeleira

Franklin Távora

O Cabeleira

Franklin Távora

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Elto Koltz

Diagramação

Deborah Lobo

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos Reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2012

Impresso no Brasil

Q3c Queiroz, Malthus, 1976-
O cabeleira / Franklin Távora ; adaptação: Malthus
Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife :
Prazer de Ler, 2012.
176p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1.FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.
Távora, Franklin, 1842-1888. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-029

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-65284-79-0

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

O Cabeleira

O Cabeleira

Capítulo I

A história de Pernambuco nos oferece exemplos de heroísmo e grandeza moral que podem figurar nos registros dos maiores povos da antiguidade sem diminuir-lhes o brilho. Não são estes os únicos exemplos que despertam nossa atenção sempre que estudamos o passado desta ilustre província, berço tradicional da liberdade brasileira. Merecem nossa particular meditação, ao lado dos exemplos dignos da gratidão da pátria pelos nobres feitos com que a engrandeceram, alguns vultos infelizes, em quem hoje admiraríamos talvez modelos de grandes virtudes, se certas circunstâncias de tempo e lugar, que decidem os destinos das nações e até da humanidade, não pudessem alterar a natureza os homens, tornando-os açoites das gerações contemporâneas e algozes de si mesmos. Entra neste número o protagonista da presente narrativa, o qual se celebrizou na carreira do crime menos por maldade natural do que pela imensa ignorância que em seu tempo aprisionava os bons instintos e deixava soltas as paixões canibais. Autorizavam-nos a formar este juízo do Cabeleira a tradição oral, os versos dos trovadores e algumas linhas da história que trouxeram seu nome aos nossos dias coberto de uma grande lição.

Este herói legendário, para o qual não achamos par nas crônicas provinciais, deve sua fama à sua audácia e às suas atrocidades. Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou pessoas mais velhas cantarem os versos comemorativos da vida e morte desse Cid ou Robin Hood pernambucano, os meninos, tomados de pavor, adormeceram mais depressa do que se lhes contassem

O Cabeleira

as proezas do *lobisomem* ou a história do *negro do surrão* muito em voga entre o povo naqueles tempos.

Com a simplicidade irrepreensível, que é o primeiro ornamento do espírito popular, esses trovadores nos habilitam a fazer **ideia** do famoso valentão pela seguinte letra:

*Fecha a porta, gente,
Cabeleira aí vem,
Matando mulheres,
Meninos também.*

O Cabeleira chamava-se José Gomes e era filho de um mameluco de nome Joaquim A. Gomes, sujeito de mau coração, dado à prática dos mais hediondos crimes.

De parceria com um pardo de nome Teodósio, que era mestre na astúcia e nos inventos para se apossar do que não lhe pertencia, percorriam José e Joaquim o vasto território da província em todas as direções, deixando a sua passagem assinalada pelo roubo, pelo incêndio, pela carnificina.

Um dia resolveram fazer um assalto na própria vila do Recife.

As populações do interior, em sua maioria não possuidoras de bens de valor e então muito mais espalhadas do que atualmente, já tinham pouco com que alimentar a voracidade dos três aventureiros, a quem desde muito pagavam um triplo imposto, que consistia alimentos, dinheiro e sangue. O assalto foi resolvido em secreta reunião dentro das matas de Paudalho onde mais de uma vez haviam se reunido para objetivos idênticos.

Na mesma hora perceberam que a tentativa era arriscada e, com a coragem que lhes era natural, puseram-se a caminho, contando de antemão com o feliz sucesso do plano.

À notícia da sua aproximação, a maior parte dos moradores, deixando os povoados, então muito fracos por não terem ainda a dimensão que só um século depois tornou alguns deles respeitáveis, emigrou para os matos, único abrigo com que era permitido contar, embora se achassem a poucas léguas do Recife; houve alguns que, não tendo tempo ou recursos para fugir dos cruéis visitantes, lhes deram hospedagem, como meio de não caírem no seu desagrado.

Ao fim do dia seguinte eles estavam na Estância. **Sentaram-**

-se no pátio externo da capela de taipa, levantada por Henrique Dias para lembrar a todos que nesse lugar ele tivera o seu posto militar devido às guerras da restauração pernambucana. Esse posto era dentre todos o que ficava mais vizinho ao inimigo. Convincente testemunho da bravura dos negros, a quem a pátria reservou registro distinto nas maiores páginas da história colonial.

— É muito cedo para entrarmos na vila, disse o Cabeleira. E não será até melhor que o Teodósio vá primeiro que nós, para ver ainda de dia o meio mais certo de realizar a investida?

— Tens razão, José Gomes — acrescentou Joaquim. O Teodósio, que é macaco velho, deve ir adiante para sondar as coisas. Para fazer sumir o inimigo e enfrentar qualquer valentão, vocês sabem muito bem que eu sou cabra decidido; agora, para espertezas não contem comigo; isso é lá com o Teodósio, que é mestre.

Os três malfeitores traziam consigo bacamartes¹, facas e pistolas.

Cabeleira podia ter vinte e dois anos. A natureza o havia presenteado com formas robustas. Sua frente era estreita, os olhos pretos e doces, o nariz pouco desenvolvido, os lábios finos como os de um menino. É de notar que a fisionomia deste jovem, velho na prática do crime, tinha uma expressão de insinuante e jovial inocência.

Joaquim, que contava o dobro da idade de seu filho, era baixo, corpulento e menos feito que o Teodósio, o qual, com mais anos, sabia dar, quando queria, à cara estúpida e de cor parda uma aparência de bestial simplicidade que só uma vista perspicaz e acostumada a ler no rosto as **ideias** e os sentimentos íntimos poderia descobrir a mais refinada hipocrisia.

— Entendo que é bem lembrado o que dizes, Cabeleira — acrescentou o cabra levantando-se; corro sem demora para armar o laço para apanhar o passarinho; ainda que, a bem dizer, já tenho aqui o meu plano que vai cair tão certinho como S. João a vinte e quatro.

— E onde depois nos encontraremos?, perguntou Joaquim, vendo que o Teodósio se achava já em direção da vila.

¹Antiga arma de fogo de cano largo.



— Não vai custar nada mais. Esperarei por vocês debaixo da ingazeira da ponte.

Teodósio, não estando mais para conversa, encaixou o chapéu de palha na cabeça para que o vento não o arrebatasse e desapareceu rapidamente, por detrás dos matos que naquele tempo enchiam ainda em sua maior parte a zona onde hoje se mostra, com suas graciosas habitações repletas de verde, a Passagem da Madalena.

Antes que o sol descesse ao horizonte e as trevas envolvessem de todo a natureza, meteram-se, o pai e o filho, pelo caminho onde quinze minutos atrás havia desaparecido o outro companheiro, alma do negócio e principal responsável pelos perigos a que todos eles iam expor talvez a própria vida.

A solidão estava sombria e triste.

Contavam-se então as casas daquele lugar. Em torno delas, o deserto começava a aumentar antes de o sol se pôr. Uma lei cruel, a lei da necessidade, obrigava os moradores a trancar-se cedo, para o bem da própria conservação.

Os roubos e assassinatos reproduziam-se com incrível frequência nos caminhos e até nas beiradas dos sítios. Sólidas habitações não tinham, em muitos casos, evitado às famílias o assalto dos malfeitores. Triste época em que o despotismo podia tudo contra os cidadãos pacíficos e bons e nada causava à parte cancerosa da sociedade!

A vila estava em festa. Foi no primeiro domingo de dezembro de 1773. Era governador Manuel da Cunha de Meneses, depois Conde de Lumiar, jovem nobre a quem a igreja pernambucana deve favores.

Com a data do 1º daquele mês tinha ele feito publicar um anúncio no qual ordenara aos moradores que pusessem luminárias demonstrando alegria pela extinção dos jesuítas em todo o mundo cristão, pelo santo padre Clemente XIV.

No lugar onde hoje existe a bela ponte Sete de Setembro, que liga o bairro do Recife ao de Santo Antônio, via-se nessa época uma ponte de madeira, a qual fora mandada construir em 1737 sobre os sólidos pilares de pedra e cal da primitiva ponte, obra de Maurício de Nassau, por Henrique Luís Vieira Freire de Andrade, um dos governadores que deixaram a mais honrada e ilustre memória em Pernambuco.

Era uma rica construção, nada menos do que uma rua suspensa sobre as águas do Rio Capibaribe, que passa aí reunido ao Beberibe depois de um curso de oitenta léguas por entre matas, por sobre pedras e ao pé de graciosas vilas, povoações e subúrbios. De um e outro lado, exceto na parte central, que tinha recebido bancos para recreio do público, viam-se pequenos armazéns de taipa, em que se vendiam miudezas e ferragens. Esses armazéns, logo depois de prontos, acharam alugadores, começaram a render a quantia de oitocentos mil-réis anuais, a qual no começo do século corrente se havia elevado à de quatro contos de réis. Com a fundação dessas casinhas, o governador teve a **ideia** de criar uma fonte de rendas destinada à conservação das pontes da província, quase todas nesse tempo em deplorável ruína. Destas obras, que o gênio desse ilustre governador dotou Pernambuco, não resta hoje o menor vestígio.

Tudo desapareceu, tudo, até as arcadas holandesas que ainda alcancei. O monumento das idades é mais depressa destruído pelos homens do que pelo tempo, esse consumidor que, sendo voraz, não deixa de respeitar a obra da virtude.

No começo da noite, os dois aventureiros chegaram à parte do bairro da Boa Vista que é de nós conhecida por Ponte Velha. Raras casas mostravam-se então aí.

A pouca distância dali, indo para o sul, onde existira a antiga ponte, nesse tempo já substituída pela da Boa Vista, mandada construir por Henrique Luís, a quem já nos referimos, levantava-se na margem uma ingazeira idosa e cheia de galhos. Abrindo sobre o rio a copa, semelhante a um **chapéu de sol**, formava esta árvore um grande abrigo que servia de porto aos canoeiros quando o vento era forte e as marés puxavam com velocidade. Debaixo desse teto protetor, as águas corriam sempre mansas, e, sem primeiro descer ao pé do gigantesco vegetal, era difícil descobrir, por causa da sua folhagem, qualquer objeto ou ente que se acolhesse à sua sombra, ainda que estivesse o sol emitindo os seus luminosos raios. Fora este o ponto de reunião indicado por Teodósio aos companheiros.

Dar com as primeiras casas iluminadas foi para os dois valentões motivo de justo espanto e medo. Não sabendo da celebração oficial e tendo bem presentes na consciência os crimes que haviam cometido, logo lhes pareceu que seriam

descobertos ao clarão das luzes, não demorando o clamor público, se assim acontecesse, a denunciá-lo às justiças do Rei.

Pelo voto de Cabeleira, tinha-se efetuado no mesmo instante a volta ao deserto. Mas Joaquim, cuja ousadia não conhecia limites, desprezando os conselhos do filho sobre o qual exercitava a tirania do déspota mais do que a autoridade do pai, parou ao pé da ingazeira, tendo atravessado para chegar a este ponto as ruas mais públicas do nascente bairro da Boa Vista.

Profundo silêncio reinava no vasto areal que protegia o rio por aquele lado. As águas mal se moviam. Desceram os dois à margem para se ajuntar ao Teodósio, conforme o combinado, mas a sua expectativa foi iludida; não havia aí viva alma; unicamente se mostrou aos seus olhos um corpo negro, balançando debaixo da folhagem, no ritmo calmo das águas: era uma canoa que estava presa por uma corda ao tronco da ingazeira.

Depois de alguns momentos de espera, não sem inquietação para os recém-chegados, um ruído, que veio interromper o silêncio reinante na margem, obrigou-os a empunharem as armas por precaução. A corda rapidamente encurtando atraiu a canoa à margem, e um corpulento canoeiro, nu da cintura para cima, arrastando uma vara pela mão, saltou à frente dos malfeitores.

— Sou eu, Cabeleira, sou eu.

— Teodósio!

— Eu estava escondido dentro da canoa para fazer um susto a vocês.

— Bom diabo te protege hoje, que o meu bacamarte falhou duas vezes — disse Cabeleira.

— Não falemos mais nisso — disse Teodósio; depois trataremos do caso. Para agora vamos ao que importa.

— Que é que há?

— Não estão me vendo na figura de canoeiro? Vamos a ela enquanto é tempo.

Teodósio inclinou-se para passar aos dois um segredo que em pouco tempo foi por ambos compreendido e que foi posto em execução no mesmo instante pelos três. O pai e o filho foram guardar as suas armas de fogo na canoa, e o cabra saltou novamente dentro dela e se distanciou. Quem visse, um instante

O Cabeleira

depois, a madeira tocando de leve a vasta superfície do rio à claridade dos astros da noite juraria que nessa sombra fugitiva, nesse ponto que se perdeu nos seios da escuridão, não ia mais que um canoero, sabedor das manhas das águas e senhor dos meios de as vencer. Ia entretanto aí uma maldade muito mais considerável e perigosa, porque era hipócrita e estava disfarçada, do que a malvez de Joaquim sempre alerta e a coragem de José sempre sincero até na estratégia e na emboscada.

Estes dois últimos, tanto que o cabra se afastou da margem, atravessaram a ponte da Boa Vista e, ladeando o canal que cercava Santo Antônio pelo lado ocidental e ia encher ao sul as valas da fortaleza das Cinco Pontas, e ao norte as do forte Ernesto, hoje inteiramente desaparecido, passaram em frente do palácio do governador. E, por este forte, o qual ficava pouco adiante do convento de S. Francisco, entraram na ponte do Recife, que apresentava uma vista majestosa e deslumbrante. Colunas e arcos triunfais muito iluminados tinham sido ali erguidos a iguais distâncias. Ao som das músicas marciais, o povo percorria o passeio entre risos e alegrias.

Assim que os malfeitores se misturaram com os passantes, ouviu-se um grito arrancado pelo pânico terror de um matuto que os conheceria.

— O Cabeleira! O Cabeleira! Grandes desgraças vamos ter, minha gente! — clamou o mal-avisado roceiro.

Estas palavras caíram como raios mortíferos no meio da multidão que se entregava, distraída e confiante, a uma celebração oficial. A confusão foi indescritível. Ao rumor da pública alegria, sucederam as demonstrações do geral terror. Homens, mulheres, crianças atropelaram-se, correndo, fugindo, gritando, caindo como atirados por infernal ciclone. A fama do Cabeleira tinha, não sem razão, criado na imaginação do povo um fantasma sanguinário que naquele momento se animou no espírito de todos e a todos ameaçou com inevitável extermínio.

Ouvindo aquelas palavras e sendo assim surpreendidos por uma ocorrência com que não contavam, os dois malfeitores instintivamente pegaram as facas mais para se defender, por lhes parecer que a sua liberdade corria perigo, do que para investir contra a massa, a qual aliás fugia como rebanho apavorado pela

presença das onças. Os seus gestos contribuíram para aumentar o terror da multidão, a qual, interpretando-os mal, imaginou que a carnificina ia ter começo.

— Sim, é o Cabeleira, gente fraca. Ele não vem só, vem seu pai também² — gritou José Gomes, cujo rosto começou a se tornar sombrio.

Joaquim, feroz por natureza, sanguinário por longo hábito, descarregou a faca sobre a cabeça do primeiro que passou por junto dele. O golpe foi certo, e o sangue da vítima, atingindo a face do matador, deixou aí estampada uma máscara vermelha através da qual só se viam brilhar os olhos felinos daquele animal humano.

José Gomes, por irresistível força do instinto que muitas vezes o traiu aos olhos do pai, voltou-se e lhe disse:

— Para que matar se eles fogem de nós?

— Matar sempre, Zé Gomes — respondeu o mameluco com as narinas dilatadas pelo odor do sangue fresco e quente que do rosto lhe descia aos lábios e destes penetrava na boca. Não temos aqui um só amigo. Todos nos querem mal. É preciso fazer a obra **benfeita**.

Este homem era o gênio da destruição e do crime. Por sua boca falavam as baixas paixões que, à sombra da ignorância, da impunidade e das florestas, haviam crescido sem freio e lhe tinham apagado as faíscas da consciência racional que todo homem traz do berço, mesmo aqueles que vêm a ser depois truculentos e cruéis.

Seu coração estava endurecido, seu senso moral obcecado.

Nenhum sentimento brando e terno, nenhum pensamento elevado exercitava a sua influência nas ações deste ente degenerado e infeliz.

— Estás com medo, Zé Gomes, desta ralé? Parece que te vejo fraquejar. Por minha bênção e maldição, te ordeno que me ajudes a fazer o bonito enquanto é tempo. Não sejas mole, Zé Gomes; sê valentão como é teu pai³.

²A trova popular diz: “Corram, minha gente / Cabeleira aí vem / Ele não vem só / Vem seu pai também”.

³Dizem os trovadores: “Meu pai me pediu / Por sua bênção / Que eu não fosse mole / Fosse valentão”.

Tendo ouvido estas palavras, o Cabeleira, em cuja vontade Joaquim exercitava irresistível poder, fez-se fúria descomunal e, atirando-se no meio da gente, foi esfaqueando a quem encontrou. Como dois raios exterminadores, descreviam pai e filho, no seio da massa revolta, desordenadas e rápidas elipses.

A perturbação geral teria acabado em poucos instantes se o povo pudesse escapar pelas duas entradas da ponte. Acharam-se, porém, estas já tomadas por soldados de infantaria às pressas organizados para impedirem a fuga dos matadores e colocá-los na prisão.

À medida que estes soldados foram se movendo das extremidades para o centro, a população, obrigada a aproximar-se dos assassinos, preferiu a este perigo atirar-se ao rio, e a agitação na água não demorou.

Em poucos momentos os perturbadores da ordem acharam-se debaixo das vistas da força pública. O lugar da cena estava quase inteiramente desocupado. As colunas militares operaram um movimento único, indescritível. Carregaram sem demora sobre os **delinquentes**, que, por causa da estreiteza da passagem e do cerco, só nas águas puderam, como as suas vítimas, achar salvação.

Um soldado, levado talvez mais pelo ímpeto da paixão do que pela consciência do dever, o qual em ocasiões iguais àquela raramente fala mais alto que os instintos animais, atirou-se de arma em punho atrás dos assassinos, com o fim de apreender um dos dois, ainda que custasse a própria vida. Não conseguiu o seu objetivo este valente defensor da sociedade e da lei. Quando sua mão tocava em um dos **delinquentes**, de cima de uma canoa, que nesse momento desatracara da ponte, desfecharam-lhe com a vara tão forte golpe sobre a cabeça que o infeliz, perdendo os sentidos, foi levado pela correnteza. Igual cena se presenciou em 1821, tendo como vítima João Souto Maior, que procurara salvar-se no rio depois de haver ferido com um tiro de bacamarte, na ponte da Boa Vista, o governador Luís do Rego Barreto.

Assim se passou na vila do Recife a noite do primeiro domingo de dezembro de 1773, noite memorável, que começou com alegria e terminou com terror público.

Capítulo II

Por entre as vítimas que lutavam com as águas do Capi-
baribe nas sombras da noite deslizou indiferente a canoa onde
ia o Teodósio, assassino do soldado que se atirara ao rio em
busca dos **delinquentes**.

Teodósio, como os leitores devem se lembrar, viera só,
mas não voltava agora desacompanhado. José, sombrio, quieto
e rosnando como animal que o caçador irrita em bosque
misterioso, testemunhava, ao pé do cabra, sentado na popa
do fugitivo bote, com os bacamartes nas mãos, o espetáculo
de aflição e desespero; e, como se o fizessem de caso pensado,
para mostrar a pouca consideração que tinham a uma sociedade
que eles dois unicamente acabavam de entregar em alguns
minutos à perturbação e à dor, pareciam afrontar com olhares
insultuosos não somente os homens, mas também aquele que
ao brilho das estrelas vê melhor do que os mortais a luz do dia,
e que, das alturas onde paira, distribui por todos a sua perfeita
justiça, tanto para premiar como para punir. Foi Deus o único
que conheceu os três aventureiros rompendo as águas, o único
que, em suas frentes manchadas do sangue, leu o passado que
os condenava e o futuro que por eles esperava para fazer justiça
com a excessiva severidade que veremos.

Os naufragos só trataram de salvar-se e fugir; agarrando-se
aos mangues, então muito densos e numerosos, que bordam o rio
como ilhas de verdura, procurando, a fim de escapar da corrente, os
bancos de areia formados pelo fluxo e refluxo das marés. Ninguém

O Cabeleira

prestou mais atenção no Cabeleira senão para se distanciar com horror crescente da sua sombra cruel, do seu vulto fatal e abominável.

Achavam-se na ponte o pai e o filho, não para serem socorridos, como foram, pelo companheiro, mas para protegerem a sua fuga, caso fosse ele descoberto antes de haver concluído o roubo que acertaram praticar em um dos armazéns. A denúncia do matuto atrapalhara esta combinação pela forma que o leitor conhece, não impedindo porém que no final viesse ela a verificar-se, porque, ouvindo o barulho da confusão e fazendo de conta que o conflito fora provocado pelos amigos como meio de concentrar em um só ponto as gerais atenções a fim de deixá-lo protegido de qualquer surpresa, tratara Teodósio de aproveitar o tempo com a prontidão e perícia que lhe eram habituais em semelhante gênero de ocupação.

Na extremidade de uma vara, fora atado um ferro curvado para facilitar a escalada. Prendê-lo na varanda do armazém, subir, passar pela janela e saltar dentro foi obra de um instante para o Teodósio. Em poucos minutos, quinquilharias preciosas, armas de fogo, perfumarias, miudezas de toda sorte desceram por cordas em suas caixas ou pacotes para a canoa. As gavetas, primeiro que as vidraças, foram violadas e revistadas, e o dinheiro que continham passara a povoar o bolso do atrevido roubador.

São tradicionais os roubos que deste modo se praticaram na ponte do Recife por aqueles tempos e durante muitos anos depois. Segundo contam os antigos, eles reproduziram-se no começo deste século com tanta frequência que os armazéns, antes cobiçados pelos comerciantes, perderam de valor e ficariam de todos desprezados se a polícia, por uma rigorosa vigilância que lhe faz honra, não houvesse impedido a continuação destes atentados.

Quando não houve mais objeto de preço que jogar, Teodósio desceu. Era tempo. Mal tinha terminado o seu aéreo trajeto, quando dois corpos surgiram no ruidoso espumeiro produzido por violenta queda e passaram à embarcação. Eram Joaquim e José Gomes, que haviam se atirado ao rio para escaparem à prisão, como vimos.

A escuridão que reinava no Capibaribe, o ambiente da noite

e uns restos da enchente favoreceram a fuga dos navegantes. Mantendo-se a igual distância das duas margens, o improvisado canoeiro, ao passo que evitava qualquer inspeção do lado da terra, era levado com os hóspedes pelas águas do canal, que são profundas e correm ali com força.

Em pouco tempo, contornando o palácio do governador e deixando à direita o forte Waerdenburch, construído em 1631 nas Salinas, hoje Santo Amaro, pelos holandeses, que lhe deram esta denominação para honrarem o seu general Diederik van Waerdenburch, seguiu no rumo do sul rompendo, por entre ilhas de mangues, a escuridão e as águas.

Entre as casas que por esse tempo faziam parte da povoação dos Afogados, contava-se a de um colono de nome Timóteo, sujeito prestativo, como tal conhecido das vizinhanças e por isso mesmo buscado sempre que se tratava de realizar qualquer transação ilícita ou simplesmente errada.

Era uma casa de taipa como quase todas as outras do lugar e achava-se a pouca distância do forte tomado pelos holandeses sob o comando do Coronel Lourenço van Rembach aos portugueses em 1633 e denominado por estes Forte da Piranga e por aqueles Príncipe Guilherme em honra do príncipe de Orange. Ficava à direita da entrada da povoação, por detrás das primeiras casas. Foi demolido em 1813, pelo intendente da marinha Siqueira, que com o respectivo material aterrou o canal que contornava pelo lado do rio a primeira casa, na qual morava.

Timóteo estabelecera ali uma vendinha ou bodega onde vendia açúcar, galinha, colher de prata, peça de roupa ou qualquer objeto que era furtado pelos negros dos engenhos da redondeza. No exercício desta criminosa indústria, comprava-lhes muitas vezes por dez réis de mel coado objetos de valor que revendia depois pela hora da morte aos boiadeiros e carregadores que acertavam de entrar na venda.

Timóteo tivera por companheira uma mameluca de nome Chica, mulher bem apessoada, ainda moça, metida a valentona, uma dessas mulheres que tomam satisfações a Deus e ao mundo por qualquer coisinha. Diziam as más línguas que, nos primeiros tempos da sua vida com o colono, ela fora por várias vezes surrada por ele; e que, compreendendo ele que não podia acertar a sorte grande e renunciando à pretensão, que a princípio nutrira,



de trazer dominada a caseira, deixara esta também, para compensar o caridoso ensino com que ela o edificara logo depois de sua **lua de mel**.

Uma manhã um rapazito descorado parou à porta da bodega, saltou do cavalo e mandou botar uma dose de aguardente.

— Olá, menino José. Você navega muito cedo hoje, disse Timóteo ao recém-chegado.

— Parti de Santo Antão na madrugada, tornou-lhe o hóspede.

Enquanto o taverneiro atendia o freguês da manhã, o cavalo que não comia desde a véspera pôs-se a devorar a grama do pátio e, sem consciência dos riscos em que ia se meter, foi cair muito naturalmente dentro da pequena roça da mameluca e começou a destruí-la, mostrando intenção de dar conta dela.

Porém, mal o primeiro jerimum havia se derretido entre os poderosos molares do faminto animal, a dona da plantação desfechou nele tamanho golpe com uma das estacas da cerca que o pobrezito, dando voltas pelo meio do pátio, foi atirando os sacos aqui, os cestos acolá, a cangalha além e desembestou, por fim, pela margem afora, em violenta fuga.

Não satisfeita, Chica em um pulo entrou na venda e investiu contra o inofensivo matutinho.

— Amarelo de Goiana!, gritou ela ao pé do ouvido. Não sei onde estou que não te deixo mole com este pau para te ensinar a amarrares melhor a tua besta esganada de fome.

O rapaz, voltando a vista ao volume humano que lhe acabava de falar e cujos olhos pareciam querer saltar das órbitas, respondeu-lhe sem se alterar nem mover:

— Besta! Besta é ela.

E, senhor de si, como se estivesse gracejando com um amigo, levou o copo aos lábios com o maior sangue-frio que ainda se pôde mostrar na taverna, onde as paixões se acendem com a prontidão do raio.

Irritada por esta resposta, que a seus olhos pareceu condensar todo o desprezo do mundo, a mameluca não teve dúvida e levantou a arma para o rapazito.

Tinha este colocado o copo sobre o imundo balcão quando pressentiu o golpe; pôde por isso fugir em tempo com o corpo à violenta pancada. A estaca bateu no meio no balcão, e metade

O Cabeleira

dela voou pelos ares em estilhaços que foram quebrar as panelas de barro e as poeirentas botijas que enfeitavam as sujas prateleiras da pocilga.

Ouviu-se então um estalo, e logo o baque de um pesado corpo. José havia dado com tanta força uma bofetada na mameluca que a fizera cair redondamente no chão. Timóteo quis vingar a companheira, mas, quando percebia o ânimo para dar o arriscado passo, descobriu na mão de José uma faca, que o reteve à respeitosa distância. Julgando-se José, por causa da ofensa que recebera, com direito a revanche em público, arrastou por uma perna a mameluca, ainda tonta, para o terreiro e aí, com uma raiz de gameleira com que os meninos tinham brincado na véspera, começou a pôr em prática a mais edificativa sova de que nos dão notícia as tradições matutas.

A mameluca tentou por diferentes vezes livrar-se das mãos do rapazito, esperneando como possessa. As mãos de José porém pareciam, pela dureza e pelo peso, luvas de ferro feitas para esmagar um gigante. Além do mais, José havia posto um pé no pescoço da Chica, e com ele comprimia-lhe a goela, tirava-lhe a respiração, afogava-a sem piedade.

A estrada estava deserta. Os moradores da povoação, madrugadores, por infelicidade da caseira de Timóteo dormiram mais nesse dia. Além disso, as casas mais próximas da venda ficavam ainda a distância, sendo todas, como então eram, muito espalhadas. Esta circunstância, tirando toda esperança de pronto-socorro, animou José a prolongar o exercício para o qual podia dizer-se estava preparado por diuturno hábito.

Depois de alguns minutos, Timóteo sentiu subir às faces os restos de dignidade e gritou, sempre de longe:

— Você quer matar a Chica, José?

— Deixe ensinar esta cabra, seu Timóteo. Ela nunca viu homem, e por isso anda aqui feito galinho de terreiro, ou peru de roda, metendo medo a todos dos Afogados.

Assim dizendo, José montava-se literalmente na mameluca e dava-lhe com os restos da raiz da gameleira já sem serventia. A faca, que minutos antes brilhara em uma das mãos, estava agora atravessada na boca do matuto, em quem o desonrado vendeiro parecia ver não uma figura humana, mas uma visão infernal que o ameaçava, a ele também, não com igual pisa, mas com a morte, que para ele era mil vezes pior.

De repente José conteve o impulso, pôs-se de pé e perguntou para si:

— E o meu cavalo?

Correu à margem e soltou um longo assobio que fez grande estrondo na solidão mal despertada; a margem estava sem ninguém, e só o silêncio respondeu ao seu chamamento. Tornou ao pátio onde alguns vizinhos, finalmente atraídos pelos gritos, no começo furiosos, depois roucos, e por último cansados e quase imperceptíveis da moribunda mulher, tratavam de restituí-la à casa.

— É a tua sorte, cabra do diabo!, disse José, olhando para o volume sem movimento que mãos piedosas arrastavam para o casebre. A tua sorte é eu ter que ir em busca do meu cavalo. Se não fosse ele, nunca mais comias farinha.

Dias depois voltou José, montado no seu cavalo, trazendo uma espingarda nova na mão, uma faca pendente da cintura, os cestos cheios de peças de pano e outros objetos que se vendiam nas lojas da vila.

— Boa tarde, seu Timóteo, disse ele, pondo-se na terra de um pulo e entrando sem cerimônia. Dá-me notícias da Chica?

— Você ainda vem falar nisso?, respondeu o vendeiro com semblante hipócrita, mas na realidade assustado.

— Por que não? Queria acabar de dar-lhe a lição que comeci na quarta-feira. Mas desta vez a coisa seria de outro jeito. Queria ver se entrava nas banhas da sua barriga este facão, como entra nesta melancia.

— Pois não sabe que a Chica morreu da sua tirania?

— Ah!, fez esta besteira? Pois então, para celebrarmos o caso, bote aguardente e vamos beber.

Timóteo encheu sem demora o copo que apresentou a José.

— Beba primeiro; disse este.

— Não, eu não bebo; respondeu o taverneiro.

— Não bebe? Pois vai beber. E não demore que tenho pressa. Atrás de mim vem alguém em minha procura, e eu não estou disposto a fazer mais carniça por hoje.

— Que imprudência a sua, menino! Não bebo, não quero beber, está acabado. Veja se me obriga.

A este rasgo de covarde arrogância que seria digna do riso e não despertasse compaixão, José respondeu, fitando os olhos no colono:

O Cabeleira

— Seu Timóteo, você está errado. Olhe que eu não posso demorar nem sou de graças. Beba a aguardente, por favor.

O taverneiro, sem fazer objeção, pôs o copo na boca e, depois de haver engolido alguns goles, devolveu-o ao rapazito, que o esvaziou quase de um trago.

Então, sem se preocupar em pagar a despesa, José saltou sobre a cangalha, pôs o cavalo a todo o galope e desapareceu no caminho, como desaparece um raio na atmosfera. Pouco depois, uma escolta subiu a ponte e parou na vendola de Timóteo. Vinha em busca de José, que havia cometido um roubo considerável na praça, tendo, para escapar, assassinado um caixeiro e deixado às portas da morte, com um sem-número de golpes, dois soldados que tentaram prendê-lo.

Estas pertencem às primeiras proezas do Cabeleira. Não contava ele então dezesseis anos completos. Cometia, entretanto, estes crimes e com esta firmeza que daria renome aos mais hábeis e audaciosos assassinos.

Apesar do modo como o tratara desta vez o jovem Cabeleira, nunca Timóteo ficara mal ou se desentendera com ele. Quem não descobre a razão de tal segredo? O colono respeitava e temia o matuto. Por detrás, dizia àqueles, de cuja fraqueza estava certo, que o José era uma oncinha que se estava criando e que era preciso, enquanto era tempo, tirar do pasto; na presença do rapaz, que já lhe tinha mostrado por duas vezes do que era capaz, só tinha ele atenções que bem denotavam a qualidade do seu espírito.

José cresceu, reformou, virou homem. Perdeu a cor terrena e pálida com que o vimos da primeira vez na taverna e tornou-se robusto de corpo e bonito de feições. Cabelos compridos e anelados, que lhe caíam nos ombros, substituíram a penugem que mal lhe abrigava a cabeça nos primeiros anos.

Timóteo fora testemunha de todas estas transformações. O rapaz tinha escolhido para seu ponto de operações contra a vila a taverna dos Afogados. Esta taverna passara a ser um como um armazém onde ele depositava o que roubava com o pai, e mais tarde, com o Teodósio, que viera associar-se a eles nos perigos e nos proveitos. O taverneiro achara-se assim em condições de acompanhar dia por dia as diferentes faces, os variadíssimos sucessos de uma das existências mais admiráveis que se conhecem na carreira do crime.

Por sua vez, José vira o nascer e o cair do taverneiro. Quando o livrara da companhia da Chica, achava-se Timóteo nos seus quarenta e oito anos. Agora chegava pelos **cinquenta** e cinco. Seu cabelo tornara-se branco; o abdome estendera-se; suas faces caíram um pouco; seus olhos sumiram debaixo das grossas sobrancelhas, que pareciam espinhos. Sem que um entrasse nos segredos do outro, os dois diziam-se amigos, e até certo ponto se apoiavam, havendo entre ambos perfeito acordo de intenções e inteira comunidade de interesses com relação a alguns assuntos.

As barras vinham quebrando quando a canoa dirigida por Teodósio encostou na beira do Capibaribe, junto à ponte dos Afogados. Dentro em pouco os ganhos da noite, colhidos às custas de sustos, sangue e morte, passou para os esconderijos da taverna. Beberam em comum os quatro; celebraram todos a magistral façanha. Timóteo aplaudiu a coragem do pai e do filho e a finura e as mágicas do Teodósio.

De repente este levou a mão à testa e correu como desesperado à margem. Os companheiros pegaram as armas e prepararam-se para o que desse e viesse. Timóteo, chegando à porta e estendendo os olhos pelo aterro dos Afogados, nada descobriu na extensa solidão que pudesse justificar a inquietação do seu comparsa.

Só o Teodósio, de pé sobre uma das mais altas ribanceiras, olhava para um e outro lado do rio e dava mostras de querer arrancar os cabelos no auge do desespero. José se preparou para encarar o que pudesse acontecer e foi falar com o desolado amigo.

— Que diabo tens tu, Teodósio?

— O dinheiro, Cabeleira, o dinheiro!

E o pardo, com o semblante desfigurado por uma dor profunda, apontou o rio que suavemente corria por entre o deserto, movendo as águas azuladas em que se refletia o belo céu pernambucano que disputa a superioridade com o céu da Itália.

— O dinheiro que tirei das gavetas do armazém lá se foi no camarote da canoa!, disse o Teodósio, com pesar indescritível.

— E que fim levou ela?, interrogou José.

— Fugiu, desapareceu! Lá se foi tudo pela água abaixo.

Ainda não tinha acabado quando a pequena embarcação aponta, movida por dois meninos que, tendo ido encher os

O Cabeleira

potes no rio, haviam se apoderado dela para brincarem, como costumavam sempre que encontravam com alguma canoa sem dono. Pobres crianças!

Assim que os viu, Teodósio empalideceu. Cabeleira porém correu para encontrá-los aceso de raiva, gritando e ralhando como louco. Amedrontados, saltaram na margem os pobrezinhos e fugiram, ao passo que a canoa, ficando solta, desaparecia novamente conduzida pela enchente da maré.

Pensando José que os meninos haviam se apoderado do dinheiro, continuou a correr no encalço deles sem ter outra **ideia** a não ser apanhá-los para arrancar-lhes das mãos o que considerava propriedade sua. Mas, como sua cólera aumentou com a fugitiva resistência dos pequenos, atirou ele sobre o primeiro que lhe ficou ao alcance o facão com tanta certeza que o pobrezinho, cravado pelas costas, caiu banhado em seu próprio sangue.

Não parou aí então a ferocidade. José, achando limpas as mãos da vítima, lançou-se com fúria atrás do camarada, o qual, tendo já ganho grande distância e sentindo que era perseguido de forma insistente, se lembrou de trepar no primeiro coqueiro que descobriu com os olhos assustados, crendo escapar por este modo ao terrível assassino. Reconheceu, porém, que se havia enganado, quando deu com as vistas em José, que do chão se esforçava para feri-lo com o facão.

— Ajuda, mamãe, que o homem quer me matar — gritou o menino das alturas aonde havia subido.

— Ah, tu pões a boca no mundo, caiporinha?, observou José. Pois vou tirar tua fala em um instante.

Um tiro covarde, cruel, estrondou pelos ares. Líquido farto e quente gotejou sobre a areia e, no mesmo instante, o corpo do inocentinho, caindo aos pés de Cabeleira, veio dar-lhe novo testemunho de sua perícia na arte de atirar contra seu semelhante⁴.

Quem estivesse com os olhos em Teodósio no momento em que Cabeleira correria atrás dos meninos tê-lo-ia visto atirar, dentro em uma moita de muçumbés e manjeriobas, que ficava perto da ribanceira, um pesado pacote que tirara do bolso. Neste

⁴Diz a trova popular: “Lá na minha terra / Lá em Santo Antão / Encontrei um homem / Feito um guaribão / Pus-lhe o bacamarte / Foi pá, pi, no chão”.

pacote achava-se o dinheiro roubado ao lojista pelo astucioso ladrão que agora o furtava novamente aos próprios companheiros, depois de haver ajudado, com sua trapaça, para a morte das inocentes criaturas.

Quando se soube que Cabeleira estava na terra e tinha sido o autor do latrocínio, a povoação horrorizada tratou unicamente de escapar à sua ferocidade. Grande parte dos moradores fugiu para os matos e praias circunvizinhas. Outros, dos mais corajosos, fortificaram-se nas próprias habitações, contando que seriam assaltados pelos matadores.

Felizmente estes demoraram-se no lugar unicamente o tempo que lhes foi preciso para por em ordem os objetos roubados, segundo usavam depois de suas depredações.

Capítulo III

Como nunca um mal vem desacompanhado, segundo muito bem diziam nossos maiores com aquela autoridade que, entre outros ofícios, não se lhes pode recusar na ciência da vida, ao grande contágio das bexigas, que no ano de 1775 e numa parte do seguinte assolou a província de Pernambuco, sucedeu uma seca abrasadora, mal não menos penoso senão mais funesto que o primeiro em seus resultados.

Se, por ocasião do referido contágio, subiu o número das vítimas tanto que os cemitérios e as igrejas já não tinham espaço para lhes oferecer sepulturas, que diremos nós para darmos a conhecer não unicamente os efeitos da peste, comum a todos os climas e a todas as regiões, mas juntamente com estes efeitos os da seca, castigo especial de algumas de nossas províncias do Norte?

Com exceção da febre amarela, por ocasião de sua primeira invasão, a qual se verificou em Pernambuco em 1686, não consta que alguma outra calamidade de peste tenha sido mais fatal àqueles povos do que a já dita calamidade. Do mesmo modo a seca, chamada no Ceará seca grande, que arrasou Pernambuco desde 1791 até 1793, sendo mais intensa e duradoura do que a de 1776, ficou aquém nos estragos produzidos nesta última província, onde esta seca foi precedida do terrível contágio que levou milhares de almas como já dissemos. Dois castigos, um imediatamente depois do outro, para não dizermos dois castigos reunidos, dos quais o primeiro disputava com o segundo a liderança no abater e no

destruir, traziam pois a província em contínuo pranto e luto, pranto nunca chorado e luto nunca visto em tamanha extensão, no tempo em que se passaram os acontecimentos que diremos neste capítulo.

Governava então Pernambuco José César de Meneses, que não demorou a mandar para diferentes pontos recursos médicos e alimentícios, a fim de combater a epidemia e diminuir a pobreza no seio da qual, ao mesmo tempo que a fome, **consequência** natural da seca, ia ela buscar, como sempre acontece, o maior número de suas vítimas.

Não se fez esperar, com sua parcela de auxílio, o poder espiritual, então amigo desinteressado e leal do poder civil, não só em Pernambuco, mas também em todas as capitânicas do Brasil. E por que não havia de acontecer assim, se no Vaticano ainda volteava, representado na pureza e sabedoria de sua doutrina, o grandioso espírito de Ganganelli⁵; se, aos jesuítas expatriados, repelidos do seio de todos os Estados civilizados, faltava a organização que havia antes imposto ao mundo esta companhia como a mais poderosa das até a esse tempo conhecidas e que veio depois devolver-lhes não a totalidade, mas uma grande parte do perdido predomínio; se no palácio da Soledade se sentava D. Tomás da Encarnação Costa e Lima, que tornou distinto o decênio de seu ministério por sua ponderação, por sua brandura, por suas virtudes, as quais nos corações dos diocesanos foram erguidas altares mais naturais e mais sólidos que os dos próprios templos?

Um bispo que compreende sua missão é uma das maiores fortunas dos povos que pastoreia; porque tal bispo, para proceder assim, tem necessidade de saber e de exercitar a caridade; porque um tal bispo não admite em seu coração a mais mínima sombra de ódio e só possibilita a entrada nele à humildade, à modéstia, aos mais delicados afetos paternais; porque de todos estes predicados só se podem originar grandes e edificantes benefícios para os crentes e particularmente para os pobres.

D. Tomás dirigiu-se a este ideal, único em que devem ter os olhos aqueles que se acobertam com as vestes episcopais antes para representarem, como lhes cumpre, o ofício da piedade e do amor celestial que a magistratura das ambições do mundo.

⁵Giovanni Vincenzo Ganganelli, Papa Clemente XIV.

Acredito que D. Tomás foi bom, piedoso e justo por efeito de sua própria natureza; há porém quem diga que deve ele seu adiantamento no caminho da perfeição católica, de que nos deixou belíssima figura, ao estudo dos exemplos que lhe deixaram seus predecessores e ao empenho com que buscou imitá-los.

O que fica fora de toda dúvida é que D. Tomás achou a cadeira episcopal de Olinda verdadeiramente ilustrada por visíveis e honradas virtudes que não foram até hoje igualadas. Assim, D. Francisco de Lima morreu tão pobre que só encontraram, de seu, 40 réis em dinheiro. Ele havia gastado todas as rendas na sustentação das trinta missões de índios que reunira e visitara no seio de rudes sertões, sendo preciso, para cumprimento deste apostólico dever, transpor mais de duzentas léguas na avançada idade de 70 anos. D. José Fialho não deixou nunca de exercitar as funções pastorais com honra sua e proveito público. Por ocasião de uma epidemia que se alastrou na província, este respeitável sacerdote frequentou o púlpito, visitou os enfermos, acudiu aos necessitados e deu ordem nas drogarias para que, por conta dele, se providenciassem remédios para os doentes que os médicos e cirurgiões declarassem serem pobres.

Exercitou a caridade com tanto fervor que sua família veio a experimentar em casa falta do necessário. D. Luís de Santa Teresa deu começo ao palácio da Soledade e ajudou na fundação dos recolhimentos de Olinda, Igarassu, Afogados e Paraíba, gastando nas respectivas obras o produto de suas rendas; missionou desde Porto Calvo até o Rio Grande do Norte.

Finalmente D. Francisco Xavier Aranha concluiu o palácio, realizou diferentes melhoramentos na igreja da Sé e em várias outras igrejas, visitou grande parte da diocese e foi muito zeloso nos deveres de seu sagrado ministério. Depois de D. Tomás, dignificaram ainda aquela cadeira D. Diogo de Jesus Jardim, o esmoler⁶, D. Azevedo Coutinho, o sábio, D. Marques Perdigão, o piedoso, o pacificador.

Estamos pois em 1776. É no momento em que o fogo da peste mais abrasara a província. D. Tomás mandou distribuir esmolas pelos pobres de Olinda e do Recife e despachou, como havia feito o governador, socorros em dinheiro e alimentos às povoações mais afligidas do mal.

⁶Aquele que dá esmolas frequentemente; caridoso.

Para completo desempenho de seu dever pastoral, ordenou que se fizessem preces em todas as matrizes e em todos os conventos e convidou o povo a procissões de penitência. As procissões eram então atos majestosos e dignos. Uma delas produziu tão viva e edificante impressão no espírito do povo daquele tempo que o historiador se julgou na obrigação de transmitir sua memória à posteridade.

Eram sete horas da noite quando esta procissão, que saiu da igreja de S. Pedro, se encaminhou à da Madre de Deus, designada para um rigoroso *miserere*⁷. O bispo acompanhou-a em pessoa, descalço e confundido com o povo. Todos, vestidos de branco, disciplinavam-se com sincero arrependimento.

Tendo chegado à igreja, D. Tomás subiu ao púlpito, donde sua palavra começou a cair com a singela **eloquência** que a verdadeira piedade faz nascer e a que o amor paternal autoriza. O devoto bispo havia se inspirado naquela passagem que um dos primeiros luminares das letras portuguesas, Fr. Luís de Sousa, nos deixou em sua imortal *História de S. Domingos*, e que se refere ao sermão pregado com idêntico fim pelo visitador Fr. João Furtado em Évora.

Antes que o povo começasse a se dispersar, três penitentes, envoltos nos competentes lençóis e armados com as respectivas disciplinas, tomaram pela Rua Direita abaixo trocando entre si palavras que davam a entender que eles se achavam cheios mais de contentamento que de arrependimento, sentimento que a ocasião autorizava em tais sujeitos. Eram Joaquim, José e Teodósio, como o leitor já deve ter compreendido.

Quando D. Tomás se recolheu a seu palácio, achou-se roubado. José, Joaquim e Teodósio, que, no momento em que ele saía para cumprir a piedosa missão, haviam se introduzido dissimuladamente, com a facilidade que proporciona o disfarce, em uma das muitas salas ou em um dos muitos corredores desse edifício, tinham tirado, na ausência do venerando proprietário, não os castiçais de prata, como fizera João Valjean em casa do bispo Miriel⁸, mas diferentes quantias que D. Tomás destinara para novos auxílios à pobreza do alto sertão mais afligida da fome do que nenhuma outra da diocese. Estas quantias achavam-se

⁷Oração de apelo pela piedade alheia.

⁸Personagens do livro *Os miseráveis*, de Victor Hugo.



repartidas e já devidamente acondicionadas em pacotes, que só esperavam oportunidade para seguirem seu destino.

O digno religioso viu a triste verdade na confusão em que, ao entrar em seu gabinete, achou os ofícios e instruções, os quais, com as esmolas da sua profunda piedade agora desaparecidas, dirigia aos párocos dessas longínquas e desvalidas freguesias.

No dia seguinte, muito cedo, um cavaleiro esbarrou na vendola de Timóteo e, saltando em terra e batendo com alguma precipitação na porta, perguntou para dentro:

— Ainda está dormindo, seu Timóteo?

— Quem é você?, perguntou o vendeiro em resposta à pergunta que deixamos repetida.

— Abra a porta sem demora, que tenho que lhe dizer.

O recém-chegado era um crioulo alto, magro, de boa cara e de jeitos que revelavam extrema bondade.

— Olhe, seu Timóteo; ouça-me. Eu sei que em sua casa está o Cabeleira com o pai e o Teodósio; e por isso corri a avisá-los. Uma tropa vem já do Recife para prendê-los. Diga a eles que se metam no meio do mato enquanto é tempo.

— E como soube você disso?

— Sabendo. No começo do Aterro eu passei por ela. O governador ficou muito escandalizado com o que eles fizeram ontem à noite no palácio do bispo, e diz que vai pô-los na corda mais dia menos dia. Tudo isso me contaram na venda de seu José, do pátio da Ribeira.

— Homem, não posso deixar de agradecer seu aviso.

— Não tem que me agradecer. Eu quis fazer este serviço ao próprio Zé Gomes; com o pai pouco me importa, que, aqui entre nós, é muito grosseiro e desaforado. Mas, tendo meu irmão Liberato visto Zé Gomes menino, e querendo-lhe por isso algum bem, achei que era minha obrigação fazer o que em meu caso faria meu irmão para livrar do risco o antigo conhecido. **Diga-lhe** isto mesmo. E até a primeira vista, que tenho que ir encher ainda de aguardente estes barris no engenho da Madalena; além disso a tropa já deve vir bem perto no faro das cascavéis que estão no ninho.

Quando Timóteo deu parte do que lhe dissera o negro, não encontrou os três malfeitores (os quais na realidade tinham passado a noite na taverna), apenas o Teodósio, que, sabendo

O Cabeleira

de tudo melhor do que os outros dois, os quais haviam unicamente ouvido através das portas algumas das palavras do negro, correu sem demora a meter-se em uma espécie de esconderijo que arranjava em Tejipiô e cuja existência era só dele conhecida.

Na época em que se passou esta história, o Capibaribe fazia, adiante do Forte da Piranga, um cotovelo, que foi depois aterrado e é hoje quintal de uma casa. O ângulo internava-se na direção do sul por entre uns lajedos que se sumiam dentro de um capão de mato. Era uma situação selvagem e encantadora, pela fartura da amenidade e das sombras com que a dotara a natureza, a qual desde os Afogados até o Peres apresenta uma face monótona e triste — uma imensa planície, coberta de capim.

Por entre as lajes via-se uma vereda de gado que ia dar no engenho da Madalena ou do Mendonça, segundo o chamaram antes. Esse atalho encurtava quase um quarto de légua do caminho para quem tinha de ir da margem direita ao dito engenho. O crioulo, de nome Gabriel, foi margeando o rio até ao ponto em que este adentrava no continente. Nesse ponto o terreno acidentava-se um pouco e elevava-se até as lajes negras, pelo meio das quais o gado tinha aberto sua passagem, melhor e mais naturalmente do que o faria o homem.

No momento em que o negro ia entrar no mato que cobria o sítio, alguns ramos se afastaram violentamente de um dos lados, e dois sujeitos literalmente armados surgiram diante de seus olhos.

Vendo-se assim assaltado por Joaquim e pelo filho deste, o crioulo pôde unicamente dizer estas palavras:

— Acabo de lhes fazer um bem, e é deste modo que vocês me pagam?

— Desce do cavalo, negro. Este cavalo foi teu até este momento; de agora em diante ele nos pertence, e é preciso que nos entregues quanto antes.

— Meu cavalo!, exclamou o crioulo com tristeza. Meu cavalo é meu único bem, meus senhores. Se vocês me tomarem, com que darei eu de comer a minha mulher e a meus filhos, que não têm outro arrimo senão eu?

— Que morram de fome como estão morrendo da seca os outros por aí. Além do mais, não será difícil para ti comprar outro cavalo para continuar em teu ofício. Este é que deves perder. Precisamos dele já para fugir, com tempo, da tropa que aí vem.

— Perdão, meus brancos — disse Gabriel com a voz mais doce e terna que pôde. Eu peço a vocês que me deixem ir embora. Em que os ofendi? Não os tenho respeitado sempre? Vocês não me conhecem? Sou um pobre negro que nunca fez mal a ninguém e que segue seu caminho caladinho sem se importar com a vida dos outros filhos de Deus.

Os dois matadores não estavam, ao menos naquele momento, para estas banalidades, e, conscientes de que era preciso remover o empecilho, saltaram sobre o crioulo e, fazendo-o descer com violência, tomaram-lhe o animal, o qual se deixou passivamente conduzir pelo cabresto a um fechado da mata onde Joaquim julgou prudente recolhê-lo sem demora. Gabriel, que de pé e imóvel viu, com lágrimas nos olhos, desaparecer o seu único bem, refletiu com pesar:

— Então, vocês vão montados para sua casa, e eu é que devo ir para a minha de pé, sem o meu cavalo, hem?

— Ainda estás aí falando, negro? Vais querer tomar satisfações?, replicou o Cabeleira, voltando-se e fixando sobre Gabriel a vista que chamejava como a de um chacal.

— Sim, eu sou negro, é verdade; mas os brancos **tomam-me** o que é meu e deixam-me sem caminho nem carreira, com uma mão adiante e outra atrás.

A estas vozes o Cabeleira não pôde mais se conter e, de um só pulo, fez-se sobre o seu interlocutor. Este, porém, já não se achava no mesmo lugar, mas sobre uma das lajes que davam para o rio, tendo em uma das mãos uma faca nua, que refulgia aos raios do Sol.

— Se quer brincar na ponta da faca, meu branco, a coisa é outra, e você encontra homem, disse de cima.

Mal tinha dito estas expressões, quando a seus olhos brilhava também a faca de seu feroz adversário. Travou-se então entre eles um combate de gigantes que durou alguns minutos. A esse combate surdo, medonho, dava macabro realce o deserto com sua profunda solidão.

Os dois adversários eram muito habilidosos em jogar a faca. Nunca se encontraram competidores mais dignos um do outro. As lâminas inimigas cruzavam-se como se controladas por eletricidades iguais. O jogo da faca era já nesse tempo uma especialidade característica dos matutos do Norte, principalmente dos matutos de Pernambuco.

O Cabeleira

Na violenta disputa tinham os jogadores percorrido toda a face da laje, que, começando no estreito ângulo, ia morrer no Capibaribe por um declive. Haviam-se aproximado tanto do rio que o ruído das águas já não deixava ouvir o incessante bater dos ferros assassinos.

Estes ferros eram como duas serpentes que mutuamente se mordem sem se poderem devorar. De repente surgiu Joaquim em cima da pedra a um lado de Gabriel, o qual ficou assim entre dois inimigos.

— Ainda está vivo este negro, Zé Gomes?, perguntou o mameluco ao filho.

— É agora a sua derradeira, respondeu este.

— Com dois é impossível a um só se divertir, tornou o negro, em cuja testa a alvura do suor contrastava com o negror da pele brilhante.

José Gomes estava excitado ao último ponto e rolavam-lhe também pelo rosto bagas de suor branco e brilhante. Querendo, por isso e por outras razões, abreviar o duelo, cuja duração realmente excedia a sua previsão, apertou com o crioulo com toda a violência de que era capaz e que, como sempre, levou de vencida todas as resistências adversárias. Gabriel, ou porque conhecesse que na realidade estava exposto a iminente perigo, ou porque julgasse ser chegado o momento de pôr em ação seu plano, deixou-se escorregar, quando menos esperava o inimigo, pela face oposta da laje e foi cair dentro das águas que passavam ali rápidas e espumosas.

Cabeleira correu, fora de si, atrás do fugitivo a fim de ver se o apanhava para suavizar no sangue dele a sede que o combate lhe acendera; mas antes que houvesse transposto o espaço que os separava, a detonação de um tiro lhe anunciou que o temerário que lhe resistira acabava de pagar com a vida esta ousadia.

Um momento depois o cadáver de Gabriel, entalado entre duas pedras que sobressaíam às águas no meio do canal, **tingia-se** com o seu sangue, e Joaquim o mostrava com o cano do bacamarte, ainda fumegante, ao filho, que nunca pôde, como seu pai, matar tainhas a tiro nas águas turvas das enchentes.

Capítulo IV

Segundo as tradições mais correntes e autorizadas, o Cabeleira trouxe do seio materno uma natureza branda e um coração benévolo. A depravação, que tão funesta lhe foi depois, **operou-se** dia por dia, durante os primeiros anos, sob a ação ora lenta ora violenta do poder paterno, o qual, em lugar de desenvolver e fortalecer os seus belos pendores, desencaminhou o menino como veremos e o reduziu a uma máquina de cometer crimes.

Como é possível porém que se tivesse tornado bastardo de tal forma a obra que saiu sem defeito das mãos da natureza? Como se compreende que uma organização sã tivesse se corrompido ao ponto de exceder, no desprezo à espécie humana, a fera que se alimenta de sangue e carnes fumegantes, não por uma aberração, mas por uma lei da sua mesma animalidade?

É que a mais forte das constituições, ou índoles, está sujeita a alterar-se sempre que as forças estranhas, que atuam sobre a existência, acham-se em luta com suas inclinações. Por mais enérgicas que tais inclinações sejam, não poderão resistir a estas três ordens das ações humanas — o temor, o conselho e o exemplo, que formam a base da educação, segunda natureza, mais poderosa do que a primeira.

No caminho da vida o Cabeleira veio encontrar a seu lado Joana, exemplo vivo e edificante pela ternura, pela bondade, pelo espírito de religião que a caracterizava. Em contraposição porém a este elemento de edificação, do outro lado da criança **achava-se** Joaquim, não só naturalmente mau, mas também obcecado desde a mais tenra idade na prática das torpezas e dos crimes.

O Cabeleira

Boa mãe era Joana, mas era fraca. Que podia a sua doçura contrastada pela ameaça, pelo rigor, pela brutal crueldade daquele que estava destinado a ser o primeiro algoz do próprio ente a quem dera a existência?

A mulher é tanto mais forte, e a sua influência direta e decisiva na formação dos costumes, quanto mais puro é o ambiente do meio social onde ela respira e esclarecidos são os entes com quem coexiste. Colocada em tal centro, a mulher não é somente uma providência, mas principalmente uma divindade. As suas forças elevam-se à altura das potências de primeira ordem, e ordinariamente são potências triunfantes, onde quer que seja o mundo moral, não um caos, mas uma criação grandiosa e harmônica, em conformidade às leis da estética cristã e às altas conquistas da civilização que possuímos. As suas qualidades delicadas, fontes de grandezas ímpares, tornam-se porém nulas ou são vencidas sempre que entram em luta com a ignorância, com o vício, com o crime.

Infelizmente para o Cabeleira, grande ânimo que poderia ter vindo a ser uma das glórias da pátria se a sua bravura e a sua firmeza houvessem servido antes a causas nobres que a reprovados interesses e cruéis necessidades, sua mãe dócil, ainda que ignorante, de bonitas ações, nascida de gente humilde, não só não pôde exercitar no infeliz lar a ação benéfica que à esposa e à mãe reservou a natureza, como até foi, a exemplo de seu filho, uma vítima, não menos do que ele, digna de compaixão, um juguete dos caprichos e instintos brutais daquele a quem ela havia ligado o seu destino não para que fosse o seu tirano, mas para que a ajudasse a carregar a cruz da pobreza.

Pela sua organização, pelos seus predicados naturais, o Cabeleira não estava destinado a ser o que foi, nós o repetimos. Os maus conselhos e os péssimos exemplos que lhe foram dados pelo desnaturado pai converteram seu coração, acessível, no começo, ao bem e ao amor, em um músculo bastardo que só pulsava em favor das paixões condenadas.

Desgraçadamente estas paixões que nele escandalizara a sociedade da época não desceram com seu corpo à sepultura, elas estão aí exercitando em nossos dias o seu terrível império à sombra da ignorância que ainda nos domina e que em todas as terras e em todas as idades tem sido considerada, com razão,

a origem das principais desgraças que afligem e destroem as famílias e os Estados.

Joana, a mãe boa e fraca, viveu em luta constante com Joaquim, o pai sem alma nem coração. José foi sempre o motivo, a causa desse combate sem tréguas, José, o filho sem sorte que estava condenado a levar para a posteridade um **eloquente** exemplo de que sem educação e sem moralidade é impossível a família; e que a sociedade tem o dever, antes do direito, de obrigar o pai a proporcionar à prole, ou de proporcioná-lo ela quando ele não o possa, o ensino que forma os costumes domésticos nos quais os costumes públicos se firmam e pelos quais se modelam.

Aos sete anos de idade, o pequeno já sabia matar passarinhos com seu bodoque, presente que lhe dera o pai com expressa recomendação de treinar-se em seu uso para que viesse a ser mais tarde um ótimo atirador.

— Ó, José, ouve bem o que te vou dizer. Quando o sanhaçu ou o bem-te-vi não cair morto da bala do bodoque, mas só com uma perna ou uma asa quebrada, não aperte o pescoço para que não fique penando. Faz um espetinho e crava-o na carne do passarinho. Tu não sabes que os passarinhos são diabinhos que nos perseguem, furando as laranjas e destruindo as bananas do quintal?

— Tenho pena, papai, e não farei isso aos pobrezinhos, respondeu o menino.

— Tens pena, tu, José? Pois sabe que é preciso que percas esta pena e que te vás acostumando a ser homem. Se hoje cravas o espeto no bem-te-vi, amanhã terás necessidade de cravar a faca no peito de um homem; e se no momento da execução tiveres a mesma pena, ai de ti!, que tua mão se enfraquecerá, e o homem te matará.

Uma manhã José entrou saltando de contente e trazendo um preá que a armadilha tinha apanhado.

— Ó, papai, como é que vou matar este preá?

Joana chamou o menino para junto de si, tomou-lhe a presa que ele trazia e olhou-a com ternura.

— Olha, meu filho, olha bem para ele. Não achas vivos e bonitos os olhos do preazinho? Que lindo pescoço! Que mãos bem-feitas! Que dizes, José?

O Cabeleira

— É, mamãe. Acho tudo bonitinho.

— E, se o achas bonitinho, para que queres matá-lo, meu filho?

— Para aprender a matar gente quando eu for grande.

— Matar gente! José, José! Quem te ensinou esta barbaridade? Virgem da Conceição!

— Foi papai, mamãe.

— Não, eu não permitirei, nem o céu permitirá que levantes em tempo algum a tua mão para ofender alguém. Que desgraça, Mãe Santíssima! Como é que Joaquim ensina semelhantes coisas ao filho?!

— Dê-me o meu preá, mamãe. Quero espetá-lo vivo como fiz ontem com o papa-capim.

— Ainda me vens falar nisso?, exclamou Joana desolada.

E levada de uma inspiração ou de um repente irresistível, chegou à porta que dava para o pequeno cercado onde o capinzal crescia e aí soltou o inocente prisioneiro.

José chorou, gritou, esperneou, rolou pelo chão com raiva. Irritada por este procedimento, para o qual ela foi buscar explicação na inconveniente direção que Joaquim ia dando a José, no impulso de reprovadas paixões de que pensava estar isento o filho, naturalmente dócil e terno, puxou-lhe de leve pelas orelhas, dizendo-lhe que se judiasse outra vez com os passarinhos lhe daria uma surra que ele ia agradecer.

Quando Joaquim voltou a casa, o menino foi lhe contar o que tinha acontecido. O mau marido e péssimo pai brigou com Joana, em quem por um triz não bateu; e para completar a lição e o mau exemplo, prometeu a José que o primeiro preá que a armadilha pegasse receberia um gênero de morte que ele ainda não conhecia.

O menino mal pôde dormir aquela noite. Nunca desejou tanto que a armadilha lhe desse caça. A curiosidade de conhecer a nova forma de matar os animais, prometida ao primeiro que tivesse a sorte de se deixar apanhar, o deixou por muito tempo na maior excitação e vigília.

Pela manhã correu José à armadilha, onde encontrou, em lugar de preá, um coelho. Era uma lindeza o animal. Gordo, coberto de macio pelo, em que se podiam notar ligeiras malhas tão alvas como o algodão, que pendiam dos cachos acima de

sua prisão, o filho do campo despertava, pela beleza das formas e pela harmonia dos contornos, todos os sentimentos benévolos de que é capaz o humano coração. Os olhos reluziam como dois coquinhos polidos, o coração batia-lhe rápido como se quisesse sair pela sua boca. E essa criatura tão pura e inofensiva ia morrer! Oh, meu Deus, por qual extravagante e bárbara interpretação das leis naturais o homem se julga com direito à vida de semelhantes entes, que mais merecem a sua proteção do que desafiam a sua covardia?

Quando José, dominado pela formosura da inocente criaturinha, estava ainda admirando os seus encantos, um movimento violento arrancou-a das suas mãos.

— Meu coelho!, gritou o menino sentido por lhe terem tirado à força a graciosa presa.

— Ah, pensou que eu não veria isso, José? Não, este lindo animal não morrerá.

— Sim, sim, mamãe; eu não o levarei a papai para o matar, como ele disse; não quero que o meu coelho morra. Ele é tão bonitinho, que faz gosto. Quero criá-lo para mim, para mim só, já ouviu, mamãe? Meu coelhinho tão bonitinho!

José estava fortemente comovido, e Joana, fixando nele olhos investigadores, leu em seu rosto a pureza e a sinceridade da sua comoção, sinal visível, senão prova convincente, da excelência das inclinações do filho. Todas as dúvidas que traziam seu espírito em contínua inquietação desapareceram diante do enternecimento do menino, de cuja ternura e natural bondade já não lhe foi bom duvidar.

— Dê-me o meu bichinho, mamãe — pediu José quase chorando.

— Ele é teu, José, e ninguém, ainda que seja teu pai, vai te tirar. Mas, antes que o tenhas contigo, quero saber por curiosidade o que vais fazer do coelhinho.

— Ora! Vou levá-lo para casa. Levo logo daqui capim bem verde para ele comer e faço lá uma caminha no canto do meu quarto para ele dormir junto de mim.

— E se teu pai quiser matá-lo?

— Pedirei a papai que o não mate, não. Olhe, mamãe: o melhor é eu ir esconder o coelhinho no mato sempre que meu pai estiver para chegar. Deus me livre de ver meu coelho morrer.

O Cabeleira

— Deus te livre, atrevido!, gritou ao pé da mulher e do filho o mau marido, o pai desnaturado, carrasco da família antes de ser da sociedade e de si próprio.

E, arrancando com brutalidade das mãos de Joana o pobre animal, fez gesto de lhe quebrar a cabeça contra uma pedra.

— Que queres fazer, Joaquim?, interrogou Joana, apesar de estar aterrorizada pela presença do marido.

— Ainda perguntas, mãe covarde, que só sabes dar a teu filho lições de covardia? Eu não quero que meu filho se torne chorão.

— Mas eu também não quero que ele vire assassino.

— Vou ensiná-lo a ser valente. Vai aprender comigo a jogar a faca, a não desmaiar diante de sangue como tu desmaias, mulher sem espírito, que não tens ânimo para matar um leitão. Não sabes que o assassino é respeitado e temido? Queres que ninguém ligue para teu filho?

— Mas eu não quero que meu coelhinho morra, papai.

— Que estás dizendo, mal-ensinado?

O menino quis chorar, com o que se mostrou muito escandalizado o tirano da família, que, para o fazer chorar com mais gosto, segundo disse, lhe deu três ou quatro pancadas fortes, depois das quais José mal pôde ficar em pé. Joana, não podendo ver o filho apanhar sem razão, partiu para cima de Joaquim, a fim de lhe tirar das mãos o pequeno; mas Joaquim repeliu-a com tanta força que a fez cair por terra; e voltando-se imediatamente para José, perguntou-lhe com gesto e voz de meter medo:

— Então, mata-se ou não se mata o coelho, José?

— Mata-se, papai — respondeu o pequeno com as faces banhadas de lágrimas ainda.

— Não quero que chores. Quem é homem não chora, quem é homem faz chorar.

E, se dirigindo para a casa, com o filho pela mão:

— Vais ver agora de que modo morre o coelho, disse com expressão que se não pode descrever.

— Meu Deus, meu Deus! Que desgraça esta, que desgraça minha!, exclamou Joana quando os viu desaparecer na volta do caminho.

Os corações maternais têm inspirações angélicas e grandes. Joana, que não havia se levantado ainda, pôs-se de joelhos



O Cabeleira

no meio da natureza verde que a tinha recebido em sua queda e, elevando os olhos úmidos e tristes ao céu profundo e belo que se estendia a perder de vista acima de sua cabeça, enviou a Deus esta súplica cheia de amor e filosofia:

— Senhor, Senhor, protegei meu filho. Inspirai nele sentimentos brandos, meu Deus. Que ele seja bom e que conheça e tema o Senhor.

Não pôde ir adiante a infeliz mãe cuja voz fora afogada por lágrimas violentas que lhe saltaram dos olhos contra o seu querer. Mas, de repente, como se tornasse a si de um sonho penoso e achasse de novo todas as suas **ideias** um instante apagadas pela intensa dor, Joana fez em pedaços a tábua e entupiu com pedras o buraco com que se armavam ciladas aos inofensivos filhos do deserto. Tendo assim destruído a armadilha, tomou o caminho de casa, na qual se deparou com um espetáculo que ela nunca imaginaria e que por um triz não abateu de vez seu cansado espírito. Uma força havia sido levantada com ramos verdes no terreiro em sua ausência, e dela pendia o coelho, minutos atrás cheio de vida, agora morto, o pescoço distendido, os belos olhos empanados. José não só não chorava, mas até se mostrava indiferente ao espetáculo repugnante, como se já não fosse o mesmo que, poucos instantes antes, havia manifestado os mais generosos sentimentos a favor da vítima. O contrário deste recente passado representava-se agora aos olhos de Joana: o pequeno aplaudia cada balanço que Joaquim, por entre dizeres grosseiros e de mau gosto, proporcionava ao corpo inanimado do animal.

Joana não pôde conter, diante da cena final daquela tragédia, a sua justa e bela indignação.

— Homem cruel, onde aprendeste esta lição indigna que acabas de ensinar a teu filho?

A esta angélica reprovação, Joaquim respondeu com uma gargalhada de desprezo que retumbou por toda a vizinhança.

— Quem matou o coelho, José?, perguntou Joana ao menino, para o qual tinha a autoridade que não podia exercitar sobre o principal responsável do estranho crime.

— Fui eu, mamãe. Papai mandou que eu matasse, e por isso matei o coelho.

Joana voltou novamente os olhos entristecidos para Jo-

aquim, o qual não demorou a falar com a imprudência que o caracterizava.

— Fui eu mesmo que o mandei. Que tens com isso? Vais querer tirar satisfação?

— Eu não, Deus sim; Deus vai tomá-las um dia, homem sem coração.

— Deus! Quem é Deus, sua tola? Quem já o viu? Quem já ouviu a sua voz? Estás caducando, mulher.

Sem ter para o seu tirano outra resposta que o silêncio, Joana se contentou em calar e foi cair sobre um tamborete, com o rosto inundado novamente de lágrimas.

Tempos depois entrou José em casa gritando e chorando. Foi o caso que, tendo ele querido tomar de um menino do vizinho uma xícara de arroz-doce, o menino, que tinha mais idade, mais corpo e mais força do que ele, não só não se deixou roubar de sua propriedade, como até bateu em José com vontade, sem contudo se sair ileso, porque José lhe arranhou sua cara com as unhas e lhe arrancou da coxa um pedaço de carne com os dentes.

Sabendo do acontecido, Joaquim fez de uma folha de facão velho um punhalzinho e, chamando o filho, entregou-lhe a nova arma, mediante este discurso:

— Sabes para que te dou este ferro, José? É para não sofreres desaforo de ninguém, seja menino ou menina, homem ou mulher, velho ou moço, branco ou preto o que te ofender. Se alguma vez entrares em casa, como entraste hoje, apanhado, chorando, ouve bem o que estou te dizendo, dou-te uma surra de tirar pele e cabelo e corto uma orelha tua para ficares marcado. Toma o ferro.

José tinha então seus nove para dez anos e ouviu a advertência do pai com toda atenção, prometendo cumprir fielmente as suas ordens. Joana, que tudo presenciara, e certamente já decidira não contrariar abertamente o marido para não o levar a maiores excessos, aguardou a sua ausência e, em seu tempo, deu a José as lições de moral que seguem:

— Meu filho: Deus, nosso pai, que está no céu, não pode receber bem os feios atos a que teu pai, que está na terra, te aconselhou há pouco. Para os mais velhos, não sejas nunca **mal-educado** e muito menos ofensivo; deves ter sempre respeito pelos idosos. Seja a tua única vingança, quando alguém te ofen-

der, a pacífica retirada; não há vingança maior, nem mais digna: agindo deste modo, terás, meu filho, agradado a Deus e dado aos homens mais bonito exemplo do que se tivesses falado, em resposta, palavrões contra o teu ofensor. As armas só servem para promover a prática de crimes; os homens bons não trazem consigo armas. Dá-me o punhal, que teu pai te deu de presente, e recebe em troca este rosário que te dou para tua consolação nas dificuldades⁹. Reza por estas contas e te encomenda todas as manhãs e todas as noites a Deus. Assim praticando, serás querido de todos e darás prazer a tua mãe, que morreria de dor e vergonha se te visse longe do caminho do bem.

De que serviram porém estes bons conselhos, se Joaquim, vendo mais tarde o rosário no pescoço do filho, fê-lo em pedaços, espalhou as contas pelo chão e chamou a mulher de feiticeira? Não ficou aí a manifestação do seu desgosto. Voltando-se para Joana:

— Se continuares a fazer besteiras como esta — disse ele — acabas queimada, bruxa; e eu não respondo pelo que venha a praticar para impedir que continues a contrariar as minhas determinações. Quem avisa amigo é.

O pároco, que soube do escândalo, mandou chamar Joaquim à sua presença e lhe disse que, se ele repetisse a cena do rosário, ou fizesse ato idêntico, seria ele Joaquim quem iria morrer queimado por crime de heresia.

Joaquim tornou a casa tão furioso que puxou a faca para matar Joana, a quem culpou pelo mexerico; esta, porém, não correu nem pediu que a ajudassem; limitou-se a chorar em silêncio a sua desgraça e a apelar para Deus, a quem não parava de encomendar o filho em suas orações.

Depois de haver esgotado o vocabulário das expressões desonrosas contra sua mulher e dos ditos imundos contra o vigário, determinou Joaquim de deixar a casa para se ir meter com José no “oco do mundo”, palavras suas.

Que noite passou Joana!

Não houve súplica, não houve lágrimas que abrandassem o coração do mameluco. Desgraçada mãe, que pediste e choraste em vão, em vão como sempre!

⁹A trova popular diz: “Minha mãe me deu / Contas p’ra rezar / Meu pai deu-me faca / Para eu matar”.

— Vai só, Joaquim, já que queres me deixar; deixa, porém, comigo meu filho; peço-te esta graça por tudo quanto há de sagrado na terra e no céu — disse ao marido a infeliz mulher com angelical doçura, momentos antes da partida fatal.

— Nessa não caio eu, replicou Joaquim. Se José ficasse em tua companhia, quando eu voltasse um dia por aqui, achava-o servindo ao vigário ou, pelo menos, feito sacristão.

José, entretanto, como querendo evitar as saudades da despedida, encaminhou-se para o quintal, donde se pôs a olhar para os araçazeiros e goiabeiras em que ele foi encontrar novo motivo de pesar com que não contava. Eis que uma menina de longos cabelos castanhos, que estava brincando em um dos quintais contíguos, foi tirá-lo da sua contemplação.

— Que está você fazendo, José?

— Ora! Não sabes que vou sair de casa, Luisinha?

— Não sabia, não.

— Pois vou, e não sei quando voltarei. Estou triste. Tenho pena de deixar mamãe.

— E de mim não tem também pena?, perguntou ela com suave ingenuidade.

— Tenho também, sim; eu estava lembrando de você agora mesmo. Olhe, Luisinha: se eu algum dia voltar você me quer para seu marido?

— Eu lhe quero muito bem, José. Mas não gosto quando você judia com os passarinhos e dá pancadas nos meninos.

— Pois eu lhe digo uma coisa: se algum dia eu chegar aqui de volta, tenha logo por certo que não faço mais mal a ninguém. Se pareço mau, Luisinha, não é por mim.

Deste inocente diálogo os veio tirar a voz de Joaquim, que chamava por José para partirem. Pouco depois o pai e o filho deram as costas à povoação. Joana ficou de cama.

Data desse dia a vida que levaram até o momento de caírem no poder da justiça. Não foi ela nada menos do que uma longa série de atentados que dificilmente se acreditam. O número destes atentados e as circunstâncias deles não há quem os saiba com clareza. Muitos deles foram totalmente esquecidos, no longo caminho de mais de um século desde a sua prática; e, dos

O Cabeleira

que não se perderam, chegou aos nossos dias uma notícia vaga, incompleta e por vezes tão escura, ou tão confusa, que temos lutado com grandes dificuldades para, por ela, recompor esta história. É que as tradições do crime são menos duradouras que as da virtude. Há nisto uma lei benéfica da Providência.

Capítulo V

Luisinha era uma menina branca, órfã, de índole bondosa e de muito bonitos modos. Tocada pela pouca sorte da pequena, uma viúva recolheu-a em sua casa como filha e começou logo a ter para ela maternal atenção. Luisinha era digna deste amparo, não só pelos predicados já ditos, mas também pelos seus encantos naturais que a todos agradavam com justa razão.

Florinda, a viúva, deu à menina a educação que então se usava e que, com poucas modificações e alguns acrescentamentos, ainda hoje se usa no campo. Assim, não demorou muito para que Luisinha soubesse fiar, coser costuras simples, fazer bicos e rendas, respeitar os mais velhos e encomendar-se a Deus. Como era dotada de excelente coração, dentro em pouco era querida por todos do lugar e até pelos pequenos pescadores e boiadeiros que se instalavam no povoado para deixar passar o sol do meio-dia ou pernoitavam, quando não podiam, ainda com ar de dia, atravessar a mata onde se escondiam negros fugidos e malfeitores.

A mata tinha mais de légua de comprimento, e ninguém conhecia seus esconderijos. Quando se divulgou que Joaquim havia deixado a mulher, todos, a uma voz, logo previram que ele ia estabelecer dentro da mata virgem o seu novo domicílio. Por causa da sua má índole de todos conhecida, houve quem assegurasse que ele estava de mãos dadas com os criminosos de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, que ali se escondiam. Muitos destes eram conhecidos por seus nomes e pessoas e uma vez por outra faziam investidas sobre os

O Cabeleira

povoados, saqueavam as vendas, praticavam mil desatinos e escapavam sempre à ação da justiça, ineficaz naquele tempo, como ainda o é hoje a nossa polícia nos povoados longínquos, para não dizermos nas próprias capitais.

A voz do povo não era senão o eco da verdade.

Não se meteu muito tempo até que crimes de nova espécie, revestidos de circunstâncias que demonstravam a maior perversidade de parte dos **delinquentes**, vieram a atestar que os sombrios arraiais estabelecidos por ali haviam feito novas aquisições que se destacavam, nas ciladas, no manejo das armas e na firmeza das execuções.

No começo não se soube a quem atribuir o sangue novo levado às veias dos grupos dos criminosos aí asilados, os quais, embora numerosos, nunca manifestaram a audácia e a ferocidade que surpreendiam e aterravam agora as populações. Para maior confusão destas, tinha sido visto mais de uma vez o Joaquim, ora de companhia com o filho, ora cada um sozinho, montado no seu cavalo, vendendo legumes, macaxeiras, farinha, açúcar pelas povoações e fazendo compras no Recife; o que deixava, pelo menos a suspeita de que eles se davam ao trabalho da lavoura e ganhavam a vida honestamente à custa do suor de seu rosto. Mas em menos de dois anos não se pôde mais pôr em dúvida que fossem senhores dos vastos e virgens domínios, onde figuravam talvez como os primeiros e mais respeitados de todos os outros conquistadores, seus iguais.

Algumas vítimas que tinham conseguido, por felicidade ou acaso, escapar com vida das garras dos algozes, deixando-lhes unicamente dinheiro, fazendas ou gêneros, declaravam que o mais audaz e o mais terrível dentre eles era um jovem de cabelos tão crescidos que lhe batiam nos ombros, assemelhando-se aos de uma mulher. Outros diziam que tinham visto por muitas vezes o Joaquim na mata dos salteadores e que, na pessoa do jovem dos cabelos compridos, ou do Cabeleira, segundo começaram logo a chamá-lo, haviam reconhecido seu filho José Gomes.

Notou-se também uma espécie de moderação, ou de suspensão de hostilidades, ou ao menos de interrupção de crueldade nelas, de parte dos salteadores em certas quadras do ano, durante as quais não figuravam nos acontecimentos nem o Cabeleira nem seu pai. Daí se deduziu, com todo o fun-

damento, que os dois matadores não limitavam as suas correrias àquelas redondezas, mas que, pelo contrário, deixando os seus esconderijos, visitavam novos horizontes, percorriam outros lugares, como os selvagens mudam de região quando, na que preferiram para a sua temporária residência, não encontram mais com que alimentar a sua bárbara voracidade.

Esta suposição foi dentro de pouco tempo confirmada pelas notícias que se levantaram nas freguesias vizinhas e nos lugares remotos aonde o Cabeleira e seu pai foram levar o assombro e o terror de que já tinham enchido a província natal. As pacíficas ribeiras do Rio Paraíba e do Rio Grande do Norte, os engenhos, povoações e vilas das duas províncias, que trazem os nomes destes dois grandes rios, começaram a pagar, como as ribeiras do Capibaribe, as propriedades rurais e os pontos populosos de Pernambuco, o terrível imposto a que por mais de uma vez nos temos referido no correr desta narrativa. Os bandos dos ladrões escolheram para centros das suas operações as matas próximas dos rios, as catingas dos caminhos de onde podiam facilmente observar e surpreender os inofensivos viajantes, que, com o fruto do trabalho honesto e da indústria esforçada, deixaram muitas vezes nessas medonhas solidões o seu sangue, a sua própria vida.

Cresceram igualmente a idade de Luisinha e o nome odioso do Cabeleira, nome que, começando como um boato ou uma dúvida, se foi **dia a dia** condensando e se constituiu afinal uma fama que ecoou, com os uivos das feras, do sul ao norte, do sertão ao litoral, engrossando sempre com as novas façanhas, como um fraco riacho acrescenta o volume das suas águas e se faz rio com os subsídios que cada dia recebe em sua longa e demorada passagem pelo deserto.

Do fundo da obscuridade, que envolvia a sua existência, a menina acompanhou com os olhos inundados de lágrimas as fases sucessivas que atravessou esse nome destinado a ter uma página enlutada na história da pátria. E que bem dentro no seu coração estava a imagem do companheiro de infância, a quem ela nunca pôde esquecer, ainda quando esta imagem lhe aparecia, como tantas vezes aconteceu, envolta em uma nuvem de sangue e acompanhada de maldições.

À notícia de um novo atentado cometido pelo moço, que



por uma lei natural da imaginação sempre se lhe representava com as feições do menino de outrora, Luisinha sentia no coração uma dor semelhante à que produz a dentada de uma serpente.

No terço que se rezava de noite na casa de Florinda, na missão que o sacerdote celebrava de madrugada, em qualquer ocasião própria para elevar o pensamento às regiões onde flui a eterna fonte das consolações, a pobre moça tinha sempre uma oração para que Deus acalmasse a natureza de José e o tornasse, pelo arrependimento e pela correção, digno do perdão da sociedade. Ela não podia crer que, tendo sido esta tantas vezes tolerante para outros criminosos, fosse severa para o jovem que por algum tempo andara apartado do caminho do dever. Pobre, ingênua e crédula criança! Mal sabia que, para grande lição da sociedade do futuro, estava escrito que o cometa que assim abrasava a Terra percorreria a vastíssima órbita que a Providência lhe traçara e se afundaria nos espaços, não entre brilhantes auroras, mas dentro de profundas e medonhas escuridões.

Uma tarde Luisinha foi buscar água no Rio Tapacurá, que banha a cidade de Vitória, então povoação de Santo Antão, à qual pertencia Glória de Goitá, de onde era natural o Cabeleira. Santo Antão distingue-se na história pernambucana pela circunstância de estar próximo ao Monte das Tabocas, no qual se verificou, em 3 de agosto de 1645, a batalha que iniciou a insurreição portuguesa contra o domínio holandês e exerceu direta e decisiva influência no futuro político, comercial, industrial e religioso do Brasil. Esta memorável batalha, depois de seis longas horas de fogo, declarou-se em favor dos nossos primeiros dominadores. Em comemoração deste acontecimento, uma lei provincial de 6 de maio de 1843 elevou a antiga povoação a cidade, a que chamou Vitória, como acima se vê.

O Tapacurá, que no inverno tem enchentes formidáveis, estava então cortado pelo rigor da seca de que tratamos no capítulo anterior. No seu largo leito viam-se unicamente pequenos poços onde os habitantes mal achavam água para o consumo diário.

Luisinha, não querendo levar para casa água suja de lama, passou pelos primeiros poços, já muito remexidos, e foi encher a sua vasilha em um que era distante pouco menos de quarto de légua da povoação. O poço ficava à beira de um pe-

queno matagal. De um lado o terreno elevava-se gradualmente, ficando acidentado mais adiante, formando zigzagues quase inacessíveis e esconderijos escuros, ao qual as árvores davam um aspecto medonho. Do lado oposto, a margem plana, igual e descampada, formava com esta banda um admirável contraste.

Quando Luisinha, da areia do rio onde se sentara para descansar, se dispunha a levantar-se para tornar a casa, deu com os olhos em um homem que, da borda do mato, a observava em silêncio, com tal interesse que parecia querer atraí-la para si com a vista.

Sem demora correu ela ao pote, mas já foi tarde. Dando um pulo do outro lado do rio onde estava, o desconhecido veio cair no mesmo instante entre ela e a vasilha, sem perder, no rápido voo, uma só das suas armas.

— Em vão, meu bem, pretendes fugir. Antes que o diabo esfregasse um olho, estou aqui ao pé de ti, disposto a não te deixar ir embora senão por minha livre vontade.

O sítio era inteiramente deserto, e as trevas da noite não tardavam a envolver totalmente a natureza. Luisinha, lançando os olhos pela margem afora, não viu viva alma. Teve então tamanho medo que involuntariamente caiu sentada aos pés do terrível desconhecido. Lembrou-se de gritar por socorro, mas logo viu que seria inútil esta tentativa, visto que as suas vozes se perderiam no vasto ermo onde unicamente ecoava o coaxar dos sapos e das rãs, o silvo das cobras, o canto azarento dos bacuraus.

— Meu Deus!, exclamou ela. Não haverá um cristão que me ajude nesta aflição?

— Ninguém, ninguém te ajudará, moça bonita — respondeu o desconhecido, levantando-a por um braço, como se quisesse arrastá-la na direção do caminho por onde se podia ir, sem passar pela água, à outra margem.

— Mas, meu senhor — tornou Luisinha, achando em si mesma coragem de que nunca se julgara capaz — por tudo quanto é sagrado, lhe peço que me deixe ir embora. É quase de noite, e, se eu demorar mais tempo aqui, arrisco-me a encontrar algum malfeitor que me ofenda no caminho.

— Queres maior malfeitor do que eu?

— Você não é um malfeitor. Você veio caçar por estas bandas e, como me encontrou, está me metendo medo para

divertir-se à minha custa. E creio até que havia de defender-me se alguém quisesse me fazer mal.

— Certamente. Nenhum gavião seria capaz de tira das minhas unhas a minha formosa ave. Ora, vem comigo; não tenhas medo. Atravessamos por este limpo, ganhamos o campo, subimos pela serra e...

— Deus me livre!, exclamou Luisinha assaltada por novos terrores.

— Olhe: se você não quiser vir por bem, vem por mal — disse o desconhecido.

— Por mal? E onde está Deus?, interrogou Luisinha, elevando todo o seu espírito aos pés daquele que está em toda a parte para acudir aos atribulados que o invocam com sincera confiança. Nem por mal nem por bem. Eu não vou com você ainda que me custe a própria vida. Eu sei que Deus está me ouvindo de dentro deste mato, de cima deste céu. Ele vai se lembrar de mim.

Diante da firmeza com que a frágil moça respondeu à sua ameaça, o malfeitor parou involuntariamente. Tornando logo a si, porém, continuou com certo disfarce de mau anúncio:

— Ora, menina, deixe de besteira e vamos para diante enquanto o caso não fica mais sério. Se você é bonita, eu também não sou feio; assim, podemos ter filhos graciosos como os têm os passarinhos no seio da solidão.

— Meu Deus, meu Deus, tenha pena de mim enquanto é tempo!, exclamou ela quase vencida de terror.

Então, à luz do fim da tarde que enchia a planície como uma neblina, vislumbrou Luisinha um vulto que se dirigia para o lugar onde ela se achava com o malfeitor. Não foi preciso mais para que retomasse a sua coragem, que a ia desamparando.

— Pensas que não vejo quem vem ali?, perguntou o desconhecido, apontando o vulto que, como vinha pelo rasto da moça, com pouco mais estaria com eles. Eu podia agora mesmo me meter contigo pelo mato adentro. Se tentasses gritar, tapava-te a boca, e ninguém saberia o teu fim. Mas quero ficar, para, em vez de uma, levar em minha companhia duas mulheres para o mato, onde há grande necessidade.

— Estou aqui, minha mãe, estou aqui — gritou Luísa quase embriagada de prazer pela sua salvação, a qual dava por certa desde que na mulher recém-aparecida reconheceu Florinda.

O Cabeleira

O malfeitor, porém, seguro de seu poder, nem se moveu, nem se alterou sequer; e, para dar testemunho de que não fazia caso da situação inesperada, zombou de Florinda, por se apresentar armada com um cacete e um facão.

Querendo Luisinha correr ao encontro da viúva que, tendo ouvido as palavras da moça, fora em seu socorro com gestos e trejeitos de louca, o desconhecido, cujos olhos cobriram de repente com uma expressão indescritível a pobre vítima, não lhe permitiu arredar o pé de junto de si.

— Não irás — disse rudemente, colocando a mão sobre o braço da moça com tanta força e violência que a ela pareceu que ele lhe tinha dado um golpe com a arma.

Florinda era tida como a mulher mais forte de toda aquela ribeira.

Ela derrubava grossas árvores a machado, abria roças, cortava na mata virgem lenha que vendia na povoação e até pescava nas lagoas com habilidade. Não se destacava só nos serviços do campo, mas também em fazer excelentes tapiocas e ótimo arroz doce, que eram as delícias dos matutos e sertanejos nas feiras.

Era cabocla, reforçada, não feia e de boa estatura. Acreditava na existência do diabo, no inferno e nas penas eternas, como ainda hoje acredita a gente do campo e uma grande parte dos habitantes das cidades; mas em compensação tinha uma fé viva e fervorosa em Deus e era de costumes irrepreensíveis, coisa que desgraçadamente falta a muitos dos que têm hoje aquela primeira crença. Tendo ficado viúva, sem filhos, na flor dos anos, não quis se casar segunda vez, e nunca ninguém achou motivo de pôr em dúvida a sua honestidade. A Luisinha, a quem, pouco depois de ter casado, tomou sob sua proteção, como já referimos, consagrava a ela todos os seus afetos e nela fazia se resumia o seu orgulho, o seu prazer e a sua felicidade.

Não sendo de meias medidas quando se julgava ofendida, Florinda botou-se com todo o ímpeto que trazia ao desconhecido, o qual, sem soltar Luisinha, que se torcia ao aperto da mão de ferro que a segurava, rebateu o golpe do facão de Florinda com o caño do bacamarte. Com o choque o facão partiu-se, e a folha inteira foi cair dentro no poço, ficando na mão da cabocla o cabo imprestável da arma.

Florinda era prudente. Na hora que se viu desarmada, pa-

rou, dominou a sua justa indignação e, com voz masculina que lhe dera a natureza, assim falou ao malfeitor:

— Que quer você fazer com minha filha?

— Quero levá-la comigo para meu divertimento. Se tens força para impedires o meu intento, é agora a ocasião.

Ouvindo estas cruéis expressões, Florinda, que com a vista medira de cima a baixo o seu adversário, partiu para cima dele com todo o ânimo que lhe dava sua vida sem mancha e a justa defesa da filha, seu único tesouro, de todos querido. No mesmo instante o ar sibilou, e ouviu-se o som de uma pancada contra um corpo sonoro. Um grito, antes urro medonho, ecoou pela vasta solidão, e uma massa que se parecia, na forma e no peso, com um tronco de angico, tombou sobre a areia. O desconhecido acabava de fazer uma ação vil. Com a coroa do bacamarte tirara os sentidos daquela digna mulher, que o encarara sem medo.

Vendo sua mãe cair desfalecida, Luisinha quis correr em seu amparo, mas não lhe permitiu a mão do malfeitor, que a puxou para trás com grande força.

— Ah!, não conhecestes o Cabeleira, cascavel?, acrescentou ele com os olhos fitos em Florinda. Vêm meter-se na boca da onça, e depois dizem que a onça é cruel.

Aos ouvidos de Luisinha aquele nome passou como uma chama elétrica, que lhe deu forças para voltar à vida.

— Cabeleira!, repetiu ela.

Só então viu os longos cabelos que caíam em ondas por debaixo das abas do chapéu de palha sobre os ombros do assassino.

— De que te admiras? Não sabes que o Cabeleira está em toda parte onde não o esperam? Vem comigo.

E, sem mais, o matador arrastou a menina contra a vontade, a resistência, os sobre-humanos esforços que esta lhe opunha, por junto do corpo de Florinda, e seguiu em busca da margem fronteira, onde a noite era já fechada, e o aspecto do sítio pavoroso.

— Agora te conheço, José malvado — disse a moça. **Mata-me** também, já que mataste minha mãe que nunca te ofendeu.

— Ah, conhecestes afinal o Cabeleira?

— Tanto me conhecestes tu, desgraçado!

— Que queres dizer com estas palavras?, perguntou o bandido.

O Cabeleira

— Olha-me bem. Até de Luísa te esqueceste! Assassino, eu te **perdo** a morte: mata-me.

Tinham chegado à beira do pequeno matagal. O Cabeleira parou. O que acabava de ouvir o teria abatido mais depressa do que um golpe igual ao que descarregara, havia pouco, sobre Florinda, se no mesmo instante não lhe houvesse chegado aos ouvidos um assobio agudo, sinal de extrema aflição no esconderijo próximo.

— Ah!, era você? Perdoe-me, Luisinha. Eu não a esqueci. Perdoe-me. Eu não sabia que era você — disse então, com brandura, soltando a moça sem mais demora.

— Só Deus poderá te perdoar, assassino de minha mãe — respondeu, abafada em lágrimas e soluços, aquela que se considerava órfã e desvalida pela segunda vez.

— Perdoe-me, Luisinha. Nem eu posso te levar comigo, nem posso ficar por mais tempo. O meu rancho está em perigo, e os camaradas me chamam para ajudá-los. Mas espere por mim um pouco debaixo deste juazeiro, que eu quero que você me ouça. Eu volto já.

E, sem perder mais um momento, desapareceu dos olhos de Luísa como uma sombra.

Capítulo VI

Não se pode descrever o abalo que experimentou Cabeleira ao reconhecer Luísa, menina até aquele momento em sua imaginação, moça agora diante dos seus olhos deslumbrados do esplendor daquela beleza correta, natural, irritada e crente.

Pela primeira vez depois de tantos anos, o músculo endurecido que ele trazia no peito dobrou-se a uma impressão profunda, a uma força irresistível e fatal, como a cera se dobra ao calor do fogo. À medida que entrava na mata ia caindo em si, e ia se tornando mais difícil de transpor a via dolorosa por onde nesse momento arrastava os pés menos pesados que sua cabeça cheia de desencontrados pensamentos.

Pouco a pouco o passado foi se desenhando na tela, a princípio escura, depois transparente e resplandecente da imaginação excitada pela violenta comoção. Por último todas as cenas infantis, tão afastadas, que poderiam considerar-se senão de todo apagadas, ao menos vagas, confusas e de impossível ressurreição, reapareceram aos seus olhos com o vigor de outrora, senão mais vivas e animadas que dantes.

Luísa apareceu a ele sorrindo e brincando nas campinas, por junto dos açudes, à sombra dos juazeiros. Era a mesma menina meiga e amável, com quem ele brincara à beira dos poços e valas e para quem tantas vezes apanhara camarões nas enxurradas.

O bandido lembrou-se de que tinha havido um tempo em sua vida, no qual ele só se preocupava em armar arapucas para

O Cabeleira

pegar juritis, em abrir armadilhas debaixo das moitas com o fim de apanhar preás para a menina.

A conhecida cena do coelho pendurado na forca, obra de Joaquim, se estampou novamente, por natural associação de **ideias**, na tela do seu pensamento e veio acrescentar-lhe o vexame que lhe oprimia o coração.

Viu depois Luísa encostada na cerca do quintal, ao pé de uma goiabeira, os cabelos soltos, os pezinhos descalços. Esta última visão o fazia lembrar a cena da despedida que o leitor conhece. José estava tão vivamente excitado que lhe pareceu ouvir as vozes, as queixas, as rogativas, os prantos de Joana, e as recusas, as zombarias, as durezas, o desprezo que para ela tivera Joaquim na manhã fatal, em que o pequeno fora arrancado dos braços de sua mãe quase alucinada pela dor da separação.

Pareceu-lhe ouvir as palavras de Luísa: “Quero-lhe muito bem, mas não gosto quando você judia com os passarinhos e tenho medo de sua faca”. Pareceu-lhe escutar distintamente o som das suas próprias expressões: “Quando eu chegar de volta, não maltratarei mais os animais”. E a menina a quem tanto amara, a quem nunca esquecera, e cuja imagem indecisa e vaporosa os olhos do seu pensamento tinham por mais de uma vez surpreendido junto de si, testemunhando a prática de algum crime, essa menina crescera, tornara-se moça, chegara à idade em que todos têm no critério natural um corpo de leis e na consciência um juiz para julgar as suas e as ações alheias.

— Que juízo ficaria fazendo de mim Luisinha?, perguntou para si o Cabeleira, insensivelmente arrastado por esta ordem de **ideias**. Ah!, que pode ela pensar de mim senão que sou um assassino?!

Luísa tinha-o, de fato, nomeado por esta palavra, havia poucos instantes, entre as lágrimas que o desespero lhe arrancara. Era certo, e o bandido bem o compreendia, que o abismo que já na meninice de ambos os separava, longe de se ter diminuído, se tornara mais fundo com o correr dos anos. Agora ele não judiava só com os animais como em outro tempo; ele saqueava povoações e matava gente; e era prova irrecusável disso o que acabara de praticar com Florinda. Se até aquele momento Luisinha lhe tinha afeição ou se comovera com sua pouca sorte, era natural supor que estes sentimentos tivessem se modificado,

se não de todo eliminado, depois do último acontecimento. À afeição deveria ter sucedido o desprezo, à pena, o ódio.

Não eram outras as **ideias** que tumultuavam na cabeça de Cabeleira. Estas **ideias** produziram no seu ânimo tão profunda impressão que ele sentiu lágrimas nos olhos, ele, o grande assassino que sempre se mostrara insensível ao longo choro que por toda a parte fazia correr. Sem se poder controlar, achou-se de repente voltado para o rio. Seus pés, antes que sua vontade, o queriam guiar de novo ao lugar onde tinha achado motivos para tamanha transformação. Mas novo assobio, logo depois da detonação de alguns tiros, rompeu os ares e veio distraí-lo destas preocupações. O esconderijo, não havia que duvidar, precisava de seu socorro. Então uma nuvem de sangue envolveu a vista do infeliz jovem. O passado caiu-lhe novamente em pedaços aos pés. O espírito de vingança se alimentou no seu coração, teatro de desencontradas e profundas paixões. Cabeleira voltou a ser outra vez fera e rápido deslizou como uma cobra por entre as árvores e por debaixo da folhagem.

Com a mata que dava asilo aos malfeitores se avizinhava as terras onde Liberato, irmão de Gabriel, tinha uma engenhoca. A princípio Liberato viveu muito satisfeito em suas terras. Tendo-se, porém, anos depois, formado o coito¹⁰ ali junto, **foi-se** ele desgostando, a ponto de só por não ter outro remédio continuou a morar nelas.

As terras eram muito férteis, e a sua situação não podia ser melhor do que era; mas, pela péssima vizinhança, estavam, como nenhuma, expostas em todos os sentidos a serem usufruídas, como eram constantemente pelos malfeitores, o que as havia inteiramente rebaixado em valor.

Na realidade quem menos aproveitava suas plantações era Liberato, dono delas. A macaxeira mais enxuta, a melancia mais madura, o melhor milho verde, o feijão de melhor qualidade eram para a boca, ou, antes, no dizer popular, para o papo, dos pesados vizinhos. A galinha gorda anoitecia no poleiro, mas não amanhecia no terreiro, não porque a raposa a tivesse pegado, mas porque os raposos a tinham tirado para a sua panela, que estava quase sempre fervendo dentro da mata virgem.

¹⁰Lugar convencional em que o perseguido se acoita, para evitar ser apanhado pelo perseguidor.

A vaca leiteira, o cavalo cansado e carnudo desaparecia do pasto quando menos pensava o crioulo, que os ia recomprar em segunda mão, se, como quase sempre acontecia, os animais furtados eram da sua particular estima; não escapavam dos malfeitores as próprias bestas do serviço da engenhoca. Dentro dos canaviais apareciam vastas cabanas, obra dos ladrões; as canas passavam aos feixes para a mata. Enfim era uma calamidade aquela gente, era uma desgraça para o Liberato, mais do que para nenhum outro, aquela vizinhança.

Liberato propôs a venda das terras a mais de um morador do lugar, mas todos se recusaram a comprá-las. De que valiam elas serem tão boas estando sujeitas, como estavam, àquela servidão? Não tendo para onde ir, nem outro algum recurso, resignou-se Liberato à sua sorte e botou para Deus, juiz supremo, que dá provimento a todos os recursos com justo fundamento. Era de índole pacífica, tinha mulher e filhos, não queria rixas com ninguém e muito menos com matadores de profissão.

Quando lhe aconselhavam em família, a mulher, ou os filhos, para que reagisse contra os ladrões, ele respondia sempre com estas palavras, ou com outras equivalentes:

— Deus me livre. Se os brancos e o rei não podem com eles, eu, que sou negro, é que vou poder? Vamos passando assim mesmo conforme Deus nos ajudar. Pode-se dizer que vivo trabalhando para eles. Paciência! Um dia isto vai ter fim, ou com a vida, ou com a morte. Será quando Deus quiser.

Liberato não procedia deste modo por fraqueza, mas por muito boa compreensão dos fatos. Ele era até valente. Era neto ou bisneto de Henrique Dias, com cuja fama se gloriava. Do ilustre guerreiro lhe vinham por sucessão as terras que possuía nas proximidades do Monte das Tabocas, onde o negro herói conquistara brilho para seu nome, que guardou as primeiras glórias da pátria. Mas bem estava vendo que não podia ser mais do que as quadrilhas de ladrões e assassinos afeitos à prática de toda a sorte de depredações.

Havia já muitos anos que ele vivia sem ter neste assunto outras **ideias**. Pouco a pouco se habituara a repartir o seu com os ladrões. Essa partilha ele a considerava tão forçada, tão fatal, que, sempre que abria um novo roçado ou preparava terras para algum novo partido de canas, dizia entre gracejo e resignação:



SCHLESSER

O Cabeleira

— É preciso fazer mais para que os meus vizinhos não levem tudo, e eu não venha a ficar sem ter com que suprir as minhas necessidades.

Estava Liberato um dia consertando uns cestos para os meter em um poço onde os camarões saltavam em cardumes quando, banhada em pranto, lamentando a sua desgraça, lhe entrou pela porta a mulher de Gabriel.

— Mataram meu marido, Liberato. Estou viúva, e você já não tem seu irmão.

— Quem lhe contou isso, Aninha?, perguntou o negro quase esmagado da dor que lhe trouxe a repentina e fúnebre nova. Não é possível. Deve ser mentira. Quem mataria Gabriel, que nunca se importou com os outros?

— Desgraçadamente não é mentira, não. Eu soube de tudo. Foi o Cabeleira quem o matou. E o malvado aí vem com o pai, roubando e esfaqueando a quem encontram. Previna-se, Liberato, que eles já devem estar na mata. Ai de mim! Que desgraça, meu Deus! Que será de mim sem Gabriel, que era tão bom marido?!

— E onde estou eu, Aninha? Não chore. Eu ainda não creio neste conto. Mas se suceder a desgraça que você diz, nem por isso deve se desesperar, que os homens ainda não se acabaram na Terra.

Seguiu-se um longo pranto na casa. Ao lamentar de Aninha, vieram juntar-se as lamentações de Rosalina, mulher de Liberato e irmã da viúva.

Liberato passou três noites sem pregar os olhos, pensando consigo. A dor amarga a que ele, sem dar mostras, talvez por prudência, mal tinha podido resistir com sobre-humano esforço, veio despertar os longos ressentimentos e antigos desgostos que jaziam no fundo do seu coração. Aqueles que cotidianamente saqueavam os produtos do seu trabalho e da economia tinham-lhe roubado uma vida preciosa. Quem podia lhe assegurar que eles não viessem mais tarde tomar sua mulher, tirar sua filha, arrancar sua própria vida se ele se opusesse à sua vontade criminosa?

Liberato refletiu maduramente sobre este grande assunto e, ao fim de três dias, tomou a resolução que lhe pareceu melhor. Não se contava, na distância três ou quatro, ou dez, vinte léguas da povoação, um só proprietário, lavrador, morador ou carregador de bois que não tivesse queixas dos malfeitores, especialmente do Cabeleira, que a todos excedia na petulância e ferocidade.

Aqueles a quem faltavam motivos de ofensa pessoal tinham razão de sobra para quererem a dissolução do coito nas ofensas feitas pelos criminosos aos parentes e amigos. Só uma população cansada de lutas sanguinolentas e um governo que cuidava menos de proteger eficazmente a propriedade e a vida na colônia do que de adquirir grossas rendas para a metrópole e riquezas para si próprio poderiam sofrer com esses bandos que, assim fortificados ao pé das famílias, roubavam impunemente bens, honra e vida.

Liberato entendeu-se com três ou quatro dos vizinhos mais próximos e, depois de lhes haver dado parte do golpe de que fora vítima na pessoa de seu irmão, propôs-lhes reunir todas suas forças para tentarem a expulsão dos malfeitores. Apesar de haver por essa ocasião recordado os danos irreparáveis que a cada um desses vizinhos tinham eles ocasionado, não houve um só que estivesse a favor da proposta do negro, tal era o terror de todos. Nenhum queria se arriscar a pagar com a vida semelhante ousadia, aconselhada, aliás, pelo instinto da própria conservação.

Liberato voltou para casa triste e desanimado, mas não desistente de tentar o assalto, único meio que se lhe oferecia de vingar-se dos assassinos de Gabriel e libertar-se do violento imposto que sobre sua fraca fortuna, já muito abatida, os malvados faziam pesar sem tréguas nem piedade.

Arquitetou seu plano consigo mesmo debaixo de rigoroso sigilo. Na tarde seguinte, com o pretexto de tirar uma abelha e pegar tatus, encaminhou-se para a mata, acompanhado de seus dois filhos Ricardo e Sebastião e de seu genro Vicente, todos com espingardas, facões e chuços¹¹. Conhecia algumas das veredas que levavam ao covil. Acostumados a verem nele uma vítima paciente de que mais tinham que tirar do que temer, não se preocuparam os malfeitores em ocultar essas veredas. Liberato e os seus embocaram por uma delas sem hesitações nem temores, perfeitamente senhores de si e conhecedores do terreno onde pisavam. Antes de chegarem ao rancho foram pressentidos. A vereda, antes aberta a machado, era estreita e passava por um gargalo de árvores colossais, que formavam natural cercado, impossível de romper.

¹¹Vara com ferro pontiagudo amarrado na extremidade, formando uma espécie de lança.

Liberato sabia o perigo a que se expunha com este passo. Estava, porém, disposto a dar aos malvados uma lição de mestre, ainda que lhe custasse a própria vida, desmoralizando, quando outra coisa não pudesse obter, o fatal refúgio.

Mal tinham chegado ao ponto em que a trilha se bifurcava ouviram um assobio que repercutiu com estranho som na profunda selva.

— Ah!, disse Liberato aos seus — perdemos a oportunidade. Estão prevenidos e esperam por nós.

Ele não se enganava. Um dos moradores a quem convidara para o assalto, pondo-se em secreta relação com um dos criminosos, denunciara por medo a intenção de Liberato. Dupla covardia, tanto mais digna de desprezo quanto foi motivo para que viessem a dar-se lamentáveis cenas!

Mesmo logo conhecesse que não havia salvação possível para nenhum deles, Liberato, não querendo dar o braço a torcer, prosseguiu com firmeza em sua marcha como se nada houvesse. Pouco diante, a vereda estava completamente tomada por grossos troncos ligados às árvores paralelas por fortíssimos cipós.

— Estamos encurralados — disse ele com serenidade. Melhor; vamos nos bater a faca e a chuva. Voltemos, já que não podemos por aqui avançar. Cada qual trate de matar para não morrer.

— Não podemos abrir caminho através destes paus?, perguntou Sebastião.

— De que modo? É impossível, respondeu Liberato.

— Só se nós subíssemos e fôssemos saltando de galho em galho até deixarmos atrás de nós o cercado, lembrou Ricardo.

— Eles nos deixariam fazer isto?, observou Vicente.

Mal tinha acabado estas palavras quando uma descarga da trincheira, deitando por terra o genro de Liberato, veio anunciar-lhes que para eles tudo estava acabado. Afastem-se da trincheira para ficarem ao abrigo de seus traiçoeiros tiros foi a primeira coisa em que todos entenderam.

— Covardes!, exclamou Liberato com raiva concentrada. Acham que a gente é farinha e encurralam quatro homens que eles não se animam a bater em campo aberto. Onde está a valentia destes ladrões que, não satisfeitos com o que me furtam, mataram meu irmão para lhe roubarem seu único bem?

Depois de se haverem alongado alguns passos mais da trincheira onde reinou logo profundo silêncio, perceberam que os inimigos vinham a seu encontro para lhes impedir a saída. Achavam-se deste modo os assaltantes entre a espada e a parede.

Era medonha a escuridão dentro da mata.

— Facas em punho, e avancemos, gritou, apesar de tudo, Liberato aos filhos, certíssimo de que poucos instantes de vida restavam a todos eles.

Para dar o exemplo precipitou-se como um raio contra malfeitores que dificilmente enxergou a pouca distância diante de si. Sebastião e Ricardo praticaram o mesmo, e dentro em pouco as armas inimigas cruzaram-se com tal fúria de parte a parte que delas saltavam chispas, e o som dos seus embates ia perder-se ao longe no seio da vasta selva.

Depois de alguns minutos que decorreram em incessante lutar, terceiro assobio sibilou por entre a folhagem. A este sinal caiu de cima de uma das árvores mais próximas a luz sinistra de dois fachos cujo clarão encheu o estreito lugar.

Metia horror o teatro da luta. Dos assaltantes só restava o Liberato que se batia, como um bravo que era, com o próprio Cabeleira; dos salteadores muitos faziam companhia com seus cadáveres aos de Ricardo, de Sebastião e de Vicente.

— Eu logo vi que tinha pela frente o ingrato Cabeleira, disse Liberato, que só a seu grande ânimo devia estar ainda de pé. Já que mataste meu irmão, miserável, podes também tirar-me a vida agora; mas fica sabendo que não alcançarias o teu intento se não fossem teus covardes companheiros.

À palavra *ingrato* José sentiu surgir espontâneo remorso na consciência e instintivamente recolheu o ímpeto com que ia dar em Liberato o golpe de honra.

— Não fui eu que matei Gabriel, disse sem se sentir, sem querer, o malfeitor.

— Fui eu, fui eu, trovejou Joaquim com fúria aterradora. E que tem isso? Pois ainda estás dando satisfações a este negro, Zé Gomes?

Ouviu-se então o estalo de galho e cipós que se romperam com violência inesperada para deixarem passar um corpo ágil, que foi cair de um salto à frente de Liberato. Esse corpo, ou antes essa onça, irritada e cruel, não era senão o pai de Cabeleira.

O Cabeleira

— Rende-te, negro — gritou Joaquim ao infeliz, descarregando-lhe sobre a cabeça, já em diferentes partes mutilada, o facão que trazia na mão esquerda, enquanto com a faca, presa na direita, aparava o golpe que vibrava como último ataque a sua vítima.

Liberato, de fato, não pôde mais resistir. Tinha o corpo crivado de facadas. Cambaleou e caiu.

Joaquim, atirando-se ao desgraçado, enterrou-lhe no peito, sem hesitar, antes com a firmeza de cínico assassino, a folha de sua faca, que lhe atravessou o coração.

— Por este aqui fico eu — disse. Não virá mais perturbar o nosso sossego.

Os cadáveres dos assaltantes foram examinados entre risos, insultos e galhofas de mau gosto, à luz das tochas sinistras. Completou-se por este modo a tragédia.

Capítulo VII

A vitória, apesar do lugar e do número que deram superioridade aos fortificados, custou-lhes consideráveis danos. Com outra investida dessas, ou ainda menor, o coito estava arriscado a ser dissolvido. Os malfeitores não eram muito numerosos, e qualquer perda, por pequena que fosse, os expunha a desastres certos e quiçá fatais. Além disso, achavam-se divididos por diferentes pontos, para proteger a correria empreendida pelos mais destemidos. A organização de defesa era tal que o mame-luco e o filho, dentre todos os mais temíveis, já percorriam não somente a província de onde eram naturais, mas a Paraíba e o Rio Grande do Norte em todas as direções sem maior perigo, porque, quando a justiça os perseguia, eles achavam sempre perto de si um refúgio amigo onde se acolhiam, e, se aí eram buscados, como muitas vezes aconteceu, resistiam, ajudados por seus iguais, com tanta energia e bravura que sempre a vitória ficava de seu lado.

Desta vez porém o lance não fora muito favorável a eles.

O Cabeleira, cuja bravura estava acima de toda propaganda, e seu pai, que a nenhum cedia o lugar na crueldade, tinham ficado cobertos de golpes, alguns deles mortais. Maracajá, cabra de má índole e por isso de créditos colossais entre eles, ficara com uma mão horivelmente destruída e o ombro esquerdo mutilado. Ventania, outro matador de fama, apresentava no rosto e peito feridas extensas e profundas. Jurema, Jacarandá, Gavião e dois negros fugidos tinham morrido nas pontas das facas dos assaltantes.

À vista de tudo isso, assim que considerou restabelecida a ordem no local, Joaquim reuniu o restante das suas forças e lhes falou nestes termos:

— A luta foi feia, camaradas, e devemos dar um bom exemplo para que ela não venha a repetir-se tão cedo. É certo que, dos cabras que se atreveram a vir bater-nos, não voltou um só que fosse contar a sua derrota, mas o abalo que padecemos foi grande e, se a justiça vier por aí nestes dias, correremos grande perigo, a não ser que nos ausentemos. Entendo que devemos praticar um feito que a todos dê o que falar, que meta terror na população e no capitão-mor, que faça crer que nunca estivemos tão fortes nem mais dispostos a sustentar o nosso posto.

— Estou pronto para ir pôr fogo agora mesmo no povoado — disse Manuel Corisco, criminoso saído da cadeia do Recife por ocasião do segundo arrombamento praticado nos últimos tempos da administração do governador Henrique Luís.

Esse sentenciado tinha tomado parte, aos dezesseis anos, no levante dos soldados que se verificou quando governava Pernambuco D. Manuel Rolim de Moura. Do dito levante existe ainda viva lembrança na província, pelo grande saque que aconteceu, não só na vila do Recife, mas também na rica e populosa cidade de Olinda, a pérola de Coelho. Os sessenta e seis anos que contava ainda lhe permitiam forças e ânimo para atentar contra os bens e a vida com tanto maior firmeza quanto era habilidoso no crime por uma prática de longos anos.

— Em vez do incêndio, o saque — acudiu Miguel Mulatinho.

— Para tanto não temos forças, mas, se o querem, estou pronto, como sempre — observou Manuel Corisco.

— A minha opinião é que devemos apanhar os cavalos e gados que ainda existem por estas beiradas. Eles devem render na feira dinheiro para irmos resistindo à seca. Feito isto, levantemos o acampamento por algum tempo — tornou Miguel.

— Que é que resta por aqui?, perguntou Corisco. Na fazenda de Liberato poucas reses se contam. Antes de morrer, o ladrão do negro já estava limpo; só tinha em casa os cachorros, os gatos, a mulher e a filha.

— Boa ideia, boa ideia — gritou Joaquim, cujos olhos nadavam em ferocidade. Terão vocês coragem para darem conta da investida?

— Diga lá, Joaquim. Você não está com patativas choronas, você está com carcarás que têm boa vista, boas asas e melhores unhas — acudiu Miguel Mulatinho, equilibrando-se nos pés para imitar o pássaro que quer voar.

— Vamos lá ver o que você propõe — acrescentou Manuel Corisco.

— Proponho o roubo das melhores mulheres da povoação. Isto, sim, vai dar a todos a medida da nossa audácia e por todos será considerado uma prova de que estamos fortes como nunca estivemos.

— Sim, senhor, muito bem lembrado, disse o Mulatinho; melhor não podia ser, mas a coisa é séria, Joaquim.

— Ora! Tens medo?

— Medo! O medo eu comi com as papas que minha mãe me deu quando era pequenino, retrucou o malfeitor.

— Dito e feito, Joaquim. Quando será isso? Hoje? Amanhã?, perguntou José Trovão, negro hediondo, cuja cara apresentava profundas cicatrizes e cujos olhos, vermelhos como tomates, sofriam de estrabismo divergente.

— Hoje não. Amanhã, ou depois, conforme entender melhor Zé Gomes — respondeu Joaquim.

E logo acrescentou:

— Mas onde se meteu Zé Gomes que o não vejo aqui?

O lugar onde se achavam reunidos os bandidos era um dos pontos mais centrais da mata. Tinham eles assentado o seu arraial ao pé de um olho-d'água que não secava ainda no rigor do verão. Este arraial compunha-se de meia dúzia de ranchos abertos por todos os lados e unicamente cobertos de palhas. Dos paus do telhado pendiam gibões e chapéus de couro. Algumas redes estavam armadas dentro das palhoças. À noite alumiam-se ordinariamente com fogueiras; tinham porém sempre em quantidade tochas de que se serviam nas suas idas e voltas por dentro da mata, quando fazia escuro. Tudo anunciava que o ponto era sempre provisório, e podia ser deixado de um momento para outro sem prejuízo nem saudades.

O Cabeleira estava longe deles naquele instante.

Apenas viu passada a confusão, reapareceu-lhe a imagem de Luísa, em quem ele via dois tipos, cada qual mais sedutor — em um a menina de oito anos com o rosto banhado da expressão

da meninice, agradável até aos olhos dos que têm o coração mais endurecido do mundo; no outro a moça ingênua, corajosa, banhada em pranto, a seus pés, pedindo-lhe misericórdia, insultando-o, amaldiçoando-o, bela, tanto mais bela quanto mais aumentavam sua dor e sua indignação, ambas tão profundas como era o afeto que ela dedicava ao bandido.

Este não tinha tido até aquele momento predileção amorosa para nenhuma outra mulher. Sua vida nômade, arriscada, cheia de sobressaltos, ensopada em sangue, só lhe tinha permitido querer bem à imagem da menina que, ainda na véspera, se formava em seu espírito como um vago e pálido reflexo do passado. Inesperadamente, porém, este reflexo se ilumina com todos os brilhos do mais primoroso íris. A lembrança desmaiada, quase desaparecida, tomou corpo, forma, cor, contornos suaves, olhos matadores, cabelos escuros, voz harmoniosa, enérgico sentimento e com soluços o comove, com censuras o faz conhecer e sentir a dor, nunca talvez experimentada, de um remorso cruel. Seu coração, que se havia convertido em foco de paixões sanguinárias, era agora ninho de doce e indefinível sentimento.

O bandido estava experimentando não a sensualidade bruta que proporciona rápidos prazeres, dele conhecidos como a aguardente que bebia nos dias quentes e nas noites frias, mas uma fatalidade benévola, branda e terna, que o empurrava para a moça, primeiro pelo espírito e só depois pela beleza da forma; e essa fatalidade era tão poderosa que ele não achava forças para resistir apesar do seu querer.

Chegando à beira do rio para onde se dirigira correndo em busca da visão que aí deixara, achou em seu lugar a solidão infinita, a solidão só.

Era em maio. Frouxo estava o luar. Elevava-se das margens, com os ruídos do deserto, fresco odor que teve para o seu peito em brasa o efeito de um perfume. Pareceu-lhe que, debaixo da folhagem do juazeiro onde, segundo o seu pedido, esperava encontrar a moça, um corpo indeciso e vago se agitava brandamente.

— Luisinha? Luisinha?, chamou ele.

Ilusão! Estava ali o vácuo mais cruel do que um raio que o houvesse fulminado. A sombra da árvore movida pela brisa noturna representava a forma graciosa que o bandido acreditou ser Luísa.

— Foi-se embora!, disse o Cabeleira esmagado.

Então com olhar de gavião abrangeu a vasta planície que se estendia diante de si. Ninguém! Nem sequer um vulto que por um instante ao menos lhe desse o prazer de uma nova esperança, enganosa, embora, como a que se despedaçara a seus pés naquele momento. Só o deserto lhe apareceu, menos vago, mais real com sua silenciosa imensidade, só o deserto lhe respondeu com a mudez do descampado, das selvas profundas e das águas mortas.

Assim desmascarada em plena natureza, a realidade o fez voltar a si. Sentiu as dores dos golpes recebidos, havia pouco, dentro na mata. Lembrou-se de banhar as feridas como costumava depois de idênticos desastres. Mas a água fresca que tantas vezes lhe havia servido de remédio produziu-lhe agora diferente efeito. A vista do bandido foi pouco a pouco escurecendo, a cabeça pesou-lhe mais do que o corpo, e ele caiu sem sentidos à beira do poço.

Deste modo passou horas. Quando tornou a si, a aurora vinha rompendo as nuvens do horizonte, com sua luz extensa e vasta que se confunde no infinito. A chegada da manhã transmitiu-lhe aos ouvidos uns sons cadenciados que vinham de longe. Era o eco das loas cantadas pelas meninas e moças da povoação que vinham encher os potes nos poços como de costume.

Levantou-se ainda desorientado. Seus olhos foram logo cair sobre o lugar onde na tarde anterior ele havia deitado Florinda em terra com o coice do bacamarte. Não se achava, porém, ali, o cadáver da cabocla. O bandido então andou para a estância, com o pensamento concentrado em Luísa, que, tendo-se visto livre de suas mãos, correria em socorro de Florinda.

— Minha mãe? minha mãe?, chamara ela, abraçando o corpo da vítima e chorando como criança.

No seu prantear e lamentar, Luísa tivera todavia espírito para lembrar-se das últimas palavras do Cabeleira. “Com pouco ele estará aqui outra vez”, pensou ela. “Deus me livre de que ele venha ainda encontrar-me neste ermo. Que seria de mim se tal acontecesse? Mas posso eu deixar aqui o corpo de minha mãe só e desamparado?! Não, não; não o deixarei, ainda que me matem. Ficarei até que amanheça. Vai aparecer alguém que me ajude a levá-lo para casa.”

E, aflita e consternada, Luísa olhara ao longo da margem para ver se descobria quem a socorresse. Por mais de uma vez uns vultos escuros moveram-se sobre a areia, à beira dos poços. Ela sentira então voltar-lhe o ânimo, falara, perguntara quem estava ali, pedira que a fossem amparar em tamanha aflição, mas ninguém a ouvira, ninguém atendera ao seu chamamento. Tudo fora ilusão. Esses vultos foram as sombras das árvores movidas pelo vento, as quais enganaram depois o bandido como vimos.

A noite, porém, corria com rapidez. A Lua, que descia e se ocultava por detrás da floresta, dentro em breve deixaria em trevas toda a natureza. O Silêncio tornava-se mais profundo, tornava-se absoluto. O sítio, ermo, estava agora sombrio por se haver convertido em mansão de morte e luto.

Luísa lembrara-se de ir chamar alguém, visto que ninguém lhe aparecia para a tirar daquele aflitivo transe. Mas a casa que ficava mais próxima era a de Liberato, a qual distava, entretanto, pouco menos de meio quarto de légua do lugar. Além disso, ela não queria deixar o corpo de Florinda desacompanhado, ainda que fosse por momentos, quanto mais por horas. De uma vez correria ao longo da margem para ver se o céu lhe tinha enviado algum protetor.

Mas logo voltara, lembrando-se de que o cadáver podia, de um instante para o outro, ser ofendido por algum animal.

— Não, não, minha mãe!, exclamara ela. Não te deixarei, haja o que houver.

Então ela vira que o cadáver erguera os braços para conchegá-la, ao que parecia, ao seu seio. A moça achou que estava sonhando e delirando e que o movimento de Florinda fora como ilusão dos olhos dela.

— Abraça-me, minha mãe, abraça-me. Leva-me contigo que eu, sem ti, sou o ente mais desgraçado do mundo.

Mas, sentindo a pressão física e irrecusável dos braços que tinha por mortos, recuou para, na pálida claridade do escasso luar, certificar-se da verdade.

— Não fujas, Luísa. Vem. Não estou morta. Ajuda-me, que me levantarei.

Não podia ser mentira dos seus ouvidos. Era a voz de Florinda, aquela voz calma e boa que ela estava acostumada a escutar desde a infância como o eco de maternal providência.



— Minha mãe! Está viva ainda, minha querida mãezinha?, perguntara Luísa, chorando e sorrindo alternadamente, beijando como louca, sem ordem nem moderação, aquele cadáver que se tornara vivente, aquela vida que ressuscitara no seio da natureza onde lhe parecera que se havia afundado para nunca mais voltar, como se afundam as borboletas que as tempestades atiram aos charcos.

— Vê se podes levantar-me, Luisinha.

— Sim, saíamos já daqui antes que os malfeitores tornem. Eles não tardam por aí, creio eu. Vamos já minha mãe. Está me parecendo que dali, daquele mato traiçoeiro, um homem nos ataca ou um tiro nos vem ferir.

Cambaleante e trôpega, Florinda andou apoiando-se no ombro da filha.

— Que tens, Luisinha, que olhas tão horrorizada para aquela banda? Fez-te algum dano o assassino?

— Não, nada me fez. Mas eu tenho medo destes lugares. Nunca mais virei buscar água aqui.

— Conta-me tudo, Luisinha. Como te livraste do malfeitor? Quem era ele? Não o conhecestes? Seria o Cabeleira?

— Não sei, minha mãe. Estava já tão escuro quando ele apareceu... Sei, porém, que ele teve pena de mim.

— Estás dizendo a verdade, Luisinha?

— Sim, minha mãe, ele não me ofendeu. Dando mostras de estar arrependido, fugiu logo depois e não voltou mais.

— Malvado!, disse Florinda. Que pancada me deu ele! Põe a mão em minha testa. Vê como fiquei. Virgem Santíssima! Não sei como não me saltaram os miolos. Mas... ampara-me bem, que uma nova perturbação me vem tirar os sentidos. Ampara-me, senão caio. Não posso andar mais.

— Temos realmente andado muito, minha mãe, e deve estar cansada.

Luísa, novamente aflita, volvendo os olhos em torno de si, viu, a poucas braças, uma sombra imóvel que brilhou aos seus olhos como um astro de proteção e conforto. Estavam salvas. Era a casa de Liberato.

Capítulo VIII

A casa de Liberato estava situada dentro do cercado que, beirando o rio em linha reta, de norte a sul, ia morrer na mata virgem, limite natural das terras pertencentes à engenhoca. Era fraca de construção, mas podia considerar-se uma verdadeira casa de campo por sua bonita aparência, pela vista que tinha para todos os lados, pelo terraço circular e pelo meio peitoril de madeira que muito contribuía para sua rústica elegância.

A pequena distância tinham sido edificadas três casas menores e menos vistosas do que a primeira. Em uma destas morava o genro, e nas outras duas, os filhos do negro. Nos fundos do cercado via-se outra casinha que na forma lembrava a casa-grande. Pertencia a Gabriel, que, à sombra do irmão, aí vivia com sua mulher e filhos, na paz do Senhor.

Sem ter escravos nem dispor de grandes meios financeiros, com o auxílio de Gabriel, Sebastião, Ricardo e Vicente, plantava canas, fazia roçados e vazantes e, no tempo próprio, fabricava açúcar e rapaduras, destilava aguardente e desmanchava mandioca, que lhe dava farinha para todo o ano.

Viviam em perfeito acordo aquele pai, aquele irmão, aqueles filhos, aquele genro, cada um com sua mulher e seus filhos, e todos dando os mais bonitos exemplos que se conhecem, de união, auxílio mútuo, recíproco respeito e comum felicidade.

Na engenhoca ficaram todos ignorando o verdadeiro motivo da jornada à mata. Liberato, para maior segurança dos seus propósitos, havia recomendado aos companheiros o mais

O Cabeleira

rigoroso segredo. E, como tinham eles costume de caçar pacas e tatus uma vez por outra quando fazia luar e o tempo estava enxuto, não houve quem duvidasse da palavra dos caçadores. Quando, porém, se soube do acontecido por boca de Luísa e pelo vestígio da atrocidade que Florinda trazia na face, a qual bem estava dizendo de onde havia vindo, a inquietação e o susto vieram tomar o lugar do sono e do repouso a que se achavam entregues os habitantes da engenhoca.

Raiou finalmente o dia longamente desejado pelos que da meia-noite até o amanhecer não haviam tido olhos para dormir, mas para chorar.

O sol espalhou a luz suave sobre o sertão e com ela despertou a natureza. Inspirando as aves, colorindo os campos e permitindo ver, no espelho sereno das águas do Tapacurá, o belo céu que nele se refletia com seus esplêndidos matizes, essa luz vivificadora restituiu ao deserto o movimento e a vida que as trevas tinham ocultado debaixo de seu espesso véu.

Com a tornada do dia, ressurgiu em todos a confiança, só não em Luísa, que via próximo o fim da vida de sua mãe, privada novamente do uso da fala por lhe haver voltado a congestão.

Chegou a hora do almoço, a do jantar, e finalmente escureceu de novo sem que os caçadores houvessem vindo a seus lares. Então a tristeza tornou-se geral e verdadeiramente cruel. As famílias reuniram-se todas na casa-grande para se proteger em caso de perigo que logo acreditaram estar por perto.

Três dias se passaram nessa aflição que se não pode descrever, mas que facilmente se imagina. Rosalina pensou em ir pedir socorro no povoado, mas a quem? O capitão-mor achava-se no Recife, e o povoado, que um século antes possuía uma capela dedicada a Santo Antão e de meia dúzia de casas, pouco mais era do que isto na época em que se passou esta história; precisava também de proteção.

De sua agonia a veio tirar um caboclo velho, que morava no caminho do povoado, em terras da engenhoca, e que era o mensageiro do lugar. Vivia só em uma palhoça à beira da estrada. Chamava-se Matias, mas era mais conhecido pelo apelido de “veado”, por ser ele muito ágil e andador.

Matias, achando-se sem fumo para o cachimbo, dirigiu-se à casa-grande pensando em encontrar aí o Liberato, que uma vez por outra lhe dava do melhor que tinha alguns pedaços para

seu gasto. Só então soube do que havia e logo se ofereceu para ir dar com o negro a quem devia muitas obrigações e respeito. Havendo Rosalina aceitado o oferecimento, Matias voltou à choupana para buscar uma espingarda velha e um minuto depois estava no rasto dos caçadores.

Antes de transpor os limites da fazenda, viu ele para as bandas do Monte das Tabocas um bando de urubus esvoaçando, como costumam quando sentem carniça. Seria alguma rês morta o objeto da inspeção dessas aves? Talvez fosse. A seca estava fazendo no gado vítimas aos centos. O Veado porém, naturalmente suspeito, acreditou logo que estava ali o cadáver do Liberato ou de alguns dos seus.

Para ir ao vale sobre o qual se equilibravam os urubus não era preciso entrar a mata, mas unicamente contorná-la pelo lado oposto ao rio. O terreno apresentava desse lado um vasto tabuleiro e depois ia gradualmente alteando até o local, que ficava entre o tabuleiro e a mata, formando um fosso natural que protegia o coito. Só quem tivesse grande coragem e fosse perfeito conhecedor dos acidentes do solo se animaria a arriscar o pé no profundo despenhadeiro.

Matias em pouco tempo atravessou toda a planície e chegou à borda do abismo. Cheiro de carnes podres feriu-lhe logo o olfato agudíssimo que sentia, à distância, o quati, o veado, a anta e até a cobra.

De cima nada pôde ver, porque do fundo do vale e das encostas da montanha se levantava uma vegetação secular cuja folhagem vasta parecia destinada a conservar perpetuamente oculta às vistas do homem a região. O cheiro da carne, porém, foi um indício, um raio de luz para o índio, que, havendo se empenhado em descobrir a verdade, estava no propósito de não hesitar, para o conseguir, diante da perda da própria vida.

A seus pés mostrava-se uma depressão deixada no terreno pelas águas que, descendo ao longo do estreito espinhaço, aqui se escoavam para o tabuleiro, ali para dentro do precipício. Por ele se encaminhou Matias, apoiando-se na espingarda e com ela rompendo a custo os cipós que formavam diante de sua passagem uma rede quase impossível de desembaraçar.

Passou-se uma hora. O Sol chegou ao poente. Veio o **lusco-fusco**, e com ele aumentaram as tristezas, os medos e as agonias das mulheres recolhidas na casa-grande.

Rosalina, tendo posto todos os cães para fora e fechado todas as portas da casa, abriu o seu precário oratório e convidou as outras ao terço tradicional, agora mais do que nunca necessário para fortalecer os espíritos abatidos.

Florinda estava morrendo. Ao lado dela achava-se Luísa, desfeita em lágrimas, e Aninha, que ajudava a enferma a morrer. A porta do aposento inteiramente aberta deixava ver as outras mulheres de joelhos na sala, aos pés do oratório, cantando as rezas que constituem o terço, essa parte do culto externo que, depois de longamente usada em quase todo o norte, desapareceu das capitais e já não tem no próprio interior das províncias a prática geral, que em grande parte deve-se ao adoçamento dos costumes dessas povoações antes de haverem sido dotadas com as escolas e com os institutos de educação que atualmente as disputam à ignorância com mais vigor e proveito.

De repente o ladrar dos cães veio interromper o concerto das vozes femininas que enchiam o âmbito da sala e iam repercutir no vasto terraço. O ladrar aumentou, e com ele tornou-se mais distinto, mais próximo, ao princípio um barulho de passos, depois um ruído de vozes surdas do lado de fora da habitação. Nesta, a alegria e a aflição, a primeira quando se lhes pareceu que os caçadores chegavam, a segunda quando, em lugar destes, pensavam serem os malfeitores que as vinham assaltar, disputaram um instante em violenta luta os espíritos das pobres mulheres naturalmente expostas, pelas suas circunstâncias especiais, a estas cruéis alternativas.

Depressa porém se dissiparam todas as dúvidas. Com fúria incontrolável, os cães deram mostras de querer despedaçar os visitantes. Semelhante indício foi uma prova evidente de que, não de casa, mas estranhos eram estes.

De repente ouviu-se uma voz que, ecoando no terreiro, veio ressoar dentro de casa.

— Aqui estou. Sou eu.

Era a voz de Matias.

Rosalina, embriagada de violenta alegria, correu à porta para a abrir, mas logo parou com este novo falar do caboclo:

— Não digo, não digo isto, ainda que me matem.

— Dize que abra a porta, se não te varo com esta faca, Veado do demo — disse Joaquim a meia voz.

— Não digo — repetiu o caboclo.

E, aumentando a voz, trêmula e meio abafada, gritou com toda a força que pôde:

— Não abram, não abram. Eu trouxe os malvados enganados até aqui para poder avisá-la, sinhá Rosalina. Liberato, Ricardo, Sebastião e Vicente estão com Deus. Fugam, se podem, que eu sei que vou morrer.

— Ah!, miserável, que a nós iludiste — falou com raiva Joaquim.

E, com a faca, atravessou o coração de Matias, que, sem soltar um ai, caiu envolto em um turbilhão de sangue.

Não é sem grande constrangimento, leitor, que a minha pena, molhada em tinta, graças a Deus, e não em sangue, descreve cenas de estranho canibalismo como as que nesta história se **leem**. Aperta-se naturalmente meu coração sempre que me vejo obrigado a relatá-las. Entre os motivos da minha repugnância e da minha tristeza destaca-se o seguinte: eu vejo nestes horrores e desgraças a prova, infelizmente incontestável, de que o ente por excelência, a criatura fadada, como nenhuma outra, para altíssimos fins, pode cair na degradação mais profunda, quando o afastam dos seus destinos circunstâncias de tempo e lugar que, nada, ou muito pouco, são de grande peso para a perturbação do equilíbrio moral do rei da criação, tal é a fragilidade da realeza, ou antes das realezas humanas. Mas desgraçadamente estas cenas não são geradas pela minha fantasia. São fatos acontecidos há pouco mais de um século. Se só alguns deles foram recolhidos pela história, quase todos pertencem à tradição. Não estou imaginando, estou, sim, recordando; e recordar é instruir e quase sempre moralizar. Com estas razões considero-me justificado aos teus olhos, leitor bondoso.

Gritos, queixumes, súplicas e prantos que nenhuma pena humana pode descrever seguiram-se, de dentro da casa, às últimas palavras do Veado.

Teresa, mulher de Vicente, abraçou-se com Rosalina, menos madrasta do que mãe, e começou a lamentar com ela a desgraça comum, dando mostras de ter enlouquecido. Não se demoraram a imitá-las nas demonstrações de dor e desespero Josefa, mulher de Ricardo, e Cândida, mulher de Sebastião.

Da sua angústia, para a qual será difícil encontrar paralelo na história das desgraças humanas, vieram tirá-las uma fortíssima pancada contra a porta, e estas formais palavras de Joaquim:

O Cabeleira

— Se não abrem por bem, vão abrir por mal.

— Quando for tempo de tocar fogo na palhoça é só dizer, Joaquim, acrescentou Manuel Corisco.

— Querem queimar a casa, Rosalina, disse Cândida. Estamos perdidas, minha gente. Meu Deus, meu Deus, socorrei-nos.

Rosalina teria vinte anos. Suas formas eram arredondadas, os cabelos crespos e negros, os olhos admiravelmente separados, a boca impossível de descrever-se porque exprimia graça, sensualidade e desdém ao mesmo tempo. Era o tipo da mulata ardente, caprichosa, cheia de vida e energia, tipo que está destinado a desaparecer dentre nós com o correr dos anos, mas que há de ser sempre objeto de tradições muito especiais no seio da sociedade brasileira, pelo muito que tem figurado no campo, na cidade e no lar.

— Sim, querem tocar fogo na casa para nos obrigarem a sair. Mas não sairemos, disse Rosalina com firmeza.

E acrescentou sem demora:

— Sair para onde? Os nossos maridos desapareceram para sempre dentre os nossos braços. Não temos mais quem olhe por nós neste mundo de amarguras e misérias. Somos cinco desgraçadas a quem a vida já não pode oferecer prazer nem sossego, mas só desgostos e lágrimas. Não, Cândida, não sairemos daqui.

— Mas que faremos, Rosalina?

— Que faremos! Pois você ainda pergunta?

— Sim, porque os malvados estão aí, e é tempo de tomarmos a nossa decisão.

— Está tomada — respondeu Rosalina. Morreremos e não nos entregaremos aos malvados.

— Meu Deus! meu Deus!, exclamou Teresa.

— Não, não, Rosalina — acrescentou Josefa. Vamos ver se nos salvamos.

— Se nos salvamos!, disse a mulata com ironia e desdém. Não ouves os malfeitores baterem na porta?

— Mas então... balbuciou Teresa.

— Morreremos todas, Teresa, morreremos todas, mas com honra, ao pé deste oratório, gritou Rosalina com tal energia e decisão que nenhuma das outras se animou a proferir uma palavra sequer contra a sua sentença de morte.

Para dar o exemplo, a mulata caiu de joelhos diante do santuário, tendo no rosto a serenidade que faz belos e admirá-



O Cabeleira

veis os mártires, os verdadeiros mártires.

Teresa foi a primeira que imitou sua madrastra, e as outras não se demoraram a acompanhar Teresa. Quem poderia resistir à heroica decisão de Rosalina inspirada no sentimento da honra e na oração?

— Abrem, ou não abrem?, perguntou nesse ínterim de fora Joaquim impaciente.

A resposta que a esta pergunta deram as mulheres foi continuarem o terço alguns minutos antes interrompido, resposta que há de perdurar nas tradições populares, como um traço característico da firmeza e do valor das gentes do norte naqueles tempos de grandeza de ânimo que raro aparece hoje.

— Ah!, estão rezando. Fogo, Manuel Corisco, fogo, Mulatinho, fogo, Trovão!

De repente um clarão afogueado inundou o terreiro e indicou que a ordem do capitão do bando ia ser prontamente executada.

— Depressa, depressa — gritou Joaquim.

— Enquanto o diabo esfrega um olho, o mocambo fica torrado, e as matutinhas são nossas — respondeu José Trovão, aproximando a chama da sua tocha a um montão de cangalhas, tripeças, gamelas e outros objetos encontrados no terraço e que ele havia juntado de propósito, para servirem de combustíveis, ao pé das quatro janelas da casa.

Esta operação reproduziu-se na porta fronteira, nas portas e janelas laterais, no peitoril de madeira e nas colunas que sustentavam de espaço a espaço o telhado do terraço.

Quando o espírito racional ultrapassa os limites que o separam dos instintos da fera; quando o homem deixa atrás de si, na sua marcha descendente, o animal que bebe o sangue por natural fatalidade a que não pode resistir, não raro figura de protagonista de dramas que, como este, deixam de luto a história e envergonham a humanidade.

A porta principal tinha sido respeitada. Diante dela estendeu-se pelo chão, formando-se em semicírculo, o bando dos criminosos, os quais, ao espetáculo das chamas, que do peitoril passando às paredes e destas à cobertura, envolveram em poucos momentos a casa e formaram uma só chama, uma fogueira única, gigantesca e medonha, só tinham infames gracinhas e indecentes insultos para as vítimas. Sujos, maltrapilhos, nas

mãos as facas nuas e os bacamartes sinistros, semelhavam, ao clarão da fogueira imensa, uma legião de demônios que só as crepitantes labaredas separavam dos anjos.

— Quando resolverem não morrer assadas, como lagartixas, abram a porta e saiam sem susto que não vamos brigar — disse Joaquim.

O estalido da madeira, do barro, das telhas abafou em poucos momentos as vozes das mulheres.

— Que fazem, que não saem logo?, perguntou o Mulatinho depois de alguns minutos de espera infrutífera.

— Venham para fora, mocinhas — acrescentou o Trovão.

Mal tinha proferido estas palavras, a frente da casa vinha abaixo, atirando torrões em brasa contra as feras, que, afrontando o pudor com expressões obscenas, assistiam, bêbados de ferocidade, à medonha representação.

— Parece-me que as matutinhas escaparam — disse Joaquim.

A esta voz todos os malfeitores correram à porta principal, sobre cujos portais descansavam uns restos de madeiras incendiadas.

Batendo então os coices dos bacamartes sobre a porta, fizeram-na em pedaços e invadiram o estreito espaço aonde as chamas ainda não haviam chegado.

Ao mesmo tempo um grito, a que melhor se chamara o eco de uma angústia longamente reprimida e de súbito desprendida, dominando o barulho do incêndio, veio ressoar no pátio.

— Minha mãe, minha mãe não morrerá no fogo!

Então viu-se uma cena horrivelmente bela. Luísa, saltando por cima dos destroços abrasados, ganhava o pátio com Florinda às costas, semelhando uma visão inflamada, fantástica e sobrenatural.

Os malvados, sem se poderem governar, voltaram um passo atrás, não tanto pela estranha e fugitiva aparição, mas principalmente por verem, no lugar ocupado há pouco por aquelas contra cujo pudor a sua brutal cobiça se aguçava, pequenos troncos carbonizados em torno da mesa sobre a qual ardia nesse momento a última imagem.

— Diabo!, bradaram com raiva concentrada os algozes, mais dignos de compaixão do que as vítimas.

— Todas mortas!, acrescentou o Mulatinho com um pesar

O Cabeleira

que acusava a frustrada e libidinosa esperança.

— Só nos resta uma — disse o Trovão, correndo em busca de Luísa, que havia caído quase sem sentidos no terreiro junto do cadáver de Matias.

— Aqui está ela.

— São duas, são duas.

— Esta é minha, exclamou o Trovão, acercando-se de Florinda para assenhorar-se dela.

— Trovão do diabo!, exclamou o Mulatinho com indescritível expressão. Não vês que é uma defunta?

Florinda estava na realidade morta.

— Resta-me a outra.

— A outra? Não vês que o Joaquim já a tem em seus braços?

— Vai ser minha, custe o que custar, respondeu o negro.

— A outra é minha — disse um terceiro a cuja voz estremeceram irresistivelmente os dois bandidos.

Era o Cabeleira.

Capítulo IX

Profunda revolução se havia operado durante uma noite no íntimo do bandido. Quando ele chegou ao coito, estava já resolvido o assalto à família de Liberato, a qual, por se achar mais próxima do que qualquer outra, estava no caso de merecer as honras da prioridade na provação.

Cabeleira não deu mostras de que aprovava ou reprovava semelhante resolução.

Seu ânimo, sempre disposto a toda sorte de ousadias e investidas, mostrava-se agora frio diante do acontecimento. Brisa suavíssima passara por cima do charco fervente das suas paixões e deixara, se não purificadas, decerto quietas as águas turvas e lodosas. Essas águas nunca jamais viriam a ter a limpidez do curso d'água que desliza na manhã de verão, por cima de prateadas areias; podiam, porém, perder o lodo e os vermes que se geram e se alimentam em podres pântanos; podiam tornar-se mansas, como as dos lagos, azuis como as dos golfos.

No começo os companheiros do bandido atribuíram o seu silêncio, a sua tristeza e a sua distração aos ferimentos recebidos na luta.

Mas mudaram de opinião assim que o viram pegar da viola, seu instrumento querido que, não só a ele, mas também a todos os do coito, proporcionava, nas mãos do inspirado tocador, momentos de prazer e consolação.

Era de tarde. Os bandidos seguiram por uma vereda que ia dar na borda do terreno aonde chegava levemente a brisa,

O Cabeleira

donde se descortinava o vasto sertão oprimido e abrasado. Aos sons da viola puseram-se uns a cantar, outros a dançar, como brincam saltando as crianças nos campos.

De repente Manuel Corisco fez sinal para que se calassem.

— Estou vendo ali embaixo um homem que vem nesta direção, disse ele aos camaradas.

— Você não se engana, Manuel. Ele vem chegando tão encolhido e amedrontado que não pode ser amigo nosso.

Os salteadores tinham razão, porque o desconhecido era Matias.

Um deles quis imediatamente estendê-lo por terra com um tiro do seu bacamarte. Decidiram porém ocultar-se a fim de verem primeiramente o que pretendia.

Quando Matias desapareceu por um lado, segundo já dissemos, os malfeitores sumiram pelo lado oposto, pé ante pé, na embocadura do profundo abismo. Tinha o Cabeleira avançado já alguns passos após os companheiros, quando uma **ideia** súbita, atuando sobre sua vontade de modo irresistível, o fez sobressaltar-se. Ele se lembrara de que, se os companheiros conseguissem apoderar-se do desconhecido, não o deixariam com vida.

Mas o bandido sentia-se naquele momento tão pouco disposto a contribuir para a morte de um homem que não pôde voltar à beira do terreno onde estavam.

— Se eu quisesse, esse desconhecido não morreria, disse para si. Mas não. Se não vou ajudar os outros a lhe tirarem a vida, também não o irei salvar.

O lodo tinha já desaparecido da superfície do charco imundo que ele trazia no coração; restava, porém, ainda no fundo, como se vê, a lama corrupta e pestilencial.

Para que Matias declarasse o fim que o levava àquele ponto, foi preciso primeiro que o amarrassem com cipós a um tronco e batessem nele sem piedade. Suplício atroz e covarde que o índio sofreu com firme resignação característica de sua raça.

— Então dizes ou não dizes a que vieste, Veado do inferno?, perguntara Joaquim.

— Vim procurar aqueles que ali estão para os urubus comerem, respondera o velho.

— Até que enfim deste com a língua nos dentes.

— Quiseste primeiramente provar o cipó de rego.
— Mas não nos dirás quem foi que te mandou a isso?
— Quem me mandou! Tive pena daquelas mulheres que choravam por seus maridos e larguei-me para ver se os encontrava.

— Tiveste pena das mulheres, hem? Malandrão! Pois iremos lá hoje de noite para também termos pena como tu tiveste.

— Elas não serão tão tolas que apareçam a qualquer que lá chegue, retorquiu Matias com segunda intenção.

— Mas a ti elas abrirão a porta, velho mandingueiro.

— Para mim terão sempre aberta a sua casa, porque sabem que eu sou incapaz de as ofender.

— Então, se formos lá, não nos deixarão entrar?, perguntou Joaquim.

Matias, depois de um momento de reflexão, respondeu:

— Só se forem comigo.

— Pois está dito. Iremos contigo, disse o Mulatinho.

— Mas tu irás amarrado, bem amarrado, jia de lagoa, acrescentou José Trovão.

— Como quiserem, contanto que não me matem no caminho.

— Se facilitares nossa entrada, podes ter certeza de que não haverá quem se atreva a tocar em um cabelo teu sequer.

— Bem sabes que não precisamos do auxílio de pessoa alguma para tomarmos conta de uma casa onde só há mulheres choronas, observou Joaquim. Mas sempre é melhor entrar sem fazer barulho para não dar que falar à vizinhança.

Era quase noite, e já a lua espalhava a luz suave sobre a solidão quando se acharam novamente na beira do despenhadeiro. Segundo um plano acertado entre eles, quatro seguiram com Matias pelo lado por onde havia descido, enquanto os outros, subindo pelo lado oposto, se dirigiram ao esconderijo a fim de pegarem dos instrumentos necessários para o assalto. Os primeiros esperariam pelos últimos na boca da mata para, reunidos, seguirem seu destino.

No momento em que os malfeitores tomaram a direção da engenhoca, um cavaleiro que entrara na mata por secretos atalhos fora dar com o Cabeleira em seu retiro. Era o Teodósio.

— Arrumem as trouxas e mudem de acampamento.

O Cabeleira

Foram estas as suas primeiras palavras.

— De onde vens tu? Que diabo tens, Teodósio?

— Vêm aí soldados que só a peste.

— Quem te contou semelhante coisa?

— Eu sei. O governador está comendo fogo pelo que fizemos na noite da procissão.

— Ora!... Pois que venham. Vão saber do que sou capaz. Nunca torci a cara a homem nenhum e não morro de careta, como **sagui**.

— Eu também não tenho medo deles, disse o cabra. Mas é bom a gente estar prevenido para não cair na emboscada como bicho do mato.

O Teodósio apenas suspeitava do que dizia estar para acontecer. Fino, matreiro, como era, facilmente previra que não ficaria sem punição o crime que haviam eles cometido na vila.

— Ora, Teodósio!, disse José com mostras de fazer pouco do que lhe dizia o camarada. Eu, por ser bicho do mato, é que não vou cair em emboscada. Olha tu: enquanto houver mata virgem por esse mundão de meu Deus, podem eles mandar contra mim os soldados que quiserem, que não me apanham, ainda que sejam tantos como formigas. Não vão ver nem a minha fumaça.

— Não digo menos disso, respondeu Teodósio.

— Eu sou cabra mesmo danado — prosseguiu Cabeleira. Quem se engana comigo é porque quer. Meto a unha no chão e entro no oco do mundo para nunca mais ninguém pôr o olho em cima de mim. As matas de Sirinhaém, Água Preta, Goitá, Goiana, Paraíba, Rio Grande aí estão bem fresquinhas para esconderem a onça pintada. É bom que não me assanhem. Se o governador duvidar de mim, sou capaz de me largar daqui, pi, pi, até a vila, e lá mesmo vou mostrar a eles com quantos paus se faz jangada.

— Pois afia bem a tua faca e ponha pólvora de novo no teu bacamarte, que o trovão não tarda a roncar.

— Eu nunca deixei de trazer a faca e o bacamarte prontinhos para o serviço. Quem quiser venha ver.

— Está bom. Até já, disse o Teodósio, despedindo-se para sair.

— Aonde vais?, perguntou-lhe o Cabeleira.

— Tenho uma **ideia**. Vou passar pela porta do capitão-mor.

— O capitão-mor está na vila, disse José.

— Não, senhor, está aí. Veio antes de mim, eu vi. Vou passar pela porta e puxar conversa com algum soldado bisonho que se ache de serviço, a fim de ver se pesco notícia que nos oriente.

— Não é mau o que queres fazer. Mas olha bem, não caias em alguma ratoeira.

— Macaco velho não mete mão em cumbuca, respondeu Teodósio, preparando-se para montar novamente.

— Faço-te companhia até o cercado da engehoca do defunto Liberato, acudiu Cabeleira. E saltou sobre a garupa do cavalo que Teodósio pôs a passo pela vereda secreta que ia dar na via pública.

— Ué!, exclamou Teodósio, voltando-se para o companheiro a fim de melhor saber a verdade. Pois morreu o Liberato, tão bom amigo nosso, que nunca nos faltou com jerimum, canas e criação?

— Ele era camarada, é verdade. Mas meteu na cabeça de tirar nosso couro e há três dias veio bulir conosco.

— Que estás dizendo?

— Não só ele, mas também os filhos e o bom do genro.

— Foi a última deles, hem?

— É verdade. O Zé Rufino, que o negro fora convidar para o ajudar na tragédia que tinha planejado contra nós, correu logo a dar-nos parte de tudo ainda em tempo. Quando os cabras apareceram, encontraram gente. Fizemos o bonito em poucas horas. Estão todos dentro do esconderijo.

— E que vais tu ver na engehoca?

— Vou reunir-me com os outros que lá estão fazendo uma das suas. Mas onde arranjaste tu este cavalo bom de passo que se vai derretendo na estrada depois da grande caminhada que traz da vila?

— Falta aí engenho onde se vá buscar um animalzinho fora de horas para a gente fazer sua viagem?

— Pois então vai logo, deixando atento alguns outros para fazermos a nossa mudança se a tropa vier perseguir-nos.

— Amanhã pela manhã teremos um lote e poderemos perder-nos por aí antes que o tropão bata por cá.

Tinham deixado a vereda e achavam-se já na estrada que, fazendo pouco adiante um ângulo, seguia em linha mais ou menos reta até o povoado. Ao passarem por baixo de uma

O Cabeleira

pitombeira, que no ângulo apontado agitava no ar a sua copa gigantesca, súbito ruído espantou o cavalo que por um triz não tirou o cabresto da mão do Teodósio. Com o violento arranco, partiu-se a cinta da cangalha, e os dois cavaleiros vieram à terra.

— Diabo!, exclamou o Teodósio contrariado e perturbado. Foi alguma coruja que voou da pitombeira.

Não se havia partido só a cinta, mas também a armação da cangalha.

— Sabes que mais, Teodósio? Acho melhor que não vás ao povoado.

— Por que não?

— A cinta partida, a cangalha arrebentada, tudo me parece aviso para que não faças a viagem, disse o Cabeleira.

— Estou já em outro pensamento. Deixo-te o cavalo e vou a pé. Este cavalo é quem me está chateando.

Enquanto o Teodósio seguia pela beira do rio, o Cabeleira, que havia tomado a direção da engenhoca, dava a volta do caminho e descobria a casa envolta em chamas, cujo clarão sinistro iluminava a extensa solidão. Em breves instantes achava-se entre os companheiros e cortava, como vimos, a polêmica do Trovão e do Mulatinho sobre a posse de Luísa.

— Luisinha!, exclamou o bandido. Tu me pertences.

— Que dizes, Zé Gomes?, interrogou Joaquim sem poder bem compreender o que ouvira do filho, que lhe pareceu alucinado.

— Digo o que é. Houve tempo em que juramos, eu e ela, pertencer-nos na mocidade. Chegou a ocasião.

— Atraves-te a falar-me em juramento! Não sabes o que estás dizendo. Esta mulher é minha, e quem for homem que se meta a vir me tomar.

Mal havia proferido estas palavras, o Cabeleira puxava da faca dando mostras de querer ferir com ela o seu interlocutor.

— Zé Gomes!, gritou este. Já te esqueceste de que sou teu pai?

— Não tenho pai; só tenho mãe que me ensinou o caminho do bem; pai nunca tive nem tenho. Não é meu pai aquele que só me ensinou a roubar e a matar.

— Zé Gomes, olha bem o que dizes!, argumentou de novo Joaquim, medindo o filho com olhar ameaçador e terrível.



— Já lhe disse, insistiu o jovem excitado pela oposição do velho, ao qual se atirou com fúria brutal para lhe arrancar das mãos os pulsos de Luísa afogada em prantos e soluços.

Joaquim resistiu. Os outros malfeitores reuniram-se em torno daquelas duas hienas que ameaçavam despedaçar-se mutuamente. Mas não houve um só dentre tantos que tentasse unir os discordantes. Cabeleira brandiu enfim a faca contra o velho.

Neste momento, voz chorosa e soluçada ressoou na solidão. Foi a voz de Luísa.

— Cabeleira, disse ela, terás coragem de ferir teu pai?!

O braço do bandido caiu como se aquela voz lhe tivesse cortado os músculos atléticos.

— Meu pai!, exclamou o desgraçado. Um pai não toma a mulher de seu filho. Mas já que queres, fica com ela, acrescentou voltando-se para Joaquim. Cabeleira vai desaparecer para sempre, e, sem o seu auxílio, vão cair, nas mãos da justiça, todos os que me cercam. A tropa vem aí.

— A tropa!, gritaram os malfeitores sobressaltados, olhando uns para os outros, e todos para a solidão que, ao declinar do incêndio, retomava seu aspecto equívoco e medonho.

Tendo assim falado, Cabeleira andou na direção da estrada. Seu espírito estava abatido, seu coração despedaçado pelo golpe cruel.

Então Luísa, vendo assim perdido o último raio de esperanças, que ainda a guiava no meio das trevas do seu infortúnio, exclamou:

— Meu Deus, meu Deus, que será de mim?

Joaquim entretanto tinha-se atravessado diante do Cabeleira. Todo assassino é covarde.

— Por que nos queres deixar?, perguntou ele ao filho. No momento em que mais precisamos de ti é que tu nos desamparas? Não sejas mau, Zé Gomes. Eu te **perdo** a desobediência e te restituo a mulher. Fujamos todos.

Cabeleira atirou-se a Luísa e tomou-a nos braços com frenesi alucinado.

Volvendo um instante depois os olhos ao redor, não viu um só sequer dos companheiros. Penetrados de pânico, todos tinham corrido, sem exceção de Joaquim, a ocultar-se na mata.

— Vamos, Luisinha, disse o bandido à moça, com ternura. Ninguém a ofenderá, ninguém.

— E minha mãe?!, soluçou Luísa caindo, pois a eternidade se ia meter entre ela e Florinda e sobre a Terra estava tudo acabado para ela.

O bandido conchegou-a ao peito e abafou-lhe as últimas palavras com um beijo.

Capítulo X

Que valeu a Luísa ter-se libertado das mãos de Joaquim, se o Cabeleira a prendia em seus braços possantes e atléticos?

— Solte-me, solte-me — disse a moça ao bandido.

— Quer ficar aqui? Não a deixarei só.

— Não se importe comigo. Siga seu pai, que eu irei para minha casa. Não preciso da companhia de ninguém.

Com esforços sobre-humanos, Luísa tentou libertar-se das suas prisões. Foram inúteis esses esforços.

— Se não me soltar, vai me ver cair morta a seus pés.

Ela tinha podido apoderar-se do facão do malfeitor e o voltava contra si mesma.

O Cabeleira parou e soltou-a.

— Que pretende fazer, Luisinha? Não tem pai, não tem mãe, não tem quem olhe por si. Para onde quer ir?

— Quero matar-me aos pés de minha mãe.

— Isso nunca.

Sem esforço nem luta ele a desarmou em um momento.

Depois perguntou, com a voz mais branda do mundo:

— Matar-se por que, Luisinha? Não se lembra que me prometeu ser minha mulher quando um dia nos encontrássemos?

— Eu fiz esta promessa com uma condição, que você não cumpriu.

— Pois bem. Estou pronto a cumpri-la agora — tornou ele com ternura.

— Quer enganar-me, José? Para que eu acreditasse em

suas palavras fora preciso não o ter visto levantar há pouco a faca para seu pai.

— É verdade; assim foi. Eu estava fora de mim — respondeu com ar pesaroso que indicava remorso, vergonha e arrependimento do feio ato que tinha praticado. Mas que importa isso?, continuou ele. Matar já me aborrece, e eu quero mudar de vida.

— Não creio, não posso crer no que você diz — observou Luísa.

— Nem se eu jurar?

— Eu sei!...

— Que razão tem para duvidar tanto de mim, Luisinha? Estou vendo que você nunca me quis bem.

— Eu é que posso dizer isso de você.

— Se eu não lhe quisesse bem, não a tinha deixado livre como está. Se eu só a quisesse desfrutar como fazem com as outras, quem me poderia impedir de realizar a minha vontade? Ninguém.

— Podia, e pode ainda matar-me, mas fazer isso, nunca, nunca. Só depois de me haver tirado a vida.

— Como se engana! Quisera eu!, mas não quero. Eu sei que você me quer bem, e por isso não me vexo nem apresso.

Com os braços trêmulos o Cabeleira apertou Luísa novamente contra o peito onde lhe ardia o coração em chamas.

— Deixe-me, José. Aquela que você ofendeu, aquela que você arrancou dentre os meus braços, dali o está vendo e amaldiçoando.

— Perdoe-me, não me odeie, Luisinha, por sua bondade, e pelo muito que nos queremos nos primeiros anos. Se eu a privei de sua mãe, estou pronto a protegê-la de agora por diante. Pelo corpo de sua mãe, juro que farei isso, Luisinha.

— Jurará também que não vai tirar mais a vida de ninguém, ainda que seja de um passarinho?

O bandido refletiu um momento.

— E se quiserem me matar?, perguntou depois.

— Fugirá — respondeu Luísa.

— E se não puder fugir?

— Eu quero que você jure, Cabeleira, que em caso nenhum derramará mais sangue sobre a Terra, ouviu? Se não for assim, tudo estará acabado entre nós.

— Pois bem, Luisinha. Eu juro. O malvado será de hoje em diante homem de bem.

Luísa fitou-o como um anjo deve fitar um demônio que promete ser anjo. O Cabeleira, porém, não lhe deu tempo para grande contemplação, porque de repente a tomou pela terceira vez nos braços e desapareceu com ela no meio da escuridão.

Saltar no cavalo, vencer o vasto pátio, transpor a cerca e, em vez de ir em demanda da mata, voltar ao rio e descer pela margem esquerda na direção do norte foi obra de um instante para o destemido malfeitor. Luísa deixou-se conduzir em silêncio pelo meio do fatal desconhecido.

Mal tinham vencido uma milha na veloz corrida, o Cabeleira descobria uma cinta escura que se desenhava e movia, como nuvem de tormenta, no confuso horizonte.

Seu primeiro cuidado, ao ver aquela visão aterradora, foi afastar-se da margem e meter-se em um alagadiço que ficava a alguma distância do rio. Com a grande seca o brejo estava em pó, e a poderosa vegetação aquática reduzida a raras plantinhas que mal encobriam uma pessoa sentada.

— Esperemos aqui, Luisinha, que passe a tropa que vai para o povoado.

Luísa soube que estavam em perigo e não fez a menor oposição. Atravessando o cavalo diante de si, acomodaram-se ambos de pé, do melhor modo que puderam, Luísa a rezar como costumava nos momentos arriscados, Cabeleira observando em profundo silêncio, através da escuridão da noite, a mata que aparecia, como gigantesca e estendida paisagem, do lado oposto da planície deserta e medonha.

O jovem não se enganara. Era de fato uma tropa que vinha em busca dos salteadores. Os pelotões encaminharam-se para as embocaduras das veredas. Não havia mais que duvidar. O segredo do esconderijo era de conhecimento da justiça.

— Estão perdidos, disse o Cabeleira comovido. Se foram tomadas as saídas que ficam do lado do poente, nenhum se salvará.

Como conduzido por força irresistível, o Cabeleira andou para o mato.

— Que vai fazer?, perguntou-lhe a moça com inquietação, atravessando-se na frente dele.

— Não se assuste, Luisinha. Vou defendê-los.

— Diga antes que vai morrer.

— Não, o que eu vou fazer é matar gente sem piedade, acudiu o bandido.

— Matar gente!, repetiu Luísa. Que valeu então o juramento que fez há pouco?

— Ah!, disse ele, caindo em si. É verdade, Luisinha. Mas que quer que eu faça? Pois não devo ajudar os meus a saírem do aperto em que se acham?

— Eles são muitos e valentes, respondeu Luísa; podem bem dispensar o seu grupo. Demais, você não pertence mais a eles, mas a mim, a mim só; ouviu José?

— Sim, eu sou seu, Luisinha; eu pertenço a você pelo coração, pelo amor.

Ouvindo estas palavras, ela inclinou ao chão seus olhos mais belos que as estrelas que brilhavam no céu.

— Mas você fez bem em lembrar o juramento que há pouco fiz, prosseguiu o Cabeleira. Eu não podia ver meus companheiros em perigo sem correr para junto deles a defendê-los. Se não fosse você, Luisinha, eu já não estava aqui. Mas agora me lembro: saíamos sem demora, que talvez seja ainda tempo de os salvar por outro meio.

Em menos de um instante acharam-se montados no cavalo que o bandido pôs a galope em direção ao rio.

— Para onde nós vamos?, perguntou Luísa, agarrando-se, assustada, ao destemido matador. Aonde me leva você, José?

— Não fale, Luisinha, não fale, que pelas suas palavras podem vir sobre nós.

Nesse momento a detonação de alguns tiros e as vozes de um clarim, anunciador de não sei que operação militar, indicaram que a força tinha dado com os bandidos e que qualquer aviso para que fugissem seria inútil.

— É tarde, disse o Cabeleira. Já não é possível a salvação. Mas vão ter-me ao pé de si na sua derradeira, exclamou, saltando do cavalo e dando mostras de querer correr ao lugar do perigo.

— Cabeleira!, exclamou Luísa penetrada de terror. Você terá coragem de desamparar-me neste deserto? Não, não pode fazer isso comigo. Veja que eu estou hoje só no mundo.

O bandido parou sem reação. Estas palavras foram correntes que o prenderam aos pés da jovem mocinha.

— Tem razão, Luisinha.

— Fujamos sem perda de tempo, acrescentou ela.

Nesse momento uma das escoltas saía da mata.

Grande vitória tinha sido ganha pelas armas reais contra os destruidores da propriedade, honra e vida de inofensivas povoações. Inúmeras campanhas militares já tinham sido mandadas contra os malfeitores sem resultado.

Pouco depois do canibalismo praticado no primeiro domingo de dezembro de 1773 na, ponte do Recife, o governador Manuel da Cunha de Meneses fizera seguir contra eles uma força considerável.

Esta força chegou a Afogados alguns minutos depois da retirada dos autores da desordem; e daí não passou, por não ter sido possível, apesar das mais minuciosas indagações, saber o rumo que haviam tomado os criminosos.

O Timóteo, cuja taverna foi revistada, declarou unicamente que eles tinham de fato se alojado aí, mas que haviam se retirado sem lhe dizerem para onde. Não houve promessas nem ameaças bastantes a obter dele declaração mais formal e menos imprecisa do que esta.

Tempos depois novas campanhas foram mandadas a ver se se conseguia o fim desejado. Tanto a que seguiu ao norte como a que seguiu ao sul bateram matos, atravessaram rios cheios, empregaram enfim os maiores esforços inutilmente. Em mais de um lugar, ou de um pouso, encontraram vestígios da recente passagem dos bandidos, ou da sua ação destruidora e fatal, mas nunca lhes foi possível dar com os três personagens, tipos legendários que todos conheciam pelos seus tristes feitos, que todos tinham visto, a quem quase todos tinham pago pesado tributo, mas que iludiam a vigilância e zombavam dos esforços de todos, sem exceção do poder público. Nuvem miraculosa envolvia-os, ocultava-os, aos olhos da justiça e da lei, que tem em toda a parte vistas penetrantes e investigadoras a que ninguém se encobre por muito tempo. Nos seus tenebrosos antros saboreavam o corrosivo prazer que proporciona o roubo e a impunidade.

Esta animava-os à prática de novos crimes e expunha, ao descrédito público, a administração, menos digna de temer-se, ao parecer deles, do que o particular que muitas vezes resistia, defendendo a sua propriedade, e na defesa e resistência os feria,

embora tivesse de cair aos golpes descarregados por eles com tal firmeza que nunca deixou de ser fatal.

Cunha de Meneses, convencido da ineficácia dos seus esforços, contra os quais se levantava a audácia e o cinismo dos malfeitores, além de um tríplice contratempo que, mais do que estes, se opunha àqueles esforços — a falta de população, de tropas e de estradas —, contratempo esse que era favorecido indiretamente pela indiferença dos mais fortes e diretamente pelo temor da maior parte dos moradores, renunciou à tarefa, que por muito tempo alimentou a reivindicação dos foros da administração, assim afrontados diária e ostensivamente pelos ditos malfeitores.

Com esta mudança de resolução coincidiu a sua promoção ao lugar de governador da Bahia. Em 31 de agosto de 1774 ele entregava a José César de Meneses, a quem já nos referimos, as rédeas do governo de Pernambuco, então, como ainda hoje, difíceis de controlar.

José César teve de voltar a sua atenção para a guerra com a Espanha; e, quatro meses depois de haver tomado conta do governo, fez partir para a Colônia do Sacramento, então novamente em poder dos espanhóis, bem como os fortes brasileiros de S. Miguel, Santa Teresa e S. Pedro do Rio Grande do Sul, um regimento de infantaria.

Em 1776 tinham seguido do Recife para aquela colônia cerca de 1.100 pernambucanos. À guerra seguiu-se a peste, e à peste, a fome como vimos.

Quando se achava assim nos braços deste tríplice flagelo, soube que diferentes missões, que, em parte às custas do rei e em parte às custas dos negociantes mais ricos da vila, haviam sido mandadas por ordem sua para os pontos onde o mal se manifestava com maior intensidade, tinham caído nas mãos dos salteadores.

O governador mal pôde dominar a sua cólera e, às pessoas mais íntimas, declarou que daquele momento em diante o principal empenho do governo ficava sendo dar cabo dos criminosos que devastavam a província.

Desgraçadamente faltavam-lhe gente e dinheiro para pôr em prática este louvável empenho. A terrível epidemia tinha desolado povoações inteiras.

A fome continuava a gerar os males que em toda a parte são seus companheiros naturais e inevitáveis. A seca devastava ainda o interior da província como chama que surge do seio da terra e tudo abrasa e destrói.

Mas José César era ativo, enérgico, esforçado e de grandes espíritos. Confiava no poder da autoridade e tinha por certo que ia restaurar a **tranquilidade** e a segurança privadas e restabelecer o domínio das leis.

Enfim, depois de haver pensado com maturidade sobre o grave assunto, deu ordem a seu secretário para que expedisse em seu nome aos capitães-mores de Igarassu, Itamaracá, Várzea, S. Lourenço, Santo Antônio, Tracunhaém, Nossa Senhora da Luz, Jaboatão, Muribeca, Cabo, Ipojuca e Sirinhaém a circular seguinte:

“Ordena o Sr. Governador e capitão-general que, para um negócio que entende altamente com a paz pública, se ache vm¹². no dia 8 do corrente mês, pelas nove horas da manhã, neste palácio, onde se há de celebrar junta a fim de tratar-se do mesmo negócio. Vm. fará igual aviso aos coronéis das ordenanças que houver em seu distrito”.

No dia designado acharam-se presentes onze **capitães-mores** e outros tantos coronéis. Depois do almoço, durante o qual lhes disse, explicou e particularizou todo o seu pensamento, convidou-os o governador a chegarem até aos paços do senado da câmara de Olinda.

Uma pequena embarcação, que estava às ordens em uma das rampas do palácio, os recebeu e os conduziu à capital ilustre. A sessão da junta foi secreta.

Todos presumiram que a fome e a peste eram os motivos principais da reunião, mas dificilmente conciliaram esses motivos, que estavam no público domínio, com o sigilo que se guardou durante a sessão e continuou a ser mantido depois do seu encerramento.

Seguiram-se, como é fácil imaginar, diferentes versões e fizeram-se longos e variados comentários. Falou-se de guerra no exterior, de geral recrutamento e novos impostos.

Veio logo a lembrança de igual ajuntamento que se verificou em 1727, sob o governo de Duarte Sodré Pereira, e o imposto

¹²Vossa Mercê.

decretado nessa ocasião pelo dito ajuntamento, imposto calculado em um milhão e **cinquenta** mil cruzados, que se tornou efetivo em vinte anos e foi destinado a socorrer os gastos com o casamento dos príncipes de Portugal.

Opôs-se à forçada contribuição, caso viesse a verificar-se, a resistência que naquele tempo apresentaram os povos da ribeira de S. Francisco.

Mas passaram-se dias e semanas sem que ato algum, público, oficial, ou simples revelação particular, viesse confirmar as suspeitas. A deliberação continuou trancada debaixo dos selos do mais rigoroso segredo.

Uma manhã um batalhão de infantaria, devidamente provido de munição, moveu-se e pôs-se em ordem de marcha na direção do sul. Este batalhão fez alto em Afogados.

— Temos guerra, gritaram os curiosos pelos ângulos da vila.

Alguns parasitas, plantas conhecidas e existentes em todas as regiões, mas muito mais abundantes nas regiões oficiais, ou governativas, correram ao palácio a verem se podiam, pelos meios que sabe a astúcia venenosa e servil, descobrir das palavras de José César, ditas na intimidade, o destino a que se dirigia a coluna militar, inesperadamente posta em armas e a caminho. O semblante do governador, porém, parecia uma superfície plana; não apresentava uma só ruga que pudesse trair oculto desgosto ou indicar grave preocupação. Se estudavam as palavras de José César pela frente, descobriam no sentido daquelas a mesma discrição e reserva que tinham encontrado na expressão dessa. Os lábios do governador guardavam, com a severidade da disciplina militar e das práticas do governo naqueles tempos, silêncio absoluto a respeito do acontecimento que preocupava os grandes e o popular.

A curiosidade pública mostrou-se dentro em pouco ainda mais excitada com certas notícias trazidas do interior pelos boiadeiros, condutores de animais e mensageiros. Em todos os distritos, por ordem dos respectivos capitães-mores, de acordo com os coronéis de ordenanças, se tinham levantado milícias locais que evidentemente se prestavam para um fim de importância, a julgar pelas aparências. Das sedes de alguns desses

O Cabeleira

distritos já os destacamentos haviam marchado para certos e determinados pontos que os informantes não sabiam dizer.

Enfim, tendo reunido todos estes elementos de dúvida e decisão, e os tendo pesado na balança da crítica, arte ou ciência comum a todas as sociedades, mesmo as que se acham no estado mais rudimentar, julgou-se o público autorizado a afirmar que se tratava de efetuar uma diligência de alta importância, para a qual tinham de concorrer simultaneamente as diferentes forças locais, de combinação com algum destacamento da capital.

Capítulo XI

Antes de haver se movido da capital o destacamento que foi estacionar em Afogados, grande confusão dominara nos espíritos dos habitantes desta localidade.

O caso foi que, pelas oito horas da noite, pouco mais ou menos, dois vultos tinham ido se colocar defronte da taberna do Timóteo. Alguns fregueses e frequentadores do taberneiro repararam o misterioso par que ninguém se animou a ir reconhecer, apesar de a todos não ter parecido exagerado temê-lo.

Não se podia confiar no tempo, principalmente nos lugares afastados da vila. Roubos e assassinatos repetiam-se a cada canto. Na própria capital os habitantes não tinham como seguras nem sua propriedade nem sua vida. Por isso, qualquer sujeito duvidoso suscitava, com razão, desconfiança e medos nos homens pacíficos que por interesse próprio se afastavam sem demora dos pontos onde tais sujeitos apareciam ou podiam aparecer.

Quem menos se inquietou com os desconhecidos foi o Timóteo, que, acostumado a tratar, de instante a instante, podemos dizer, com essa espécie de gente, se considerava fora de todo risco, mesmo quando este se desenhasse, como em certas ocasiões, com as mais vivas e medonhas cores. A seu parecer, de indivíduos tais só tinha ele que esperar favor e proteção, visto que, sendo sua taberna ponto obrigatório das relações da capital com o centro, quer fosse de dia quer de noite, assim de inverno como de verão, tinham eles, como ele próprio,



grande interesse, se não maior do que ele tinha, em conservar, defender, amparar esse poderoso ponto de apoio para os seus planos, violências e infames ciladas de que era vítima o matuto simplório, o sertanejo de boa-fé, o mascate, enfim quem quer que passava por aquela infernal estância.

Apontavam-se no lugar outras tabernas, das quais algumas tinham à sua frente patrões mais hábeis do que o Timóteo; a do velho, porém, mestre no jogo como nenhum outro, tinha fama extensa, quase geral, na província. Era uma taberna tradicional por ter servido muitas vezes de teatro a cenas de sangue e morte.

Pelas festas de arraial, o jogo e os excessos aí se praticavam com prejuízo considerável da ordem pública, da fortuna particular, do sossego e honra das famílias.

Estas circunstâncias e este passado davam-lhe certo prestígio que atraía para o imundo balcão, ou para a escura camarinha, o vicioso por hábito, o filho da viúva, a moça infeliz, os quais iam encontrar debaixo das quatro telhas do casebre largo campo onde dar expansão a suas paixões reprovadas.

Quando algum **frequentador**, exaltado pela cachaça, ameaçava esfaquear o vendeiro por alguma das suas, respondia ele, abrindo a camisa e mostrando o largo peito coberto de espessos e avermelhados **pelos**:

— Pode fazer do peito do velho Timóteo bainha da sua faca. Já bebeu a minha aguardente, não será de admirar que queira agora dar meu sangue a seu cachorro magro. Mas de uma coisa tenha você certeza; ainda que me mate, ainda que me esfole, não passa a garra no meu dinheiro. Poderá comer mais sardinhas, chupar do meu vinho, mas de dinheiro nem ninharia vai cair na sua unha.

Timóteo dizia a verdade. Ele tinha todo o seu amoedado em lugar só dele conhecido. Ficara só no mundo depois da morte da Chica e escondia sem destino o tesouro que ilicitamente adquiria. Seus únicos companheiros de casa eram um cão e dois gatos. Estes últimos comiam com ele à mesa, quase no mesmo prato, e, para bem dizermos, dormiam na mesma cama. Por isso, quando viu os misteriosos vultos parados defronte da taberna; quando os viu mais tarde dirigir-se para esta no momento em que ele ia fechar as portas por se haver de uma vez retirado a freguesia do dia, disse Timóteo com a maior indiferença:

O Cabeleira

— Podem entrar sem susto, que o Timóteo é amigo.

Os desconhecidos ganharam de um pulo a casinha e trataram de fechar as portas.

— Fazem bem, disse-lhes o vendeiro, sem se dar por achado. O tempo não está para graças. Mas se vocês estão aqui para emboscar a algum desordeiro, será bom deixarem aberta esta janelinha da porta.

— Não estamos de emboscada a ninguém, porque quem queríamos já está seguro, disse um deles, trancando com a fechadura a janelinha indicada.

— Ah! Já sei. Querem jantar comigo. Não tenho dúvida.

Os desconhecidos entreolharam-se.

— Não façam cerimônia, camaradas. Naquela mesinha, que ali **veem**, muito fidalgo tem feito a sua refeição. Tirem os casacos, se querem estar à vontade; e esperem um momento, que não há demora.

Sem esperar resposta, o velho tomou o interior do casebre e voltou logo, trazendo pães, postas de peixe frito e uma cuia com farinha.

— Então, que fazem? Vão sentando-se e podem comer. Não esperem por mim, que sou de casa e não tenho etiquetas.

E entrou novamente, manifestando, pela prontidão com que tratava de pôr a ceia, a melhor vontade de ser agradável aos estranhos hóspedes. Não eram estes no todo simpáticos, mas também não eram mal-encarados.

O que representava ser mais moço era seco de corpo, tinha boa estatura, cor parda, olhos cintilantes e redondos, cabelo bem curto. O nariz um pouco grosso estava em desarmonia com as outras partes da cara, onde se lia uma expressão de audácia, que respondia bem à agilidade do corpo.

O outro era feio de feições, baixote e roliço. A cor, o ângulo facial, o cabelo crespo estavam claramente denunciando a sua proveniência africana. Por baixo dos casacos, já velhos, brilhava nos rins um cinto de couro de onde a cada um pendia uma espada de ponta direita. Eram as espadas as únicas armas que traziam à vista.

Sentaram-se à mesa sem tirar os chapéus de palha com que estavam cobertos.

— Vinho ou cachaça?, perguntou o velho, surgindo, de volta, na porta com uma penca de bananas que lhe vinham caindo das mãos de maduras.

— Vinho, disse o mais moço.

— Traga da cana para mim, acrescentou o outro.

— Muito bem, respondeu Timóteo. Olhem: o pão é da padaria do Zé Braga, o peixe é do Viveiro do Muniz, a farinha é de Muribeca, e as bananas são do meu quintal. A cachaça é do engenho do Mendonça, e o vinho é puro de Lisboa.

No fim da ceia, que os repetidos brindes prolongaram e que correu animada, por mais de um dito, um gracejo, uma sentença libertina, o Timóteo dirigiu estas palavras aos hóspedes:

— Não está mau isso. Dei-lhes da minha ceia sem saber quem são vocês. Agora, os seus semblantes, se não me falta a memória, não me são de todos estranhos.

— Assim deve ser, disse o cabra. Mais de uma vez tenho comprado aqui o meu vintém de aguardente.

— Já vejo que somos conhecidos velhos.

— Tão conhecidos somos, seu Timóteo, replicou o cabra, que tomo a liberdade de o convidar para um passeio agora mesmo por esta estrada afora.

— Nossa Senhora da Paz livre-me de tal, disse Timóteo empalidecendo. Sair a esta hora, por este tempo, deixar a minha casa à revelia, Santo Deus! Nem pensem nisso, meus bons amigos.

— Não tem que ter medo, meu caro. Cada um de nós traz, como vê, uma espada à cinta e a sabe manejar.

— Bem estou vendo, disse Timóteo. Mas sempre lhes quero dizer: o crioulo Gabriel sabia muito bem jogar a espada, e melhor a faca, mas o Cabeleira o lambeu.

— Ah!, o Cabeleira?, disse o negro.

— Sim, senhor; ele aparece por aqui às vezes; eu o tenho visto fazer proezas de espantar.

— Seu Timóteo, disse o cabra, levantando-se, fez bem em falar no Cabeleira. Eu quero perguntar ao senhor uma coisa...

Antes que terminasse a sua oração fez-lhe um sinal o negro, e ele disfarçou por este modo:

— Mas é já tarde, e nós não podemos demorar mais. Vem ou não vem?

O Cabeleira

— Para onde, senhor?, perguntou o vendeiro, levantando-se aterrado por haver finalmente compreendido que tinha diante dos olhos dois inimigos.

— Saberá depois. O essencial é que nos acompanhe.

— Não posso fazer tal coisa.

Timóteo recuou instintivamente quando ouviu as últimas palavras do desconhecido. Este, porém, em um instante, o tinha segurado pelos pulsos enquanto o negro lhe passava uma corda nos braços.

— Como é que me fazem isto?, perguntou Timóteo. Querem matar-me?

— Não, senhor, disse o cabra. Você vai chegar vivo, bem vivo, a seu destino, ainda que o Cabeleira se meta a tirá-lo das nossas unhas, o que eu duvido.

— E a minha venda?

— A sua venda fica aí; nós não a levamos.

— Mas... vão me roubar tudo, tudo.

— Não tem você roubado a tanta gente?

— Ora! Feche bem as portas e se apresse que está na hora. Se não quer ir pelos pés, irá amarrado como um porco.

Timóteo aceitou, contra vontade, já se vê, e por não ter outro remédio, a situação que lhe afigurou inevitável.

— Vista o seu gibão que você vai ser apresentado a gente nobre.

— Ah!, disse o vendeiro, respirando, mas não sem grande espanto, que mal disfarçou.

Pouco depois os três convivas seguiam, a passos largos, pela estrada de Santo Antão. Tendo deixado a taberna, cujas chaves o Timóteo levava consigo por permissão dos desconhecidos, haviam estes pouco adiante entrado com ele no mato para tomarem dois cavalos que ali tinham deixado ocultos. Em um deles montou o negro, e no outro montaram o cabra e o vendeiro, este passado de medo, que o caso não era para menos, aquele guardando-o na garupa e tendo uma faca nua na mão. Tomaram novamente a estrada e logo desapareceram como sombras fantásticas no fundo da escuridão.

Conforme a deliberação tomada no senado da câmara pelo governador, capitães-mores e coronéis de ordenanças, a busca

dos malfeitores tinha de ser dada ao mesmo tempo nas matas dos respectivos distritos.

— Estes bandidos, dissera o governador, fazem-nos maior dano do que a fome, a peste e a guerra. Matam a sangue-frio para roubarem a fazenda daquele que pacificamente a ganhou com o suor do seu rosto. Penetram nas casas, nas lojas, nos engenhos, nos próprios templos e, tirando daí o fruto da economia e o trabalho honesto e esforçado da propriedade alheia, vão consumi-lo nas suas orgias e delírio. À sua passagem o pobre não fica privado somente das suas migalhas; fica também privado da sua honra, da honra das suas filhas; se não se atrevem a fazer hoje o mesmo aos ricos e nobres, amanhã o farão, animados por um longo passado para o qual não posso volver os olhos senão com tristeza, porque ele diz que aos meus predecessores faltou ânimo para esmagar o crime, ou que foram eles indiferentes aos males privados e publicados que resultaram da impunidade. Não quero que o meu nome passe à história envolvido com essa impunidade; há de passar com o lustre da autoridade que se faz respeitada por cumprir com zelo e coragem os seus deveres, entre os quais se conta o de castigar os **delinquentes**. Confio que os senhores capitães-mores e coronéis vão auxiliar a administração, que, nestes objetivos, não atende senão à glória de sua majestade, que Deus guarde, e a paz e felicidade dos povos. A falta de tropas será suprida pela criação de milícias provisórias e locais, para o fim único de acabar com os coitos dos criminosos; e a de dinheiro, será pelo rei, que, segundo me autorizou sua majestade por carta firmada por sua real mão, adiantará por empréstimo a quantia necessária para a manutenção dessas tropas até que de todo se tenham aniquilado os coitos. As quantias que houver adiantado serão ressarcidas por meio de um imposto que se lançará para o dito fim sobre os povos dos distritos rurais, ou dos que ficam distantes desta vila duas léguas, entendendo-se que, a estes, o benefício da extinção dos coitos ocasiona particular proveito.

Nenhum dos convocados teve o que opor ao pensamento e à vontade do governador, conhecido como uma autoridade arbitrária. Todos, ao contrário, votaram por estas **ideias**, certos de que se atendia por tais meios a uma necessidade pública

O Cabeleira

da maior magnitude. “José César governou arbitrariamente, é verdade”, diz um historiador, “mas as suas arbitrariedades raras vezes deixaram de ter um fundo de justiça. Na punição dos **delinquentes** foi infatigável”.

Chegado a seu distrito, cada capitão-mor tratou de levantar a milícia volante, a qual foi formada dos indivíduos solteiros, maiores de vinte e menores de quarenta anos, com exclusão somente daqueles que mandassem outro em seu lugar. Não foram poucas as dificuldades que tiveram de vencer para que se formassem os contingentes, destinados a pacificar o interior.

Não sabendo o verdadeiro fim a que se propunha a autoridade com a fundação desses contingentes, suspeitaram os povos de uma grande leva para fora da terra para combater o estrangeiro. Mas os capitães-mores conseguiram fazer sumir as suspeitas por meio de afirmações sob palavra de honra. Naqueles tempos a palavra do homem equivalia à jurídica obrigação ou a solene tratado, e a honra era digna e eficazmente representada por um cabelo da barba. Hoje, as próprias palavras dos reis voltam atrás, as convenções diplomáticas não passam de ciladas internacionais; a honra tem-se refugiado nos retiros com medo da publicidade, que a expõe a pouco caso geral.

Temos subido muito nas ciências, indústrias e artes, sem exceção da arte de governar; mas, em ponto de honra, em virtudes cívicas, em moral doméstica, a nossa decadência, impossível de recusar, confirma que temos levado a obra da reformação além dos limites, e prova a necessidade de transplantarmos das ruínas do passado, onde germinam esquecidas, algumas plantas modestas, cujas flores purificam o ar com seus perfumes e cujos frutos formam sangue novo e são.

O capitão-mor de Santo Antão, querendo avantajá-lo aos outros, antecipou-se nos meios de capturar os malfeitores. Sabia ele das relações do Cabeleira com o velho taberneiro, a princípio por mera suspeita e posteriormente por informações que tomou de agregados e ordenanças seus, alguns dos quais, de passagem para o Recife, entravam na taberna, bebiam nela o seu trago e algumas vezes até ali pernoitaram. No dia fatal, em que o famigerado bandido tirava a vida aos dois meninos, o capitão-mor passara por Afogados momentos depois do dobrado delito.

O comércio ilícito do taberneiro, a sua má fama, as suas estreitas ligações com sujeitos malvistas de todos, principalmente com o Cabeleira, deram-lhe a convicção de que qualquer diligência, que tivesse por fim a prisão dos **delinquentes**, não poderia surtir efeito se não fosse precedida da prisão do taberneiro.

Dois praças de sua confiança foram por ele encarregados de levarem o velho a sua presença sem que se soubesse para onde nem como ele fora. Alexandre, o negro, e Valentim, o cabra que vimos ceando com Timóteo e que por sobremesa o prendera, foram tais praças; e à vista do modo como fizeram, justificaram a confiança do capitão-mor.

la amanhecendo quando os três cavaleiros pararam seus cavalos na porta deste.

As casas do povoado estavam ainda fechadas, e ninguém os viu entrar; o capitão-mor, que passara a noite em claro, à espera, foi abrir-lhes a porta em pessoa.

Timóteo posto em confissão, negou tudo no começo, saindo-se, com várias evasivas, das redes que lhe lançava o capitão-mor, perito em interrogar. Quando porém viu a sua vida ameaçada; quando formalmente lhe declarou que a sua morte seria inevitável se não auxiliasse com lealdade a ação da justiça na busca dos criminosos; quando o Alexandre, de espada desembainhada, e o Valentim, de faca na mão, receberam do capitão-mor ordem para aplicar-lhe a pena última dentro do matagal próximo; quando se viu arrastado por eles ao teatro onde se lhe destinara o trágico fim que horroriza todo homem — a morte natural —, o instinto da própria conservação retomou ao cálculo e às manhas do vendeiro os seus direitos. Confuso e abatido, Timóteo aceitou o odioso papel que lhe foi distribuído naquela grave representação em que importantes interesses e muitas vidas iam correr iminente risco.

Timóteo conhecia todos aqueles lugares onde tinha andado na sua mocidade em dias de feira de gado. A seca que estava devastando a província tinha-lhe proporcionado ocasiões de conhecê-los melhor. A escassa farinha, os poucos legumes e outros comestíveis que apareciam nas feiras gerais eram logo comprados por atravessadores que os iam revender com avareza no Recife.

Nos primeiros tempos, Timóteo resignou-se a ver passar os

O Cabeleira

produtos no poder dos atravessadores; mas, faltando-lhe esses produtos, não só para os expor na sua taberna, como também para o próprio uso, resolveu ir pessoalmente um sábado e outro a Santo Antônio prover-se do necessário para a semana. Quando o Cabeleira estava na mata, Timóteo ia ter com ele e lhe comprava por quase nada o que muitas vezes tinha custado a vida do pobre roceiro, que deixava mulher viúva e uma infinidade de filhos na orfandade.

Assim estava ele senhor dos caminhos e carreiras que iam dar na encoberta, onde entrava com familiaridade e de onde saía como amigo. Ele sabia que o Cabeleira se achava na terra por haver estado de passagem na sua taberna, conforme vimos. De tudo informado, o capitão-mor aguardou ansioso a noite seguinte, para dar começo à batida da mata. Com o objetivo de iludir, porém, a vigilância dos assassinos e se isentar das suas suspeitas, mandou notificar os praças do contingente para que se achassem em um ponto das matas do seu engenho, ao qual cada um devia dirigir-se desacompanhado a fim de não dar na vista de quem quer que fosse.

Assim que anoiteceu, o capitão-mor deu ordem para que Valentim, Alexandre e dez matutos experimentados se trepassem em árvores próximas das quais pudessem observar o rumo que os malfeitores tomassem depois do escurecer. Estas sentinelas perdidas deviam dar aviso à tropa que estava no engenho, para que ela, guiada por Timóteo, tomasse as entradas e pudesse prender os malfeitores em sua volta ao coito. Foi o que sucedeu.

Quando Valentim viu os ladrões tomarem, à boca da noite, pelo caminho da engenhoca, desceu da pitombeira onde se trepara, montou no cavalo que tinha preso por precaução dentro de uma moita e correu ao engenho. A tropa moveu-se rapidamente, sob o imediato comando do capitão-mor.

Dividida a metade dela em tantos grupos quantas eram as picadas secretas, tomou todas estas e achou-se em condições de interceptar a passagem daqueles para o ponto central. A outra metade, colocada a um lado da mata a distância conveniente, pôde acudir àqueles pontos logo que o Valentim, que depois do aviso havia voltado ao seu posto, foi informá-los da volta dos malfeitores. Assim, acharam-se estes, quando voltaram da engenhoca, entre duas colunas inimigas, às quais foram forçados

a se entregar, quase todos com a morte. Ao Joaquim se poupou a vida, a fim de se cumprir a determinação do governador, não só a respeito dele, mas também do Cabeleira e do Teodósio, para fins de alta justiça.

Quando o Cabeleira se afastou com Luísa da beira do rio para o alagadiço, o Valentim estava dando o seu segundo aviso, e eles puderam, por isso, escapar. Tinha ele, porém, ouvido antes, de cima da pitombeira, o diálogo do Cabeleira com o Teodósio e sido causa do ruído que espantara o cavalo deste último. Tinha visto aquele encaminhar-se à engenhoca, o que o fizera acreditar que, entre os malfeitores, que tinham de tornar, e efetivamente tornaram à mata, se achava o famigerado bandido, alma do coito, terror dos povos. Não lhe parecendo, por isso, necessário vigiar o terrível salteador, que ele considerava seguro com os outros na armadilha que lhes havia armado, consagrou-se todo a evitar que lhe escapasse o Teodósio. E, como queria ter grande participação na glória que resultasse da extinção dos célebres assassinos, voltou sobre seus passos à estrada e encaminhou-se ao povoado.

Valentim era bravo como uma onça e tinha deste animal a agilidade e a destreza no mais alto grau. Confiava não só nestes dotes naturais, mas também na sua espada de ponta direita que muitas vitórias já lhe havia proporcionado. Ele jogava com notável habilidade esta arma.

Pouco adiante ouviu vozes. Apressou os passos e encontrou-se face a face com o Teodósio, que, nada sabendo do que havia, encaminhava-se ao coito.

Com ímpeto de fera foi de encontro a ele, não para **vencê-lo**, mas para matá-lo.

— O seu gracejo é pesado, camarada, disse o Teodósio, recuando ante a brutal investida.

— Valentim não graceja. Rende-te, cabra Teodósio; ou então reza, que esta é a tua derradeira.

— Se eu trouxesse a minha espada, responderia ao seu bote. E, se quer saber do que é capaz o cabra Teodósio, embainhe o seu ferro e vamos decidir na faca.

— Não estou para tuas lorotas, cabra safado. Se não te entregas já nas mãos do Valentim, que nunca escolheu armas para provar que é homem, tiro-te o couro antes do amanhecer.



Teodósio, vendo aquela decisão ante a qual poucos ânimos, talvez unicamente o do Cabeleira, deixariam de curvar-se e mesmo assim com os recursos do gênio astucioso que nunca o havia desamparado, ainda nos maiores apertos, respondeu com voz suave:

— Não me mate, meu amo; o Teodósio se rende.

No momento em que assim falava, o Valentim **descarregou-lhe** tamanha mãozada na cara que ele caiu redondamente no chão. Quando voltou a si, tinha nos pulsos uma corda de couro cru, em cuja ponta segurava o cabra.

— Levanta-te, que eu quero olhar para a tua cara, disse-lhe Valentim, cutucando o prisioneiro com a ponta da espada. Onde está a tua fama, cabra Teodósio?

Este não respondeu. Súbita tristeza invadira-lhe o espírito sempre expansivo como o de uma criança. Tinha ouvido tiros na mata e sabido que a situação era mortal.

Capítulo XII

Ao amanhecer, a região litoral da província, desde Alagoas até Paraíba, estava separada do sertão por cordão, formado pelas milícias volantes dos diferentes distritos rurais. Todas as matas compreendidas na zona que fica entre a costa e o sertão foram batidas ao mesmo tempo.

Os grupos que penetraram nas matas de Sirinhaém, Água Preta, Muribeca, Mirueira, S. Lourenço, Catucá, Igarassu, Goiana, Paudalho, Limoeiro, recolheram-se mais tarde às respectivas sedes, depois de terem realizado importantes capturas.

Assassinos de profissão e de fama, que, protegidos pelas trevas da noite e pelas sombras das selvas virgens, tinham horrorizado durante muitos anos as povoações pacíficas, apareceram à luz do dia, trazendo nos pulsos cordas e algemas que bem denotavam que a justiça dos homens, reflexo ainda que pálido da justiça de Deus, cedo ou tarde restaura os seus foros e faz se respeitar como uma fatalidade reparadora.

O capitão-mor de Santo Antônio, justamente vangloriado por ver no seio de sua força o Joaquim e o Teodósio, cuja fama ofuscava a de todos os criminosos, com exceção somente do Cabeleira, seguiu imediatamente, à frente dela, para o Recife, para apresentar-se ao governador. No caminho de Afogados reuniu-se ela com a força que, tendo aguardado nesse lugar aquele dia, designado para a geral batida das matas, se movera pela manhã em direção às que lhe ficavam nos limites ocidentais. As duas forças chegaram ao Recife formando uma só expedição que foi

recebida pelos habitantes com demonstrações de consideração e reconhecimento pelo relevante serviço que haviam feito.

Tantos eram os crimes cometidos pelo Cabeleira e revestidos, na sua maior parte, de circunstâncias tão odiosas que, quando se divulgou que o afamado bandido tinha escapado às malhas da rede da justiça, mostras de justa preocupação vieram substituir, nos semblantes de todos, a expressão de alegria recente que havia manifestado a população.

Com raras exceções, não se contava família, desde o Recife até o alto sertão, a quem a peia¹³, a faca ou o bacamarte do terrível matador não houvesse roubado uma existência querida. Por isso, era ele o alvo em que todos haviam posto a mira, e perdê-lo significava perder a diligência, ao parecer da maioria.

Alguns, não sem razão, mostraram-se com medo de que, quando menos se esperasse, ele viesse forçar a cadeia do Recife, onde tinham sido postos a ferro os novos presos, e, restituindo-lhes a liberdade de que tão mau uso haviam feito, se pusesse com eles novamente em campo para matar com maior ferocidade que antes, roubar sem tréguas, incendiar povoações, reduzir tudo a sangue, ossos e cinzas.

O governador entretanto mal podia conter a sua satisfação diante do resultado das providências que ele próprio havia indicado para a extinção dos bandos dos criminosos que infestavam a província.

Ele conhecia melhor do que o povo e os figurões da vila e da capital, as dificuldades, algumas delas invencíveis, que se atravessam naturalmente diante de expedições semelhantes. Ele sabia que perseguir através do deserto, para reduzi-los à prisão, homens que vivem como as feras, e com elas, no seio de misteriosas brenhas, de regiões ásperas e desconhecidas, é motivo para grandes ânimos, raros em todos os tempos e em todas as terras, especialmente naquelas terras em que, como em todo o Brasil então, o importante serviço da polícia está por ser organizado, por falta de pessoal apto para isso, de recursos financeiros, de vias de comunicação interior, de prisões e de outros muitos elementos indispensáveis a este grande objetivo.

A cadeia, que por poucas alterações passou há poucos anos, a fim de servir, como serve, para casa do júri e do tri-

¹³Instrumento de açoite, chicote.

O Cabeleira

bunal da relação, tinha sido dada por pronta pelo coronel de engenheiros Costa Monteiro, à câmara nos fins de 1732, e preenchia todas as condições de segurança pela sua solidez. Não obstante, ordenou o governador que a sua guarda fosse confiada a forças duplas, que tornassem impossível qualquer tentativa de invasão ou de arrombamento. As vizinhanças ofereciam o aspecto de uma praça de armas, principalmente dos lados do norte e leste onde a vigilância nunca seria demasiada, por oferecer o rio destes lados fácil e natural acesso ao edifício.

Às pessoas de sua intimidade que lhe manifestavam descontentamento por não ter sido preso o Cabeleira, respondia o governador:

— Chegará a sua vez. Confio muito em Cristóvão de Holanda Cavalcanti, que ainda não deixou de corresponder aos planos do governo sempre que se trata do proveito da colônia.

Cristóvão de Holanda Cavalcanti, que trazia, como se vê, o nome que seu pai, sargento das ordenanças, por ocasião da memorável Guerra dos Mascates, era o capitão-mor de Itamaracá e achava-se a esse tempo em Goiana.

Goiana pertencia então à jurisdição de Itamaracá, que deixara de ser em 1763 capitania independente, por havê-la comprado D. João V a José de Góis, para incorporá-la na capitania de Pernambuco, vendida à coroa em 1716 pelo conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, único genro de Duarte de Albuquerque Coelho, 4.º donatário de Pernambuco.

Era uma modesta povoação em 1636, quando os esforços de Antônio Filipe Camarão, que a defendeu com o valor que o caracterizava, não foram bastantes para evitar que ela caísse no poder dos holandeses, povo cheio de grandeza e digno da admiração e do reconhecimento dos pernambucanos. Tendo-se mudado em 1685 para esta povoação, a câmara da capitania de Itamaracá, passou ela por isto à categoria de vila. Em 1742, **deu-lhe** D. João V um ouvidor, que foi substituído em 1808 por um juiz de fora. A sua crescente prosperidade foi motivo para que, pela lei provincial de 5 de maio de 1840, fosse elevada a cidade.

Atualmente Goiana é a cidade pernambucana de mais destaque, depois do Recife, a capital, e de Olinda, que figurou, com brilho, incomparável nos tempos coloniais. Está em condições não só de competir com as primeiras cidades interiores

do norte e do sul do Império e de ter vantagem sobre capitais de algumas províncias, que, por motivos de alta conveniência, deixamos de apontar aqui, mas até de rivalizar com algumas cidades europeias de que não pouco se fala nas narrações de viagens. E, se não, vejamos.

Tem um paço municipal muito decente na Rua Direita e uma matriz e mais oito templos que podem pertencer sem envergonhar a uma capital. Tem uma praça de comércio, a qual se estende desde a rua chamada Portas de Roma (denominação do tempo dos jesuítas) até o Beco do Pavão, para não dizermos até a Rua do Meio, ou à Rua do Rio.

Tem um teatro onde já tive ocasião de ver representar-se o *D. César de Bazan*, os *Dois Renegadas*, a *Corda Sensível* e o *Judas em Sábado de Aleluia*. Tem cafés e bilhares, brinca o Carnaval pelo inverno, toma sorvetes pelo verão, dá alguns saraus pelo Natal; enfim, para estar inteiramente na moda, trata de iluminar-se a gás, de fundar uma biblioteca popular, e tem já fundada uma loja maçônica, denominada *Fraternidade e Progresso*, a qual tem prosperado notavelmente depois das últimas excomunhões que o público sabe.

É plana, limpa, elegante e espalhada. Merecem particular apontamento as suas casas brancas, que lhe dão certos ares de novidade, ou de noivado, ares que proporcionam indefinível alegria no espírito do hóspede.

Há um provérbio espanhol que diz: “Quien no ha visto Sevilla, No ha visto maravilha”. O poeta sergipano Doutor Pedro de Calasans, que cedo foi arrebatado pelo infortúnio e pela fatalidade às musas do norte, dizia outrora, parodiando o provérbio espanhol: “Quem não ama Olinda, Não a viu ainda”.

Assim será, assim é. Olinda se parece à ninfa gentil que adormeceu sobre a relva do morro, os pés banhados pelo Atlântico, a cabeça à sombra das mangueiras cheirosas. Goiana, porém, tem também provérbio seu, e o seu provérbio é de tal significação que, na singeleza em que se expressa e de que o povo tem o segredo, insinua irresistíveis feitiços a favor dela.

Vê tu, meu amigo, como são expressivas estas reticências duvidosas, ambíguas, deliciosamente traidoras: “Goiana... Que a todos engana”. Eu não conheço nenhum tão expressivo na ordem dos refrões populares.

O vocábulo *enganar* não tem nos nossos dicionários o sen-

O Cabeleira

tido que a inteligência rica e lúcida do povo goianista lhe refere; tem somente o significado ingrato que todos sabemos. Mas logo ao primeiro exame se vê que semelhante significado está muito distante da que a imaginação deste grande povo liga a este verbo, quando o emprega para exaltar o seu pedaço de terra natal. A palavra *enganar*, que faz parte do refrão, significa seduzir, cativar, prender, mas seduzir com mil agrados irresistíveis; cativar com benignidade tão doce e carinhosa, que é impossível deixar de ficar dela escravo; prender com tantas demonstrações afetuosas, com tamanha benquerença, que, em vez de buscar fugir, cada vez se sente o prisioneiro mais perigoso de estar nessa suavíssima prisão, de não se desligar jamais das suas deliciosas correntes.

Cristóvão de Holanda dirigira em pessoa, como haviam feito todos os outros capitães-mores, o seu contingente na batida das matas do seu distrito. Não tendo porém encontrado o Cabeleira, mas somente ladrões de cavalos e negros fugidos, recolheu-se à vila em paz com a sua consciência, é verdade, mas descontente de não ver os seus esforços coroados dos brilhantes sucessos que esperava.

Muito lhe custou não ter tido o prestígio de pôr nas cordas, como dizia ele, o maior criminoso que pisava em Pernambuco. Era presunção geral que a ele caberia, mais dia menos dia, a glória de prender o Cabeleira, que dava mostras de consagrar particular estimação às matas de Goitá, lugar em que nascera e que, por pertencer neste tempo a Santo Antão, ficava mais próximo do engenho Petribu, que era propriedade daquele capitão-mor e pertencia então a Goiana.

Mas o boato falso que correu a respeito da prisão do bandido pelo capitão-mor de Santo Antão fez sumir toda a esperança que Cristóvão de Holanda alimentava com relação a semelhante respeito. E que era feito do Cabeleira?

Por onde andava ele quando seu nome corria por milhares de bocas um milhão de vezes no dia; quando sua imagem enchia o pensamento de um povo que o considerava um castigo não menos fatal do que a peste e a fome, que o reduziam à dor extrema?

Dizia-se que o Cabeleira, vendo-se perseguido tão amplamente, tinha rompido, sem deixar traços da sua passagem, como costumava, o cerco e se havia internado nos sertões de Cimbres, ou de Pajeú, de onde era impossível tirá-lo por serem,

então, como são ainda hoje, quase totalmente desconhecidos esses medonhos sertões.

Dizia-se que, tomando para o norte, atravessara o Capi-baribe e ganhara a ribeira do Pilar do Taipu, na Paraíba, a qual muitas vezes percorrera, tendo-a deixado coberta de cadáveres e ruínas.

Correram estes boatos e outros mais que com estes se pareciam.

O certo porém é que ninguém sabia do Cabeleira, ente incompreensível que surgia de súbito da terra sem ser esperado e pela mesma forma desaparecia, como se se metesse por ela adentro, por artes do demo, segundo alguns acreditavam, ou por ter em toda a parte parceiros, ou protetores, segundo pensavam outros que se diziam melhor informados do que os primeiros.

Capítulo XIII

Cabeleira entretanto atravessava matos, riachos e tabuleiros por novos caminhos que, incansável e ousado, ia abrindo em direção ao lugar do seu nascimento.

Sentia-se atraído para esse lugar por uma saudade infinda, por uma confiança enganosa e fatal. Parecia-lhe que ninguém, nem a justiça dos homens nem a de Deus, na qual desde os mais verdes anos o tinham ensinado a não acreditar, teriam poder para arrancá-lo desses sombrios e protetores esconderijos, dessas grutas insondáveis, perpetuamente abertas às onças e a ele, perpetuamente fechadas ao restante dos animais e dos homens que não se animavam a transpor seu escuro limite com medo de ficarem sepultados para sempre em tão medonhos sarcófagos.

Tendo-se afastado do pé da mata, onde haviam sido vencidos e capturados em seus redutos os outros malfeitores, descreveu uma curva de cerca de uma légua no rumo do ocidente e desceu depois a uma distância de onde pudesse ter debaixo das vistas o Tapacurá, que lhe servia de guia através do sertão.

Estava em pleno deserto. Do lado direito protegiam-no amplos bambuzais e profundas gargantas de serra inacessíveis, sem uma habitação, sem viva alma; do outro lado do rio, espinheiros largos, alguns serrotes descampados, caatingas sem fim, brejos queimados do calor do sol completavam o largo amparo que lhe abria em seu seio a natureza.

Com a seca abrasadora, essa região, que nunca fora amena, mesmo na força do verde, estava áspera, árida, cruel. Via-se a

espaços um pé de xiquexique perdido nos alvos descampados ou entre colinas íngremes, e junto do rio uma ingazeira com a folhagem coberta de samambaia, um juazeiro solitário e sem fruto.

Seria meio-dia.

O Cabeleira, pelo longo hábito de viajar por dentro dos matos e pelo cuidado que tinha de se esquivar de importunos encontros, só à sombra das árvores fazia a travessa do deserto. Contudo entraram ele e Luísa a experimentar o cansaço que o excessivo calor gera especialmente durante uma viagem de muitas horas.

Luísa mal se podia ter sobre o cavalo, que nem ao menos oferecia o cômodo de uma regular montaria. A marcha do pobre animal tanto mais penosa tornava para os fugitivos quanto as forças iam faltando, em **consequência** do longo jejum e da puxada viagem.

Desde muito tempo gostando de viver no deserto, tinha o Cabeleira adquirido uma virtude, obra de longas privações e fonte de admirável heroísmo; não era assim Luísa, pobre menina, criada com grande afeto e maternal atenção.

Não tivera ela uma existência de gozos e grandezas, mas nunca lhe faltara o necessário que assegura a vida regrada da família, que, embora pobre, encontra no trabalho e na economia recursos folgados para todas as necessidades e até alguns confortos.

À sombra de um jatobá, o Cabeleira parou e, lançando o olhar por toda a natureza, que os abraçava como a imensidade abraça um ponto:

— Estamos fora de perigo, disse para Luísa.

Esta chorava em silêncio. Em seu rosto abatido, mas sempre belo, transparecia a mágoa profunda que lhe minava o coração, onde se refletia a viva lembrança das cenas da noite anterior.

— De que chora, Luisinha?, perguntou-lhe o bandido com doçura.

Só com a mudez e as lágrimas lhe respondeu a moça, em cujo espírito se haviam concentrado todas as sombras da tristeza, sombras espessas em que o sol a pino não pode lançar um raio de luz sequer.

O Cabeleira

— Está cansada, não é, meu amor?, perguntou o Cabeleira.

— Estou para morrer. Sinto uma pena imensa no coração e dores insuportáveis na cabeça.

— Não me queira mal, Luisinha, por eu ter sido a causa de todo este destroço.

— Não lhe quero mal; quero-lhe bem, muito bem, Cabeleira. Mas não posso esquecer-me de minha mãe, nem poderei resistir à minha desgraça, que eu considero muito maior do que a sua.

— Descansemos um pouco à sombra deste jatobá. Terei tempo de procurar algumas frutas para você comer.

— Não tenho fome, só tenho sede.

— Vamos então arranjar-nos debaixo daquela ingazeira, que fica perto do rio.

Tendo chegado ao pé da árvore indicada, o Cabeleira prendeu o cavalo em uma terra baixa que formava a margem, da qual não havia desaparecido de todo a grama nascida com o último inverno; e sem demora desceu ao poço vizinho para apanhar água em uma casca de sapucaia que descobriu por acaso entre umas folhas secas.

Notou que quanto mais se estendia a depressão do terreno para o lado do rio, mais aumentava a verdura que a revestia. Viu por fim que havia dado em uma vazante.

Semelhante achado pareceu-lhe coisa extraordinária naquelas alturas intransitáveis e desertas. Mas não se tinha enganado; a região que se lhe oferecia à vista não era totalmente desabitada; ali brilhavam vestígios da mão do homem; ali havia o rastro de um esforço de que ele nunca fora capaz, o rastro do trabalho.

Era pequena a plantação, mas tida, ao que parecia, em alta conta por quem quer que lhe consagrava os seus cuidados e vigilância. Estava verde, limpa, colorida de frutos. Com os ramos do jerimunzeiro se confundiam as folhas do batateiral. Ao lado da melancia tornava-se louro o melão, de que se espalhava suave cheiro; e, dentre o entrelaçado de verdura, formado pelo conjunto dos ramos rasteiros em que se achavam presos estes deliciosos presentes da terra, levantavam-se ao céu, de covas **equidistantes**, os pés de milho com seus pendões inclinados e suas corpulentas espigas, em torno das quais se espalhavam os amarelos cabelos

que costumam enfeitar estes abençoados frutos.

É indescritível o prazer que sentiu o bandido ao se deparar com aquele tesouro. Tinha a seu alcance com que matar a fome, cujos efeitos começava a sentir, tinha um presente que oferecer à sua companheira, esgotada de cansaço.

Separar do pé duas melancias com a faca e quebrar algumas espigas foram operações que o Cabeleira praticou em menos de um minuto. O estalar do milho despertou um rapazinho que, achando-se ali para enxotar as aves que destroem os milharais, adormecera ao calor do meio-dia na extremidade da vazante debaixo de um abrigo formado pelos ramos de um pé de maracujá que, com o frescor do solo, se mostrava verdejante e florido.

— Ladrão! Ladrão!, gritou o rapazinho com valor e força superiores aos que o seu corpo e estatura prometiam.

E, armado com um pau, investiu contra o Cabeleira, que a inesperada aparição deixara um instante perplexo, com parte do furto em uma mão e a faca na outra.

O rapaz ganhou em poucos passos a distância que o separava do bandido e descarregou sobre a cabeça deste o pau que trazia alçado. O Cabeleira em represália atirou-lhe um golpe com o objetivo de cortá-lo no meio, objetivo não permitido por Luísa, que lhe havia pegado do braço a tempo de evitar a desgraça próxima.

— Cabeleira! Queria fazer uma morte ainda? Meu Deus, acalmalhe o coração.

— Luisinha, eu não sei bem o que queria fazer, disse o moço caindo em si. Mas este dorminhoco deu-me com o seu graveto como se eu fosse algum pinto.

— Quero-lhe muito bem, meu amor, acrescentou a moça com a profunda ternura que, quando verdadeiramente quer e sente o que quer, a mulher sabe ter no olhar, no gesto, na voz. Mas quando o vejo como agora de arma em punho, ameaçando com certos golpes, como são os seus, a vida de alguém, sinto tão grande dor, que você não pode compreender o meu padecimento.

Cabeleira inclinou os olhos ao chão, meteu a faca na bainha e começou a andar com os frutos debaixo do braço.

— Para que traz você estes frutos consigo?, perguntou-lhe

O Cabeleira

Luísa. Eles não nos pertencem e não podemos apossar-nos, contra a vontade de seu dono, daquilo que não é nosso.

— Que vamos comer?, perguntou muito naturalmente o jovem.

— Comeremos o que nos der o mato. Deus está em toda parte, e não se esquece dos que invocam a sua proteção.

Cabeleira humildemente pôs as frutas no chão. Quanto ao rapazinho, havia desaparecido desde que ouvira pronunciar o nome, que de sul a norte significava, para grandes e pequenos, roubo e atrocidade.

Nova surpresa os esperava na margem, onde o bandido foi dar com dois indivíduos que de pé o olhavam do alto de uma pedra, tendo um deles pelo cabresto o inquieto alazão.

Defronte da árvore, a cuja sombra os fugitivos haviam descansado, formava o terreno uma grande ribanceira. Os desconhecidos estavam aí com a frente voltada para a vazante, o lado direito para o continente e o esquerdo para o rio, que nessa altura era largo e profundo.

— Parece que você veio enganado, camarada, disse o Cabeleira, saltando em um minuto aos pés daquele que tinha pela mão o cavalo. Este animal não lhe pertence.

— Este animal é meu no céu e na terra. Há dois dias o furtaram do meu roçado no Angico Torto. Pus-me na batida do ladrão e finalmente vim dar com o meu cavalo. Ele é meu, tão certo como estou aqui. Tem o meu ferro na anca direita, e você o pode ver, se ainda não se quis dar a esse trabalho.

— Pois o que eu lhe digo, camarada, é que, fosse ele de quem fosse, por mais homem que seja, ninguém será capaz de tirá-lo do meu poder.

— Isto agora é que havemos de ver, disse o desconhecido, batendo mão da faca que trazia no cós da ceroula e fazendo-se prestes para lutar pela reivindicação da sua propriedade.

— Monta no teu cavalo, Marcolino, gritou o outro desconhecido ao companheiro; monta no teu cavalo e vai-te embora, que eu só sou demais para lambar este cabra.

Mal tinha acabado, cortava os ares um corpo semelhante a tronco de árvore que o furacão tira das florestas e joga a distâncias imensas. O fanfarrão fora jogado com todos seus bélicos aprestos dentro do poço pelas mãos possantes do famoso matador.



SCHLOSSER

— Cabeleira!, gritou Luísa, correndo ao lugar onde em menos de um instante se passara a inesperada cena.

Marcolino, que a esse tempo se achava montado no alazão, tendo ouvido esse fatal apelido, deu de pernas ao cavalo e fugiu, evidentemente aterrado como se a seus pés houvesse visto cair um raio.

O Cabeleira, entretanto, tinha corrido ao pé da ingazeira onde havia deixado o bacamarte quando chegara. Mas não conseguiu levá-lo ao rosto para dispará-lo contra o fugitivo como pretendia, porque Luísa, unindo-se com ele e buscando arrancar-lhe a arma das mãos, lhe disse com voz magoada, entre repreensão e pranto:

— Por que não me tira a vida de uma só vez, Cabeleira?

Dir-se-ia que Luísa estava possuída de um espírito angélico.

— De ontem para cá, prosseguiu ela, tem jurado milhares de vezes não derramar mais sangue sobre a terra e milhares de vezes tem quebrado seus juramentos! Sempre que falta à sua palavra, atravessa sem o suspeitar o meu coração com sua faca. Não demore mais o meu penar, mate-me de uma vez. **Perdoo**-lhe a morte, juro por Deus, por Deus que nos está ouvindo no meio desta solidão.

Luísa tinha-se insensivelmente ajoelhado aos pés do bandido e lhe abraçava as pernas com mostras de irrepreensível afeto. Dos olhos rolavam-lhe lágrimas como contas de rosário despedaçado.

Maravilhado e confuso, não achou José palavras para responder à crítica e rogativas que aquele coração generoso ditava inspirado pela piedade de uma alma grande e terna.

— Não me fale assim, Luisinha, respondeu enfim o bandido, levantando-a e abraçando-a. Quando eu a vejo chorar, sinto-me enfraquecer; quando você me pede alguma coisa, sou incapaz de negar-lhe, ou de resistir à sua vontade.

— Mas de que serve o que me diz, se não se esquece da sua vida tão triste e infeliz? Cabeleira, por que não se torna brando e terno como Luísa? Olhe. A morte está mais perto de mim do que...

— A morte!, exclamou o bandido.

— Sim; dentro em pouco eu o deixarei, mas, enquanto não

nos separarmos, poupe-me estas cenas que me atravessam o coração. Quando eu desaparecer de seus olhos, não se considere só no mundo. No lugar que meu corpo deixar vazio, verá sempre a alma benévola da pobre Luísa; ela o acompanhará por toda parte para inspirar-lhe os bons pensamentos e aconselhar-lhe a prática das boas ações. Por que não me dá a consolação de reconhecer em você desde já um espírito arrependido dos passados erros?

— Ah!, Luisinha! Você me acalma com suas palavras, em sua presença eu me considero uma criança.

— É Deus que me ajuda a quebrar seus impulsos, a moderar sua cólera. Ele vai ouvir todas as minhas súplicas, vai inspirar-lhe horror ao sangue e aos instrumentos que o derramam.

Cabeleira, como se tivesse recebido nestas palavras aviso celeste, replicou:

— Não levantarei mais minha mão contra ninguém, Luisinha. Quer uma prova desta resolução? Veja. É a maior que lhe posso dar.

Tirou o fuzil e a pedra do bacamarte, os quais trazia na algibeira da veste.

E, por um desses sublimes impulsos que só visitam o homem uma vez na vida, arremessou a arma dentro do rio. Este ato foi seguido de outro que o completou e confirmou. Batendo com a faca sobre uma pedra que ficava na ribanceira, fez saltar dentro da água metade da folha de aço que tinha cortado o fio de muitas vidas preciosas e feito correr muito sangue inocente sobre a terra.

O bandido fez estas duas ações com tanta fé e grandeza d' alma que Luísa correu a ele dominada de comoção e o apertou em seus braços. Só o deserto foi testemunha desta grande cena, porque eles estavam, como havia pouco, sós.

O menino que guardava a vazante havia desaparecido logo que ouvira pronunciar o nome do Cabeleira.

Os dois desconhecidos, um salvo das águas, outro salvo do tiro iminente, tinham corrido a refugiar-se no seio da mata.

— E agora, Luisinha, terá ainda alguma coisa que dizer de mim?, perguntou José com ingenuidade infantil.

— Os meus pedidos foram ouvidos por aquele que dali nos vê e ouve como pai misericordioso. O medo que eu tenho agora é que as tropas o peguem e o roubem de meus braços!

O Cabeleira

Oh! Fugamos já deste lugar. Quem sabe se aqueles homens não correram a denunciá-lo! Misericórdia, meu Deus!, que fazemos ainda aqui?

Puseram-se no mesmo instante a caminho na direção do ocidente.

Capítulo XIV

O sol chegou ao horizonte, e as sombras deram início à vasta solidão.

O Cabeleira parou ao pé de uma pequena serra e escutou: um ruído estranho vencia a distância e vinha ecoar aos ouvidos dos fugitivos.

— Estamos perto, disse ele. Não ouves este barulho? São as águas do Tapacurá que caem no Capibaribe. De madrugada atravessaremos este rio e, se bem andarmos, poderemos estar depois de amanhã a esta hora em Goitá, terra do Cabeleira.

— Ai!, disse a moça. Não posso mais.

Tinha as faces em brasa e os olhos injetados acusavam a febre ardente que a consumia desde a noite anterior.

— Não desmaie, meu bem; disse o jovem. Seremos felizes.

— Onde? Neste mundo?, perguntou ela com incredulidade. Na terra não há felicidade, Cabeleira; na terra só há dores e prantos, saudades e remorsos.

— Pois eu te mostrarei que se pode ser feliz no deserto, no fundo das brenhas. Não matarei mais a ninguém, meu amor. Bem dentro da mata virgem, em um lugar que só eu conheço, há um olho-d'água, que nunca deixou de correr. Junto deste olho-d'água há uma terra, com um bosque no fim, e por detrás do bosque uma montanha imensa que rompe as nuvens. O olho-d'água nos matará a sede todo o ano; na terra levantarei uma casinha de palha para nós; no meio do bosque abrirei um roçado que nos dará farinha, macaxeira, feijão e milho com abundância;

O Cabeleira

e, quando a seca for muito forte, como esta, subiremos para a serra e aí passaremos dias melhores.

— Se assim fosse... Se assim pudesse ser..., balbuciou Luísa.

— Por que não?

— Por quê? Porque a desgraça aí está para desmentir o seu sonho, Cabeleira.

— Olha, Luisinha. Os homens me deixarão logo que eu não os ofender mais. Não sei ainda trabalhar, mas vou saber. Tu me ensinarás, e eu aprenderei.

O Cabeleira disse estas palavras com a ingenuidade e doçura de uma criança. Luísa não se pôde conter, correu a ele e pela segunda vez o apertou em seus braços e o cobriu com as suas lágrimas. Ele abraçou-a e beijou-a com a empolgação do primeiro amor que, depois de longamente adormecido, desperta de súbito com as energias que cresceram durante o sono e se fizeram forças invencíveis.

— Ali adiante, disse o Cabeleira apontando para um matagal denso de árvores que aparecia ao pé de um serrote; podemos passar a noite, a nossa primeira noite de noivado.

Luísa estremeceu e suspirou. Se não se tivesse apoiada no braço do bandido, teria caído.

— Triste noivado, Cabeleira, triste noivado, que se cobre de prantos e luto.

— Não te aborreças assim. O Cabeleira não é mais o assassino, Luisinha. O ladrão, o matador já não está aqui ao pé de ti. Quem aqui está é um homem que quer ser um homem de bem.

Andaram para o lugar indicado.

A este tempo o sol tinha desaparecido, e o horizonte estava já envolto nas sombras da noite. Nem leve brisa movia as folhas dos matos mudos e caídos.

Os perfis das árvores solitárias desenhavam-se no fundo do pavoroso ermo como perfis de fantasmas. Os fugitivos entraram no matagal e depois de alguns passos deram em uma clareira, espécie de asilo reservado pela natureza aos peregrinos que vagam sem rumo e sem guia. Uma fogueira foi logo improvisada para terem luz durante a noite e evitar que se aproximassem as onças, cujos uivos medonhos começaram a repercutir nas quebradas e gargantas das serras.

Procurava, o jovem, galhos secos para entreter o fogo quando, ao pé de uma árvore que se levantava a um lado da clareira, deu com uma tosca cruz de pau cravada na terra.

Era quase noite e, no meio das sombras, confundiu ele, no início, o emblema da redenção com um tronco de árvore cortada por algum viajante ou despedaçada pela tormenta. Quando reconheceu o sagrado emblema, o Cabeleira, suspenso pela surpresa, sentiu-se abalado ao mesmo tempo por uma comoção desconhecida. No lugar ocupado pela cruz tinha ele assassinado um ano antes um negociante de gados para lhe roubar o dinheiro que trazia da feira em Santo Antônio.

O bandido voltou o passo atrás horrorizado e correu em busca da moça, gritando, como um menino:

— Luisinha!... Luisinha!...

A moça, aflita sem saber por que, lançou-se ao seu encontro e o recebeu em seus braços.

— Ninguém vai te tirar daqui, disse ela, suspeitando que o queriam prender. Não, não, tu me pertences. Deus ajudou-me a pôr-te no caminho do bem. Ninguém tem mais o direito de te perseguir.

— Eu o vi lá outra vez, Luisinha. Ele olhou-me silencioso e triste.

— Ele quem?, perguntou ela.

— O negociante; o velho a quem assassinei para roubar. Lá está ele com os cabelos brancos ensopados em sangue.

— Meu Deus! meu Deus!, exclamou a moça. Cometeste ainda um assassinato, Cabeleira? Meu Deus, quanto sou infeliz!

— Não, não foi agora; faz um ano; foi ali, junto do jatobá. Olha; não vês aquela cruz de pau enterrada no chão? Foi aí que matei o sertanejo.

É impossível descrever a comoção de ambos. O sítio, a hora, tudo contribuía para dar à impressão uma intensidade que ia ao fundo do coração, à medula dos ossos.

— Estou me lembrando de tudo, prosseguiu o bandido. Eu estava sentado, com a espingarda atravessada nas pernas debaixo daquele pé de pau. Ouvei as pisadas de um cavalo e o estralar de garranchos e cipós que se quebravam. Meti-me um pouco mais para dentro, a fim de ver, sem ser visto, quem é

O Cabeleira

que vinha. Eu estava com fome e não tinha dinheiro nenhum. Se fosse um homem que trouxesse dinheiro — pensei eu — estava muito bem! Neste momento o cavaleiro passou por diante de mim. Trazia chapéu novo, um gibão de pano fino azul, botas lustrosas e esporas de prata; montava um cavalo claro, gordo e molenga. Conheci logo que era um negociante.

Levei o bacamarte ao rosto e, quando o cavaleiro quebrou ali à direita para tomar o rio, fiz-lhe fogo na cabeça. Corri com a minha faca na mão ao lugar onde ele havia caído. Estava morto. O cabelo e a barba tinham bastante sangue. Tirei-lhe um maço de moedas que trazia em um dos bolsos do gibão, o punhal aparelhado de prata, os botões de ouro, o relógio e as esporas, e meti-me no mato virgem.

Luisinha mal pôde ouvir esta história que foi rapidamente contada, com vivas e medonhas cores.

— Misericórdia, Senhor!, exclamou ela.

— Ele está lá, Luisinha, de pé, com o chicote na mão, olhando para mim com seus olhos mortos.

A moça meditou um momento.

— Vamos; disse por fim, encaminhando-se para a sepultura; vem comigo.

— Oh!, não; aquela visão me deixa aterrorizado. Nunca tive tanto medo, eu que vi imensos cadáveres banhados em sangue aos meus pés.

— O medo passará em um instante, Cabeleira.

— De que modo, Luisinha?

— Vamos. Vem rezar comigo em cima da cova ao pé da cruz.

— Rezar?

— Assim que tiveres rezado um padre-nosso e uma **ave-maria** em intenção do morto, sua alma desaparecerá de tua vista. Vamos Cabeleira.

O bandido deixou-se ir arrastado pela moça que parecia, com seu vestido azul e seu lenço branco, passado em torno do pescoço, o anjo da prece na solidão.

Ajoelharam-se ao pé da cruz, Cabeleira com a face quase oculta por seus longos cabelos negros, Luísa com a cabeça erguida e os olhos postos na frouxa claridade do sol que desaparecia. Defronte deles, a cruz magra, solitária e muda testemunhava

aquela cena com a solene indiferença dos símbolos sagrados que é muito mais expressiva e convincente para os seus crentes do que as vozes da maior parte dos sacerdotes da respectiva religião.

— Reza, Cabeleira, disse a moça ao matador assombrado.

— Ai, Luisinha! Não sei rezar!, disse ele com voz tão sentida e magoada que indicou a pena profunda que lhe cortava o coração.

Ele estava na realidade comovido até as entranhas. Superexcitado pela falta de alimentação, pelo cansaço da jornada, pelo calor do dia, pelas recordações que o afligiam junto com o remorso que começava a tomar forma, via a cada canto a terrível visão reproduzida na clareira, na selva, nos ares, finalmente em toda parte aonde volvesse os olhos.

— Eu te ensinarei, respondeu Luisinha. Diga comigo.

A moça principiou então em voz alta o padre-nosso.

A voz do bandido, ao princípio titubeante e temerosa, **foi-se** pouco e pouco animando e elevando. Quando iam passar à ave-maria, o Cabeleira tinha já os olhos pregados na cruz, e a fé, que começava a germinar em seu espírito, elevava-o a regiões desconhecidas, onde, sem que ele pudesse explicar como, lhe era permitido respirar confortos que só podiam ser celestiais.

Da ave-maria passaram à santa-maria, e desta, à **salve-rainha**.

Em cada uma das palavras destas orações achava o bandido uma beleza nova e insinuante, que lhe despertava delicioso sentimento. Seu espírito, que durante vinte anos só conhecera **ideias** de sangue e morte; seus ouvidos, apegados a escutarem palavras libertinas, insultos, arrogâncias, queixumes e maldições, recebiam agora doces expressões que anunciavam uma consoladora existência superior.

Do pavor, que trouxera aos pés da cruz, passara a uma fortaleza de ânimo quase invencível. Antes de se levantar, volveu os olhos em torno de si e não viu mais a visão que o amedrontara, havia pouco.

— Oh!, Luisinha, como é poderosa a oração!, disse ele. Minha mãe, que tantas vezes pôs as suas contas nas minhas mãos, bem sabia que a oração tem mais força do que os homens e

O Cabeleira

vence todas as armas! É por isso que me ensinava a rezar, a mim que só aprendi a tirar a fazenda e a vida dos meus semelhantes.

Datou desse feliz momento o arrependimento do Cabeleira. Depois de oferecidas estas orações, levantaram-se os fugitivos, e foi cada um beijar os pés da cruz do ermo.

No bandido já não havia o assassino, havia um espírito arrependido, um coração cheio do temor de Deus. Uma mulher fraca, tendo ao seu serviço unicamente a benevolência natural, a perseverança, as lágrimas e um passado quase esquecido, havia conseguido uma conversão da qual poderia orgulhar-se um verdadeiro apóstolo do cristianismo.

Com sua luz suave, enchia o deserto o astro das recordações e da saudade. O céu estava azul e estrelado. As brisas da noite começavam a mover as folhas do bosque, onde os silvos das cobras, os pios das aves errantes, os uivos dos animais carniceiros formavam sombria e medonha orquestra.

Luisinha caiu em uma espécie de sonolência e, pouco depois, sentiu perturbação mental; veio-lhe delírio, durante o qual deixou escapar palavras desconexas. A febre que a devorava tinha aumentado com a grande fadiga e com a intensidade das impressões do dia. Cabeleira estendeu por cima dela a sua veste de couro e, profundamente comovido, foi sentar-se ao pé da fogueira para não a deixar apagar e para impedir que se aproximassem as onças, que não paravam de uivar ao redor deles, ameaçando devorá-los. A vida no deserto está exposta a perigos, que mal compreende o que não nasceu no meio deles.

Pela madrugada ele adormeceu ao peso da fadiga e ao silêncio que foram fazendo em torno de si as feras. Quando acordou era quase dia. Os passarinhos cantavam com o entusiasmo que desperta em todos os corações o raiar de um dia de verão no seio da natureza.

Seu primeiro cuidado foi saudar aquela a quem devia a ressurreição de sua alma, outrora em trevas, agora inundada do suave clarão da piedade cristã.

— Luisinha, acorda, disse ele. A manhã está fresca. Os passarinhos cantam. A brisa tem os cheiros do deserto.

Aproximou-se de Luísa, tomou-a nos braços, conchegou-a ao seio e deu-lhe um beijo de amor. Os lábios da gentil menina

estavam frios, seu corpo gelado. Luísa não pertencia mais a esta vida.

Reconhecendo a cruel realidade, o bandido deu um grito de dor que soou pela imensa solidão como urro de touro selvagem.

Morta! Morta! Luisinha!

O cadáver da moça escapou-lhe dos braços, mas logo o bandido caiu de joelhos aos pés desse corpo inanimado, com o qual tinham falecido todas suas esperanças e felicidade.

— Luisinha, responde-me, disse ele. De que morreste, meu amor?

Levantou-se, deu alguns passos a esmo e tornou ao leito de ramos que tinha servido de leito de morte à virgem dos seus pensamentos.

Pegou-lhe as mãos, que beijou uma, duas, inúmeras vezes, examinou-as, examinou o rosto da infeliz e só encontrou aí os vestígios do trânsito final. Tudo estava acabado para ela. Foi esta a verdade cruel que ele viu, penetrado de uma pena que se não descreve e que só ele sentiu nesta vida.

Sentou-se no chão e suspendeu o cadáver para o colocar sobre os joelhos. Um galho da árvore, que com sua folhagem havia abrigado a moça durante a noite, afastou-lhe o lençinho branco que lhe envolvia o pescoço e indiscretamente descobriu, aos olhos do desolado amante, seus seios virgens.

Ao vê-los, soltou este nova exclamação de dor. A chama que Luísa, para salvar Florinda do incêndio, atravessara na noite anterior havia deixado uma só ferida no lugar onde a natureza tinha-a dotado com um cofre de graças e perfeições.

— Queimada! Oh!, Luisinha, que sofrimento não foi o teu! Que dores não suportaste em silêncio, desgraçada criança! E como fico eu sem ti, meu amor? Ai de mim, Luisinha! Ai de mim!

O ânimo forte, que sempre se mostrara inteiro e imóvel, agora agitado por comoções tão violentas, dobrou-se enfim e deu larga prova da fragilidade humana. Dos olhos do bandido irrompeu uma torrente de lágrimas. Soluços, como animal bravo, escaparam de seu peito e ecoaram pela imensidade ainda em grande parte adormecida. Havia quinze anos que esses olhos não choravam diante dos mais tristes e lastimosos espetáculos.

— Que noivado o meu! É o noivado do assassino! Oh!, meu Deus!

O Cabeleira

De repente do lado do rio soou um clarim.

À dor sucedeu o susto, e depois o terror, no ânimo do desgraçado jovem. Só, sem armas, arrependido de toda sua vida de crimes, que restava ao Cabeleira naquele doloroso transe?

O clarim soou mais perto e, com as vozes deste instrumento, chegou aos seus ouvidos um som metálico de espadas e facões, que indicava, junto com as vozes, a existência de um corpo militar por aquelas bandas. Andava de fato por ali um dos grupos do regimento de Cristóvão de Holanda, o qual, depois de ter batido algumas matas suspeitas, se recolhia à vila, de onde havia partido na noite anterior.

Cabeleira deixou o cadáver de Luísa sobre os ramos e afastou-se para dentro do mato não sem novo susto, por causa do risco em que se achava.

Depois de ter desaparecido, voltou novamente e suspendeu em seus braços o corpo com o objetivo de conduzi-lo consigo para dentro da mata. Mas, quando ia a entrar aí com o triste resto do tesouro, um homem apareceu na extremidade da lareira. Era o Marcolino, que, havendo se encontrado com o grupo ao cair da tarde anterior, relatara o que havia acontecido junto da vazante e se oferecera para o guiar no rumo do fugitivo.

Este, vendo que a sua vida estava em perigo e que a perda de um momento podia ser-lhe fatal, aceitou deixar o precioso bem e internou-se de uma vez no mato.

Com pouco uma companhia de soldados penetrou no local onde Marcolino já havia dado com o corpo de Luísa.

— Cheguem, cheguem depressa. Dormiu aqui o assassino. Ali está a fogueira ardendo ainda e aqui a sua própria companhia, que ele deixou morta. Ah!, malvado!

Os milicianos rodearam o cadáver de Luísa sobre cujo rosto não seria difícil descobrir ainda vestígios das lágrimas do desgraçado jovem.

— Perverso! Perverso!, exclamaram alguns deles indignados com o que viam, mas não sabiam.

— Não satisfeito de ter matado mulheres e meninos no fogo, veio tirar aqui a vida a sangue-frio àquela que o quis acompanhar.

— Não percamos tempo, observou Marcolino. Ele deve estar perto daqui. Vamos, minha gente, vamos descobrir o assassino enquanto ele não nos escapa.

— É verdade. Em frente. Toca a corneta, Tiririca.

— Não toques, que, se o Cabeleira nos ouvir, ninguém mais lhe punha o olho em cima, quanto mais a mão.

— Se não fosse esta corneta, já tínhamos pegado o cabra, observou Marcolino.

— Que cabra nem meio cabra. Aquele que tem de pegar o Cabeleira está ainda por nascer.

E entraram na mata.

Capítulo XV

Cabeleira desapareceu no mato como desaparece o peixe no seio da corrente torrencial. Os milicianos, mesmo sendo homens igualmente rústicos e conhecedores das florestas, não conheciam todavia a mata, conhecimento que, ainda neste particular, tornava o valoroso malfeitor superior a eles.

Espalharam-se em diferentes direções, a esmo, sem plano, e por isso sem probabilidade de bom resultado. O grupo não era numeroso e vinha quase debandado quando o encontrou o Marcolino, que denunciou o ponto onde havia deixado o fugitivo.

Poucos deram crédito às palavras do matuto, e só por desencargo da consciência alguns se prestaram a dar a busca que ele propôs e que, a seu parecer, não podia deixar de surtir o desejado efeito.

Gastaram quase o dia inteiro no propósito.

Por fim, convencidos de que não descobririam o assassino, cada um tomou o caminho mais curto para sua casa, alguns mandando ao diabo o Marcolino por tê-los feito andar para dentro e para fora do mato inutilmente e acreditar em esperanças que não se realizam.

— E veio você fazer-nos perder mais um dia, compadre Marcolino, disse um dos milicianos, aborrecido e cansado da infrutífera missão. Nem você chegou a ver o Cabeleira. Viu algum tangedor de bois de cachos compridos e já pensou que era o mameluco.

— Eu não digo uma coisa por outra. Vi-o com estes olhos que a terra fria há de comer. Falei com ele como estou falando

com você agora. Agora, ele ter voado como passarinho, ou ter-se metido pela terra adentro como tatu ou jararaca, é outra coisa.

— Você viu periquito e pensou que era arara ou canindé, replicou o miliciano.

— Compadre, você está fazendo pouco em mim. Ora deixe disso, que eu não sou de conversa fiada, como você bem sabe. É tão certo que vi o Cabeleira que até lhe tomei o cavalo que ele havia me furtado, o meu alazão.

— Pois então pode montar no seu alazão e voltar para casa. Dê lembranças à comadre Maria e a bênção a meu afilhado Cazuzá. Se encontrar outra vez o Cabeleira, dê-lhe um abraço por mim, um beliscão e uma boquinha.

— Eu, se tivesse ainda o meu alazão, juro-lhe que havia de encontrar o Cabeleira, ou com a vida ou com a morte.

— E que fim levou o seu cavalo?

— Machucou-se de muito andar. Parece que desde a hora em que o maldito demo o tirou do meu quintal não soube mais o que era comer nem beber e andou com dificuldade.

— Se você quer se servir do meu cavalo castanho, ele está ali nos ouvindo. Desta vez estou falando sério.

— Onde está ele?

— No sítio do Felisberto, aonde o mandei com uma carga de mandioca.

— Pois aceito, meu compadre, a sua proposta. Vou **mostrar-lhe** o que digo. Se eu não descobrir neste matão, ou por estas beiradas de rio, o Cabeleira, saberei notícias dele seja onde for. Também de uma coisa tenha você certeza: quando ouvir sua mulher dizer: “Aí vem o compadre Marcolino no cavalo castanho”, fique logo sabendo que, se eu não deixei o Cabeleira pendurado, o deixei no buraco.

Os dois matutos achavam-se na margem esquerda do Capibaribe.

Na margem oposta levantava-se, entre umas laranjeiras e uns oitizeiros, uma casa de boa aparência. Era a casa de Felisberto.

Eles atravessaram o rio e chegaram à graciosa habitação, que no meio daquele deserto atestava a existência de uma civilização rudimentar no lugar onde havia caído, sem tentativa de proveito para a sociedade que o sucedera, o paganismo guarani digno de melhor sorte.

Do alto onde fora construída a habitação, via-se o rio que corria na distância de umas dezenas de braças e desaparecia por entre umas lajes brancas no rumo de leste; do lado do ocidente mostravam-se as lavouras de Felisberto, desde as proximidades da casa até onde a vista alcançava.

Felisberto dedicava-se quase exclusivamente à cultura da roça. No perímetro de vinte léguas ao redor, era o lavrador que desmanchava mais mandioca que competia no mercado do Recife com a farinha de Muribeca, já então afamada. Havia anos que ele mandava para o Recife cerca de 200 alqueires¹⁴.

Um casal de negros, duas meninas negras e três molecotes filhos do casal faziam maravilhas na cultura das terras. Amanheciam no cabo da enxada e só se recolhiam quando faltava uma braça para o sol se esconder no horizonte. Estes escravos viviam porém felizes tanto quanto é possível viver feliz na escravidão. Não lhes faltava que comer e que vestir. Dormiam bem e nos domingos trabalhavam nos seus roçados. Em algum dia grande faziam seu batuque, ao qual concorriam os negros das vizinhanças.

Quando o Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de açúcar do engenho Curcuranas, teve a feliz **ideia** de estabelecer-se naquele sítio que comprara com algumas economias que lhe deixara um tio que vivera de comprar gado. Essas economias deram-lhe também para comprar duas moradinhas de casas e o negro André. Com a negra Maria, que tinha sido dote da mulher, casou Felisberto o seu negro, na esperança de que em poucos anos a família escrava estaria aumentada, e, por conseguinte, aumentada também a fortuna do casal. Essa esperança foi brilhantemente confirmada.

Felisberto não estava em casa à chegada dos dois matutos. Havia ido à vila a negócio e ninguém sabia quando ele estaria de volta.

Eles foram para a casa de farinha, que ficava a um lado da casa de morada e apresentava nesse momento um aspecto que não era o usual.

Estava-se fazendo farinha para ser a toda pressa mandada ao Recife, onde a grande falta que havia deste gênero assegurava gordo lucro ao vendedor.

¹⁴Antiga medida de capacidade usada para cereais.

Frutos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providência, não tinham sido de todo destruídos pela grande seca os roçados do Felisberto. Ele já enumerava muitos prejuízos, mas olhando em torno de si via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da província à extrema penúria.

Era quase noite, e ainda chegavam animais com cestos cheios de mandiocas que eram despejados nos montes já formados destas raízes. Mulheres sentadas pelo chão ou em cepos¹⁵, ao pé desses montes, tiravam as mandiocas uma a uma e as iam raspando e atirando depois dentro de outros cestos, que eram conduzidos para junto das rodas a fim de serem elas passadas pelos ralos que estas circulam.

A casa de farinha não era mais do que um vasto pátio aberto por todos os lados e coberto de palha. No centro via-se o forno onde tinha de ser cozida a massa já apertada pela prensa e livre da água da goma. Parte dela, porém, assim que saía do pé das rodas, era lavada em vasilhas e potes, onde deixava o resíduo ou goma para os beijus e tapiocas.

A prensa estava armada a um dos lados do alpendre; no outro viam-se as duas rodas que não paravam de girar. Quando cansavam os matutos ou escravos que as moviam, eram logo substituídos por gente descansada.

Os dois matutos, ali bem conhecidos, foram saudados pelas pessoas que estavam trabalhando e, como é costume em tais ocasiões ainda hoje, trataram eles ajudar gratuitamente com seus braços descansados, o que a muitos não deixou de ser agradável.

— Venha para cá, seu Marcolino. Pegue no veio da roda e desmanche esta mandioca, que está trabalhosa de acabar, disse um.

— E eu ponho de boa vontade em sua mão, Marciano, este rodo. Não precisa mexer muito a massa; o forno não está muito quente e não há risco de a farinha queimar, disse outro.

— Prepara os beijus, Mariquinhas, disse o Marciano a uma menina morena e cacheada, que, com as mangas arregaçadas, lavava em um pote uma porção de massa.

Mariquinhas sorriu e continuou no seu trabalho, que lhe

¹⁵Pedaço ou tronco de árvore cortado.

O Cabeleira

absorvia toda a atenção. Pouco depois chegaram dois cunhados de Felisberto, que tinham participado do regimento volante do local.

— Então, que fizeram?, perguntaram muitos a uma voz logo que os viram entrar.

— Nada. Vocês pensam que pegar o Cabeleira é o mesmo que raspar mandioca ou comer farinha mole?

— Não o viram nem com os olhos, seu Quinquim?

— Ora, senhor!

— Encontramos muita onça e muita cascavel, mas do Cabeleira nem novas nem recado. Tem quem diga que ele a esta hora já está nos sertões dos Cairiris.

— Que Cairiris, senhor! Amanhã vou encontrar esse valentão, disse o Marcolino.

— O compadre Marcolino jura que o viu hoje junto das cachoeiras do rio, acrescentou o Marciano.

— Mas não nos mostrou o cabra durante todo o dia, respondeu Agostinho.

— Está bem, senhores, não falemos mais nisso. Os senhores estão desfazendo agora o meu dizer, talvez amanhã a coisa já seja outra. Eu sou um pé-rapado, é certo, mas muito verdadeiro.

— Ninguém duvida de sua palavra, Marcolino.

Um negro que estava metendo lenha no forno virou-se então para o matuto e, de improviso, lhe dirigiu este verso:

*Você, seu Marcolino,
Vai atrás do Cabeleira?
Se quiser pegar o cabra,
Monte na besta fouveira¹⁶.*

Mal tinha terminado o seu repente, um caboclo que, a um canto do pátio, estava lavando uma porção de mandioca se saiu com esta resposta:

*Monte na besta fouveira,
Ou no cavalo azulão,
Não há de pegar o cabra
No meio desse mundão.*

Reinou então silêncio no alpendre para só se ouvirem os dois repentistas. Estava travado um desses desafios que são tão comuns nos sertões do Norte e, muitas vezes, pela facilidade

¹⁶ Malhada de branco.

das rimas e originalidade dos conceitos, chegaram a oferecer versos que podem figurar entre os mais primorosos monumentos da literatura natal.

*O negro replicou:
Se você gosta do bicho
Porque rouba, e mata gente,
Veja que alguém não lhe tire
As orelhas pra presente.*

*O caboclo respondeu:
Mete, negro, a tua lenha
No teu forno, caladinho;
Mas não te metas com homem;
Podes ficar sem focinho.*

*O negro:
Eu que sou negro nas cores
Mas não negro nas ações,
Se fosse atrás do malvado,
Cortava-lhe os esporões¹⁷.*

*O caboclo:
Para o negro que se mete
Onde não lhe dão entrada
Não tem faca o Cabeleira,
Tem uma peia ensebada.*

*O negro:
Eu respeito a meus senhores
E senhoras que aqui estão;
Mas porém não levo em conta
Quem não teve criação.*

*O caboclo:
Caboclo do pé da serra,
Criado à beira do rio,
Eu sempre tratei com gente,
Porque sustento o meu brio¹⁸.*

O desafio, tão bem encaminhado, foi interrompido pela chegada de um cavaleiro. Era o Felisberto, que voltava da vila.

O trabalho na casa de farinha continuou até alta noite entre risos e cantigas. O luar inundava o vasto pátio do sítio e ia

¹⁷ Cortava-lhe as asas.

¹⁸ Orgulho.

O Cabeleira

pratear as margens e águas do Capibaribe.

Brisa insistente agitava as folhas das macaibeiras e dendezeiros que se levantavam pela extrema das terras de Felisberto. Cortava os ares o suave murmúrio das águas casado com o canto monótono dos curiangos¹⁹, que pulavam pelos caminhos.

Pela madrugada, o Marcolino montou no cavalo castanho, atravessou o rio e meteu-se no vasto deserto, ainda adormecido. Como quase todos os homens rústicos, era caprichoso e entendia que, se não cumprisse a sua palavra, solenemente empenhada, ficaria sendo o objeto de troça de todos os que o conheciam. Preferia, a este extremo, morrer de fome e sede no mato, ou comido das onças, coisa com que, para dizermos, pouco se importava. Todas suas ideias estavam voltadas para um centro único: descobrir o Cabeleira. Era este o seu ponto de honra.

Sabendo que o Cabeleira, sempre quando se ausentava das matas de Santo Antão, aparecia nas de Paudalho, tomou a direção desta povoação.

Paudalho fazia então parte de Igarassu, da qual foi desmembrada em 1799 para ser elevada a freguesia por proposta do visitador Joaquim Saldanha Marinho, nome que traz hoje com invejável brilho um dos maiores espíritos que conta o Brasil moderno. Passou a vila por alvará de 27 de julho de 1811, e a comarca pela lei provincial de 5 de maio de 1840.

Marcolino subiu pela margem do Capibaribe e, antes do meio-dia, entrou na povoação que fica em terreno plano à beira deste rio. Nada lhe constou a respeito do Cabeleira.

Demorou-se o tempo estritamente necessário ao descanso do cavalo e pôs-se novamente a caminho para Goitá, que fica quatro léguas distante de Paudalho e nesse tempo era um lugarejo de nenhuma importância, pertencente a Santo Antão.

Há loucuras transitórias que, por tal modo, revolucionam o espírito do homem, que o tornam capaz assim de grandes baixezas, como de virtudes ímpares. Feliz aquele que, sob a influência de loucuras semelhantes, põe os seus esforços e sacrifícios ao serviço da humanidade ou de uma causa nobre.

Marcolino estava possuído de uma dessas loucuras.

¹⁹ Espécie de ave.

Sem o pensar nem querer, tinha fatalmente arriscado a sua palavra, o seu brio, a sua honra. Estava apaixonado pelo lance e era inevitavelmente arrastado a seu destino.

Deixando mulher e filhos, em duelo com a necessidade, vinha como um cruzado, um peregrino, um apóstolo do bem, ou um visionário em busca de um ente que fazia tremer povoações inteiras, que preocupava o governo, que aparecia como fantasma e desaparecia como uma sombra.

Este ente tinha à sua disposição o mato para o receber, os ecos para o avisarem da aproximação dos que o buscavam, os rios para encherem depois de sua passagem, as grutas para o esconderem, a natureza enfim para o disputar de forma obstinada aos homens, ao poder público, às leis; à justiça, ao próprio Deus segundo parecia.

À tardinha, Marcolino estava no lugarejo. Inutilmente perguntou e indagou. Não houve quem lhe desse notícias do famoso bandido.

Aí pernoitou, mas não dormiu.

Muito cedo se meteu nas matas.

Ao fim de dois dias, consumidos sem resultado, começou a cair em si. A razão tinha-se libertado da alucinação que a prendera em suas redes de aço. À sua doce luz, reapareceram os caminhos que as trevas da paixão tinham encoberto, os olhos da vítima do sonho fatal.

Marcolino caíra em si no meio do deserto, ouvindo o rugir das feras, lutando com a fome. Desanimado, envergonhado da sua fraqueza, resolveu voltar ao seio da família.

Então a imagem dos filhos e da mulher lhe apareceu na mente. Ele teve saudades da casa e quis partir na mesma hora; mas, conhecendo os perigos a que se expunha se o fizesse, aguardou ansioso a madrugada. Quando os horizontes começaram a desmaiar e o brilho das estrelas a embranquecer, Marcolino pôs-se a caminho.

Estava inteiramente outro.

A vergonha cobria-lhe o rosto, o medo dominava-lhe o espírito; na consciência, doía-lhe o remorso de haver, sem o menor interesse pessoal, desamparado mulher e filhos nas garras da miséria.

O Cabeleira

O dono da casa onde ele havia pernoitado dois dias antes, ao qual devia, além desta, muitas outras obrigações, dera-lhe uma carta para ser entregue por ele ao senhor do Engenho Novo, que atualmente faz parte da freguesia de Paudalho e pertencia naquele tempo a Goiana.

Quando Marcolino chegou a Paudalho, o cavalo estava cansado da viagem e do mal passar durante ela. Para levar a carta a seu destino, teve o matuto de caminhar a pé. Ele reviu nisso um novo sofrimento com que a sorte o punia da sua loucura.

Ao anoitecer, de um alto por onde passava o caminho antes de sair da mata que cercava o engenho pelo lado do sul, viu ele um homem correr agachado e cauteloso pelo local afora e entrar adiante no canavial.

Marcolino por um triz não caiu espantado, assustado e satisfeito ao mesmo tempo. Tinha reconhecido nesse homem o Cabeleira.

Capítulo XVI

A fome obrigara o bandido a deixar o mato, como obriga as aves a emigrarem e as feras a deixarem seus covis.

Havia cinco dias que ele partira de Santo Antônio e três que não comia senão os raros frutos que lhe dava a macaibeira, o ananaseiro bravio, o jatobá do deserto.

Uma tarde em que a fome e a fadiga o tinham vencido, viu, dentre uns bambus onde se recolhera para cobrar ânimo, um cavaleiro que, havendo atravessado o rio, tinha de passar a poucos passos dele, em um cotovelo formado pela trilha.

O cavaleiro era um velho e parecia-se mais com uma múmia do que com um ente vivo. Tinha a pele grudada nos ossos, e seu corpo apresentava ângulos e retas de dureza escultural. O cavalo não tinha melhor parecer do que seu senhor. Era uma armação óssea, sem forma definida, pesada, cadavérica e triste.

O velho trazia a cabeça tão caída para diante que quase encostava o queixo curvado ao cabeçote da cangalha. O cavalo, parecendo ceder à mesma lei que o cavaleiro, por vezes varria com os beiços o pó do caminho. Essa lei era a lei da fome.

— Este velho, pensou o Cabeleira, traz pelo menos farinha nos cestos. Vou tomar para mim, e, se ele não quiser **entregar-me** a sua carga, corto-lhe a garganta.

Empunhou o pedaço da faca, única arma que lhe restava do terrível cangaço de outrora, e, quando o velho confrontou com ele, saltou-lhe ao cabresto do cavalo. Este parou de muito boa vontade, enquanto seu dono, sem se mostrar aterrorizado nem assustado, disse ao bandido:

— Guarde-o Deus, meu senhor — saudação que até bem pouco tempo se ouvia no sertão.

Quando estava para fazer a terrível intimidação, sentiu o Cabeleira faltar força para segurar o cabresto, tremeram suas pernas, vacilaram seus pés. Seus olhos tinham dado com a imagem de Luísa, de joelhos na beira do caminho com as mãos postas, os olhos suplicantes, tristes e chorosos, voltados para ele. Pareceu-lhe até ouvir as seguintes palavras:

— Não o mates, Cabeleira.

Esta ilusão era efeito da grande excitação nervosa, produzida em todo o seu organismo pela falta de alimentos, pela dor moral que lhe causara o aparecimento da moça, ou talvez pela profunda revolução que, antes de ela ter falecido, havia obrado nos seus instintos, **ideias** e hábitos, o sentimento destinado a redimi-lo do erro e do crime — o amor.

Foi tão profundo e violento o abalo que experimentou ao ver aquela doce imagem (a qual ele julgava ter desaparecido para sempre de seus olhos) que irresistivelmente lhe escaparam dos lábios estas palavras:

— Não o matarei, meu amor; não o matarei.

Mas não foram somente as palavras que lhe escaparam violentamente dos lábios; dos olhos lhe saltaram também lágrimas espontâneas, que ele não pôde reprimir.

E, como satisfazer plenamente aquela doce imagem que se atravessava diante dele no momento em que um crime estava a ser cometido por sua mão, Cabeleira atirou o resto da arma de que estivera pendente a vida do pobre velho.

Este, acordando novamente do profundo abatimento que pesava sobre todos seus membros, dirigiu outra vez a palavra ao bandido:

— Camarada, estou pronto para servi-lo.

— Há três dias que não boto na minha boca um punhado de farinha, disse José. Traz você aí alguma coisa que me queira dar para comer?

— É seguramente meio-dia, meu senhor, disse o velho erguendo a custo os olhos ao sol para se certificar da hora; amanhã pela manhã faz quatro dias que este corpo velho, que o senhor está vendo, não sabe o que é comer. Dou a Deus por testemunha da minha verdade.

— E que é que traz dentro destes cestos?, perguntou-lhe o Cabeleira.

— Pode ver o que trago. Nada. Tinha uma filha solteira, outra viúva e três netinhos. Veio a peste e levou-me as duas filhas em menos de oito dias. Não tendo recurso nenhum para suprir as minhas necessidades, saí pedindo. Fui à casa de meu compadre, que mora na Ladeira Grande; o compadre tinha morrido das bexigas, e a mulher estava para entregar a alma a Deus; o gadinho que possuía desaparecera com a seca; alguma criação que ficara no terreiro tinha sido comida pela gente que vem aí em retirada, caindo aqui, morrendo acolá de fome, só de fome. Achei no pátio da propriedade este cavalo velho, que me vai arrastando até a casa. Sabe Deus se lá chegarei ou se ficarei no caminho, sem ter visto meus pobres netos ainda uma vez antes de morrer.

— Está bom, meu velho; vá seguindo seu caminho. Você é mais necessitado do que eu.

— Não da graça de Deus, senhor, disse o velho.

O Cabeleira entrou de novo no bambuzal.

O abalo que a visão lhe causara, o espetáculo de miséria que lhe descrevera o velho, miséria muito maior do que a sua, deram-lhe forças para prosseguir na peregrinação.

No dia seguinte entrava ele nas matas de Goitá, seu mundo virgem, em cujo seio, talvez pela razão de lhe consagrar entra-nhável afeto, se considerava o mais seguro e feliz dos mortais. Deitou-se e dormiu.

Quando acordou, sentiu que consigo havia acordado, mais devoradora e cruel, a fome que o tinha vencido por terra na véspera.

Depois de ter levado quase todo o dia em vão à caça de algum fruto silvestre, deu com a vista, no meio de uma abertura na mata, sobre os estendidos canaviais do Engenho Novo.

Do local onde havia parado, desceu rapidamente à orla da floresta.

Era quase noite.

Alongou os olhos pelas imensas quebradas onde a cana se deitava e só viu um mundo de verdura que lhe acenava com doces presentes.

Ah!, ele podia passar meses dentro desse mundo, sem que

O Cabeleira

o vissem e sem risco de ser devorado por animais ferozes. Era uma região amiga a que se abria diante dos seus olhos.

A planta que estava destinada a ser mais tarde a base principal da fortuna e riqueza de um vasto império; essa planta abençoada que dali punha à sua disposição nutritivo e precioso suco oferecia-lhe também proteção à sombra da sua espessa folhagem. Podia ele, pobre foragido, refazer as forças no seio dessa solidão generosa, que lhe daria de beber licor suavíssimo, como o que mana de um seio maternal.

Cabeleira, rápido como um jaguar, pôs a cabeça de fora do mato, olhou, observou e, nada vendo, penetrou no canavial.

Achando-se já dentro, voltou-se e observou de novo. Não viu viva alma. Do outro lado estava a floresta virgem, de onde ele havia saído. As sombras do crepúsculo cobriam as montanhas, as quebradas, os vales, todo o retiro enfim. Em torno dele, além das folhagens, além das planuras até onde pôde chegar com a vista e com os ouvidos, só viu a solidão profunda, só ouviu o silêncio absoluto da natureza.

la adiantada a noite quando ele terminou sua refeição.

A Lua espalhava-se suavemente, entre castelos de nuvens, na vasta campina celeste, e a brisa murmurava brandamente no canavial, onde deixava as fragrâncias que, como abelha da noite, trazia do pau-d'arco da mata próxima em suas asas sutis.

Cabeleira pôs nos ombros as últimas canas que quebrara e se dirigiu a trilha por onde havia entrado. Mas foi logo obrigado a voltar sobre seus passos para não ser visto por dois negros do engenho que estavam defronte do caminho.

O canavial não tinha somente esta saída. Mas qualquer delas para onde encaminhou seus passos se lhe mostrou tomada por escravos do engenho.

O Cabeleira achava-se tão longe de pensar que o vigiavam que acreditou, para explicar o que seus olhos descobriram, que os negros faziam serviço fora de hora ao luar como de costume. Deitou-se, e o sono que dormiu foi profundo e reparador. Se tivessem penetrado no lugar onde ele adormecera tê-lo-iam prendido sem dificuldade, como se fora uma criança.

Raiou enfim o dia com sua luz e seu movimento.

O sol despertou o bandido com um raio que lhe enviou

por entre a folhagem. Não para sair, mas unicamente para observar, o Cabeleira aproximou-se, sem fazer ruído, da primeira abertura que se lhe oferecera. O que então viu deu-lhe **ideia** da triste realidade que ele estava longe de suspeitar, mas que o abraçava como um círculo de ferro. Não estavam guardadas as saídas por negros, como durante a noite, mas por sentinelas militares. Cedo seus olhos reconheceram que uma linha compacta de soldados cercava todo o canavial, de onde não poderia sair um rato contra a vontade deles²⁰.

Oh!, como apareceu carregada aos olhos do infeliz jovem aquela doce natureza, onde acreditara que poderia estar ao abrigo da perseguição dos homens e da fatalidade da sorte!

— Estou perdido para sempre, pensou ele. Cercado por todos os lados, sem companheiros que me auxiliem na fuga, sem uma arma com que possa abrir passagem entre os que me cercam, não poderei salvar-me.

Seu espírito caiu em profunda meditação.

O canavial estava literalmente sitiado. No mesmo instante em que soube, por boca de Marcolino, que o Cabeleira tinha passado do mato ao canavial, o senhor do Engenho Novo reunira trezentos negros e os mandara pôr-se de guarda ao bandido.

Sem perda de tempo mandara o próprio Marcolino, com uma carta comunicando o fato, ao capitão-mor, que se achava já então no seu engenho Petribu, e pedindo-lhe prontas providências.

Uma companhia completa de milicianos achava-se ainda de ordens ao capitão-mor, que tinha em mente dar nova inspeção nos matos, por ocasião de sua volta a Goiana. Essa companhia partira no mesmo instante, tendo à sua frente Cristóvão de Holanda, para o lugar onde se tinha de verificar a importante diligência. Ordens terminantes foram expedidas durante a noite aos coronéis de ordenanças que se achavam mais próximos, a fim de que, antes do amanhecer, se achassem com bandos fortes no lugar indicado.

Um inimigo poderoso que batesse às portas da freguesia não teria motivado o movimento de tropas que se verificara

²⁰A trova popular diz: “Meu pai me chamou: — Zé Gomes, vem cá / Como tens passado / No canavial?”.



SCHLOSSER

nas doze horas daquela noite com prontidão que faz honra à disciplina militar daqueles tempos.

Pela manhã, as terras vizinhas ao ponto assediado pareciam um pequeno campo de batalha. Cerca de duzentos praças achavam-se ali reunidos, para que o assédio fosse sustentado com todo o rigor militar.

Ao cair da tarde um oficial ofereceu-se para penetrar no canavial com doze homens de sua escolha, assegurando que o bandido não viria a contar vitória.

Cristóvão de Holanda, tendo ouvido os seus coronéis sobre a proposta do destemido oficial, considerou-a inconveniente dar ocasião à luta pessoal, da qual poderia resultar a morte do bandido. Não havendo, para conseguir-se a rendição deste, outro meio que o assédio, foi este resolvido por unanimidade.

O Cabeleira tentou mais de uma vez iludir a vigilância das guardas durante a noite, mas em vão. Antes de escurecer essas guardas eram reforçadas, e a vigilância dobrava na proporção das facilidades que naturalmente a noite oferece para a fuga.

Passaram-se dois dias sem resultado. Ninguém, durante esse espaço de tempo, havia visto o prisioneiro. Começou-se a desconfiar de sua existência dentro do canavial.

*“Mortinho de fome,
Sequinho de sede,
Me sustentava
Em caninhas verdes.”*
*“Vem cá, José Gomes,
Anda me contar
Como te prenderam
No canavial.”*
*“Eu me vi cercado
De cabos, tenentes,
Cada pé de cana
Era um pé de gente.”*

Marcolino foi interrogado pela segunda vez e declarou que tinha visto o bandido entrar ali, só e sem armas.

Esta última declaração veio aumentar a desconfiança geral. Não se pôde, com razão, explicar que o famoso assassino tivesse se despojado, para penetrar ali, de suas armas no momento em que mais se expunha à ação da justiça.

Marcolino, diante destas considerações, às quais nada teve que opor, começou a descrever de si mesmo e a acreditar que seus olhos o tinham enganado. O desânimo, a tristeza, a vergonha, que já o haviam deixado, voltaram a abatê-lo novamente.

Cristóvão de Holanda cogitava já um meio de sair com honra da situação em que se via, quando se lembrou de mandar arrasar o canavial.

Toda a fábrica foi chamada imediatamente ao lugar onde as foices afiadas tinham de abater em poucas horas a floresta que, durante quase três dias, servira de pitoresca muralha ao Cabeleira. Ele ouviu, do centro da plantação onde estava, com sangue-frio, que é natural aos homens afeitos aos perigos, o rumor, ao princípio afastado, depois mais próximo, da queda dessas plantas abençoadas, a que devia o franco asilo que nunca encontrara entre os seus semelhantes.

O círculo foi-se estreitando gradualmente em torno do prisioneiro, com a rapidez de um incêndio que ao mesmo tempo avança da circunferência ao centro.

À proporção que as camadas iam caindo aos golpes dos possantes ceifadores, eram logo retiradas a fim de que se tivesse sempre desobstruída a passagem e fácil fosse o acesso ao ponto objetivo.

As linhas militares, que mantinham o assédio, acompanhando o decréscimo do espaço que desaparecia aos olhos dos circunstantes, tornavam-se gradualmente compactas, fortes, impossíveis de romper.

No começo acreditou-se, apesar do que dissera o Marcolino, que o Cabeleira não estava desacompanhado.

A cada momento esperava-se ouvir a detonação de uma descarga de dentro contra a força que cercava o ponto. Quem não se considerou exposto ao punhal, à bala, à morte, julgando ter, através de frágeis plantas, um inimigo, se não uma companhia de inimigos amestrados na prática de todos os crimes?

Chegou enfim o momento de os negros descarregarem suas cortantes foices sobre a última fileira — aquele que separava do campo arrasado o vasto esconderijo em que se acoitara o bandido.

Desapareceu totalmente o verde tufo aos olhos dos circunstantes; as duas superfícies — a exterior e a interior — uniram-se

como por encanto; o Cabeleira surgiu dentre as folhas com que pouco antes brincava a brisa, agora confundidas com as palhas secas, imagem, como aquelas, do seu perdido poder.

Serena e resignada tristeza cobria-lhe o rosto queimado pelo mesmo sol que naquele momento lhe beijava a face, onde haviam deixado indícios das suas garras a dor moral e a fome. Caia-lhe sobre os ombros a vasta onda de cabelos, cacheados ao longe, e mais negros do que a barba escassa e nova que atestava a sua pouca idade. Seu traje era simples: gibão de couro surrado, camisa e calça que deixavam ver, através dos rasgões, o corpo de cor branca. O Cabeleira estava descalço e tinha a cabeça coberta por um chapéu de palha.

Quando se achou de repente em presença da multidão, levou instintivamente a mão ao chapéu e descobriu-se.

Os mais animados que haviam corrido para segurá-lo, tomando o gesto respeitoso do bandido por uma ameaça, ou meneio de agressão, recuaram amedrontados.

Cristóvão de Holanda Cavalcanti, sustentando os privilégios de suas qualidades que já se haviam ilustrado em 1710 e que no Brasil independente estava destinada a se tornar o brilho que sabemos, aproximou-se do bandido e, com o ar e jeito grave que lhe davam a nobreza e a autoridade que vestia:

— É você o Cabeleira?, perguntou ele ao jovem.

— Saberá vossa senhoria que eu sou José Gomes, respondeu ele sem hesitar nem se esquivar.

Uma centena de vozes confirmou esta resposta franca, completa, e própria do seu grande ânimo.

— José Gomes, disse-lhe Cristóvão pondo a mão direita no ombro do jovem, você, pelos enormes crimes que tem cometido, está preso em nome da lei e vai responder perante a junta de justiça.

Então, em conformidade da ordem dada por ele, um toque de corneta, que soou na solidão, anunciou que o criminoso tinha caído nas mãos dos agentes da força pública.

— Gonçalo Pais, disse Cristóvão voltando-se para o seu ajudante, mande soltar o matuto que denunciou o criminoso. Se este não fosse encontrado dentro do cerco, o denunciante pagaria na polé²¹ a humilhação a que me houvesse exposto perante

²¹Instrumento de tortura.

O Cabeleira

o governador. Como se verificou a sua declaração, será recompensado e recomendado à generosidade del-rei nosso senhor.

Meia hora depois, Marcolino, montado em vigoroso cavalo, desapareceu com ar e jeito de quem alcançou grande vitória, no caminho de Santo Antônio, a levar a notícia de uma prisão que salvara a sua honra e com que ele se considerava coberto de glória.

Capítulo XVII

O povo tomava uma tarde uma das embocaduras da Rua do Amparo da ilustre vila de Goiana.

Depois de algum tempo chegaram de longe, do lado do Barro Vermelho, ao ponto da reunião, os sons de um clarim, que logo pararam para deixarem ouvir os rufos de um tambor. A este sinal, muito esperado, agitou-se a multidão. As mulheres ajeitaram seus lenços no pescoço, os lençóis na cabeça, os cabeções de rendas, então muito em uso. As mães conchegaram bem a si os filhos menores, que tinham pela mão; os pais foram ocupar seu posto, que não mais desampararam, ao pé das companheiras e filhas, que se mostravam temerosas do que poderia vir a acontecer, porque, em muitos dos presentes, o terror, difícil de vencer e sempre contagioso e pegajoso, substituiu logo a curiosidade.

A Rua do Amparo tinha então uma só casa de sobrado.

Via-se na varanda deste Dona Leonor, mulher do **capitão-mor**. Seus belos olhos estavam voltados para o extremo da rua, onde era tudo confusão e burburinho. Entre os anéis dos seus negros cabelos brilhavam ricas flores de ouro e coral, semelhantes a malmequeres e pitangas. Um vestido de seda azul, com ramos de rosas brancas que lhe subiam da extremidade à cintura, deixava adivinhar as formas admiravelmente corretas da nobre senhora, cuja gentileza impunha a todos veneração a que não se daria mal uma princesa. A seu lado mostravam-se outras senhoras pertencentes às primeiras famílias da vila.

De repente ouviu-se de novo o clarim, a quem coube a distinção de anunciar a entrada da tropa com o grande prisioneiro.

A tropa rompeu por entre a multidão e encaminhou-se à casa do capitão-mor. Este vinha à frente do batalhão e montava sua cavalgadura de estimação ricamente enfeitada. Ao lado do capitão-mor mostravam-se alguns coronéis de ordenanças.

O prisioneiro aparecia no centro da tropa. Sua fisionomia estava triste; mas não tinha a carregada expressão da perversidade, nem o indigno abatimento da covardia. Seu passo, posto que forçado, era firme, que devera ser o de um homem de poderosa organização, aos vinte e quatro para vinte e cinco anos de idade.

Faltava porém a esse homem a prontidão nos movimentos físicos a que por inúmeras vezes devera sua salvação. Uma corda de couro cru prendia-lhe em diferentes anéis os braços, poucos dias antes prestes a levar a destruição e a morte a afastadas regiões.

Poucos foram os que não tiveram os olhos arrasados de lágrimas quando viram escravo de uma cadeia hedionda o infeliz moço, que, ainda ontem, tinha a imensidão a seu dispor e era livre como as feras no deserto. A presença do infeliz despertara a piedade de quase todos os espectadores.

Naquele tempo a cadeia de Goiana não tinha a solidez que se vê hoje na Rua Direita. Era uma casa de um só pavimento, a que faltavam quase todas as condições de segurança e higiene que as penitenciárias modernas reúnem.

Viam-se em suas janelas não grades, mas varões de madeira. Muitos criminosos conseguiram evadir-se quebrando alguns desses varões. Nem é de admirar que tais fossem as condições da cadeia pública daquela vila em 1776, se ainda hoje, com exceção das capitais e de algumas cidades interiores de mais representação, se apontam localidades importantes e até sedes de comarcas que não têm melhores prisões que as do tempo colonial.

Não só pela manifesta incapacidade da prisão pública, mas também por não confiar a ninguém a guarda de um réu dos quilates do Cabeleira, resolveu Cristóvão de Holanda tê-lo em sua própria casa durante o tempo que fosse necessário para os preparativos da jornada ao Recife.

As primeiras autoridades de Goiana reuniram-se à noite em casa do capitão-mor, que o sopro da fama começou a chamar de o salvador da província.

Enquanto essas autoridades se ocupavam da questão do dia — a prisão do malfeitor —, este, no pavimento inferior, de que uma parte lhe fora dada, entregava-se a fundas cogitações. Um soldado, que dele tivera pena, o tinha convencido a ir passar alguns momentos no quintal, a fim de se divertir de suas ideias tristes. O Cabeleira sentara-se a um canto, à sombra de uma cajazeira.

Em qualquer parte para onde volveu os olhos só lhe apareceram guardas que não perdiam um só dos seus movimentos. Ergueu os olhos acima dos altos muros que o cercavam e deu com a vista nas belas estrelas que tinham sido suas companheiras no deserto. Aqueles astros saudosos, guias leais e constantes do filho da liberdade, não alumiam agora nesse filho senão o escravo da justiça que qualquer criança poderia impunemente insultar.

Lembrou-se de Luísa, cujo cadáver não lhe havia permitido dar à sepultura, o instinto da própria conservação, o medo irresistível da morte o levava para o seio da floresta antes que ele houvesse cumprido este piedoso dever.

— Ah, Luisinha!, pensou ele. Se eu tinha de cair alguns dias depois no poder da justiça, porque fugi então sem ter primeiro posto teu corpo ao abrigo dos urubus ou dos cães de caça? Ah, meu amor, perdoa minha crueldade, perdoa minha ingratidão.

As lágrimas saltaram-lhe dos olhos em impetuosa torrente.

— De que choras, Cabeleira?, perguntou-lhe o soldado que dele se mostrara compassivo. Estás com medo da morte?

— Não, não tenho medo de morrer, disse ele. Estou chorando de me haver lembrado da única mulher a quem, depois de minha mãe, quis bem nesta vida.

— Qual mulher? Será a que deixaste morta junto das cabeceiras do rio?

— Essa mesma. Você a viu?

— Sim, eu a vi. Mas que bem poderias querer a ela se foste tu próprio, Cabeleira, que a mataste?

— Não, eu não a matei; ela morreu, ela mesma, quando se considerava feliz comigo e quando eu via nela meu maior prazer,

minha maior felicidade. Ah, Luisinha, tu bem sabes que eu te queria muito bem, muito! Que pena tenho eu quando considero que te perdi para sempre, que te deixei no deserto, que os carcarás furaram teus olhos, que os urubus despedaçaram tuas carnes e que os anuns²², pretos como meu coração, esvoaçam por cima de teus ossos!

Os soluços afogaram a voz do desgraçado.

— Se é por isso, não chores, Cabeleira. O corpo de Luisinha não ficou às aves nem aos animais do mato.

— Não ficou?

— Eu o enterrei com minhas próprias mãos.

— Você?

— Eu e mais outro companheiro.

O bandido correu ao soldado para o apertar em seus braços em sinal de reconhecimento. Mas a corda que o prendia impediu que ele lhe desse esta demonstração.

— Não tem que me agradecer, disse-lhe o miliciano. Eu vi Luisinha menina. Você não me conhece, mas eu também o vi pequeno; e, se sua prisão estivesse em minhas mãos, nunca ela se teria feito.

O soldado afastou-se do Cabeleira para que este não lhe visse as lágrimas que de quatro em quatro estavam banhando suas faces.

— Não se afaste, camarada, disse-lhe o prisioneiro. Tenho certeza de que você não me quer mal e por isso quero pedir-lhe um favor. Não sei como poderei passar esta noite com a tristeza que tenho. Poderá você arranjar-me uma viola?

Pouco depois sons nunca ouvidos, que estão acima do maior elogio, levaram melancolia e saudade ao coração de todo aquele que os ouviu.

Fora já servida a última refeição, e os hóspedes se haviam retirado a suas casas. Era tudo mudez na rua e vizinhanças.

Os sons doces que já haviam imposto silêncio aos soldados chegaram ao terraço da casa de Cristóvão como uma torrente de celestiais melodias. Estas melodias comoveram o capitão-mor e sua jovem senhora, que iam ficar, dentro de algumas horas, separados de novo.

²²Ave preta do tamanho, cor e aparência semelhante às gralhas.

— Como são tristes os sons desta viola!, disse ele. São as últimas despedidas de quem está a entrar no reino da verdade.

— Mais me entristecem estas palavras suas, Cristóvão, disse Dona Leonor. Se nós o pudéssemos salvar..

— Que diz, Leonor? Ele é um grande assassino. Sua mão tem derramado rios de sangue inocente. Os monstros não têm entranhas mais cruas do que as dele.

— Pobre moço! Para provar que seu coração não é tão mau, nem sequer adianta a expressão de bondade que tem no rosto! Escute, Cristóvão. Conversávamos aqui há pouco eu e Dona Catarina; Gonçalo Pais estava ao nosso lado, quando vieram trazer-nos delícias e despertar em nós saudades comoventes os sons que o prisioneiro extrai com rara delicadeza de seu inspirado instrumento. Dona Catarina manifestou então grandes desejos de o conhecer.

— E que fizeram?

— Descemos ao quintal acompanhadas de Gonçalo. Assim que nos viu, ele levantou-se e nos saudou respeitosamente. “Continue tocando, Cabeleira”, disse-lhe eu. “Ah, senhora, mal posso pegar na viola. Além disso, eu não sei tocar coisa capaz, senhora minha. Mas estes sons grosseiros podem melhorar se vossa senhoria, por sua bondade, mandar que me afrouxem um pouco estes laços. A corda penetrou-me na raiz das carnes e tira toda minha ação.” Fiz sinal a Gonçalo para que satisfizesse o pedido do prisioneiro, mas Gonçalo hesitou.

— Fez bem, disse o capitão-mor.

— “Pode fazer sem susto o que minha senhora manda, Sr. tenente. Cabeleira não fugirá porque está cansado de viver”, disse o prisioneiro. Faltam-me expressões para lhe dizer, Cristóvão, o que ouvimos então. Notas de órgão inspirado não dizem os mistérios, as melancolias que se dedilharam da viola do desgraçado. Vendo-o tão moço, tão artista e tão infeliz, todos nos sentimos comovidos da sua sorte; e ele, ele o prisioneiro, chorava e soluçava como uma criança.

— Basta, Leonor, disse Cristóvão abalado com a narração que acabava de ouvir.

Dona Leonor, surpreendendo este sentimento do marido, propôs-se tirar dele o maior proveito para o infeliz. Atirou-se a Cristóvão de Holanda e o cobriu de afagos e carinhos. Fez mil

O Cabeleira

pedidos para que se apiedasse da sorte do Cabeleira. A seu entender, alguns anos de prisão bastariam para que ele se corrigisse e se emendasse.

— Mas quem diz que não será esta a pena que se lhe vai impor?, perguntou o capitão-mor.

— Não o disse já o senhor, Cristóvão? Sou eu que lhe peço que deixe o infeliz escapar.

— Escapular, Leonor, escapar?, exclamou Cristóvão. E minha honra e meu dever?

— Eles não ficarão manchados com um ato de humanidade. Todos dizem que a maus conselhos e sinistras instigações deve o Cabeleira o destino de ter cometido tantos crimes. Pois bem; aquele que o aconselhou e instigou à prática desses crimes, o verdadeiro criminoso, lá está para responder pelo que fez e mandou o filho fazer. Sua condenação servirá de exemplo à sociedade e ao próprio filho dele; mas a condenação deste será uma grande injustiça, e o céu não permitirá jamais que para ela concorra Cristóvão Cavalcanti, que sempre trouxe limpo o brasão que lhe deixaram seus avós.

O capitão-mor levantou-se com a face pálida. O poderoso argumento da esposa o havia feito sentir mais alterações na alma do que seus próprios carinhos no coração. A verdade sobre o Cabeleira era justamente aquela que sua mulher havia resumido em meia dúzia de palavras vivas e violentas.

Depois de ter dado alguns passos pelo terraço, Cristóvão caminhou para Dona Leonor, que o não tinha perdido de vista.

— Tudo o que disse é verdade, Leonor; mas sou eu acaso juiz? Não sou mais do que o executor de uma ordem do governador. Acredito que prendi um criminoso, para o qual, se a mim competisse julgá-lo, teria eu uma condenação mais branda. Mas o direito de o mandar ir embora eu não tenho. Se usasse de semelhante faculdade, Cristóvão de Holanda teria lançado sobre seu nome honrado uma mancha eterna.

Tendo dito estas palavras, Cristóvão de Holanda recolheu-se imediatamente a seu gabinete em companhia de Gonçalo Pais.

Quando a Lua apareceu no céu triste e pálida, como os anjos dos sepulcros, a tropa recebeu ordem para partir no mesmo instante. O capitão-mor adiantava a jornada que havia prometido para o dia seguinte.

Pouco depois a tropa moveu-se. Dona Leonor, anjo de amor e de benevolência, deixava cair nesse momento, em silêncio, algumas lágrimas, límpidas como sua alma.

A respeitável senhora tinha saudades do esposo, que novamente se ausentava, e pena do infeliz, que a morte atraía a si na forma de um enforcamento e em nome da lei.

Capítulo XVIII

Chegou enfim o momento da extrema provação.

Ainda não tinha decorrido um mês, quando se ouviram os duros sons das marteladas, que anunciavam à população do Recife o próximo e fatal fim dos **delinquentes**. Levantava-se a forca no Largo das Cinco Pontas.

Pela segunda vez este instrumento de suplício assanhou os ânimos e encheu de dor os corações na vila **heroica**.

Por grandes que sejam as ofensas que a sociedade tenha recebido de um dos seus membros, a razão pública sente-se abatida diante da sua punição por meio da morte natural.

A memória dos primeiros castigos estava quase totalmente apagada do espírito do povo. Realizaram-se eles durante a administração do governador Henrique Luís. Havia decorrido da sua realização trinta e oito anos, tempo mais que bastante para que se apague da tela do pensamento a imagem de semelhantes representações.

Os pernambucanos lembravam-se porém ainda em 1776 do muito que custara a esse governador sentenciar à morte alguns criminosos.

Um documento real de data de 20 de outubro de 1735 tinha criado em Pernambuco a junta de justiça criminal, a mesma que em 1776 julgou o Cabeleira, seu pai e os demais réus que sabemos. Havia-se reunido, em conformidade com o citado documento, na casa da câmara aquela junta, composta do governador, dos ouvidores de Pernambuco e Paraíba, do juiz

de fora de Olinda e de um dos ouvidores que tinham servido na primeira das citadas províncias. Apesar das razões mais de humanidade do que de Estado, expostas por Henrique Luís, a maioria condenara os criminosos a serem justicados na forca. Henrique Luís, o modelo dos governadores portugueses, passara pelo desgosto de lavrar a sentença de morte que feriu primeiro a ele que aos condenados.

No julgamento do Cabeleira e dos demais presos, a inviolabilidade da pessoa humana fora melhor compreendida e respeitada pela junta, da qual só um membro opinara pela pena capital.

Assim, no espaço de trinta e oito anos, o nível da consciência moral subira em três dos membros dessa terrível comissão; mas, por desgraça, baixara no mais importante deles. José César, desprezando o voto dessa maioria, digna de figurar nos tribunais modernos, sentenciara à pena última os infelizes com o apoio de um voto contra três, passando por cima assim das atribuições do governador, a quem a citada provisão conferia unicamente, no caso de empate entre os quatro membros, o direito de desempatar. Por onde se vê que, entre estes dois governadores, ambos bem intencionados, embora as suas intenções fossem contrárias entre si e em seus efeitos, não mediavam somente trinta e oito anos, mas também a barreira que separa das trevas a luz, do poder arbitrário, que destrói, o sentimento liberal, que edifica.

Henrique Luís, mais afastado do que seu colega, representava o direito novo de que o mesmo Portugal do século XVIII delineou em seu código, que o honra, uma parcela no século XIX, com aplauso de todas as nações cultas. Esta parcela é a que afirma e consagra a inviolabilidade da pessoa humana.

Se alguém houvesse dito então a José César que sua pátria em menos de um século riscaria de sua legislação a pena que ele impunha com tamanho arbítrio a três desgraçados a quem faltava a instrução mais elementar, teria ouvido o poderoso agente da realeza metropolitana classificar como uma utopia dos sonhadores do século XVIII esta brilhante conquista das nossas luzes. Os tempos vingam-se, e se a humanidade algumas vezes, como as aves, rasteja e se enloda nos charcos da terra, purifica-se, como elas, nas chuvas celestes e eleva-se a regiões sereníssimas de onde vê a grandeza do Onipotente nos

milhões de mundos que povoam a imensidade; a sua sabedoria na harmonia que os prende; a sua bondade no sem-número de leis, assim físicas, como morais, que protegem os corpos e dignificam os espíritos.

Na hora em que se construía o cadafalso, uma mulher que aparentava **cinquenta**, mas na realidade não tinha senão trinta e seis anos de idade, pedia por tudo quanto há sagrado, a uma das sentinelas do palácio, permissão para falar ao governador.

Joana havia chegado de Santo Antão no dia anterior e de noite soubera que o filho e o marido tinham sido condenados à morte. Não lhe permitiram ver os entes que pertenciam mais a ela, representante do coração por dobrado direito, do que à justiça, que nesse momento exprimia uma vontade poderosa e apaixonada.

Pela manhã Joana correra ao palácio para cair aos pés de José César e implorar-lhe que lhe deixasse ver o filho. A sentinela, em resposta, perguntara-lhe simplesmente:

— Quem é você para falar ao Sr. governador?

— Sou a mãe do Cabeleira. Será possível que meu filho morra sem que eu o tenha visto antes?

— Ponha-se no Largo das Cinco Pontas, que o verá subir à forca por volta de uma hora da tarde.

— Meu filho!, gritara ela em soluço. Pois verei meu filho morrer na forca!

Joana caíra com a face sobre a laje do pavimento, lamentando como louca a sua desventura. Tendo ouvido os ais, lamentos, exclamações e gritos daquela consternada mãe, mandara José César investigar a causa do alarido. Quando lhe disseram a desoladora verdade, ordenara que imediatamente a mãe infeliz fosse posta em custódia até que se cumprisse a execução. Joana mal pudera ouvir a intimação desse cruel mandado.

— Não, não!, gritara, atirando-se para fora do palácio em estado de puro desespero.

Alguns soldados correram para pegá-la, mas em vão, porque, empregando esforços sobrenaturais, pudera Joana escapar, não sem deixar primeiro despedaçados nas mãos de um o lençol em que estava envolta, nas de outro, parte dos seus cabelos que haviam embranquecido totalmente.

Aquela pobre mulher fora condenada pela adversidade a

padecer angustiados momentos, para os quais não acharemos semelhantes no catálogo das tragédias humanas.

Ela fora pôr-se junto da masmorra, donde Cabeleira, Joaquim e Teodósio, que aí se achavam, logo que recebessem os confortos da religião, tinham de partir para o lugar do suplício.

A esse tempo já as vizinhanças desse lugar se achavam ocupadas por grandes massas de povo. Quando no relógio da cadeia soou a hora fatal, viu-se desfilar, entre fortes colunas militares e a multidão, os condenados. O silêncio e a tristeza que aumentam a solenidade destes espetáculos indescritíveis eram de momento a momento perturbados pelos lamentos de Joana.

— Meu filho vai morrer enforcado! Ah!, meu Deus, vós bem sabeis que ele não teve culpa, dizia ela com a voz entrecortada de soluços.

José César, cercado de íntimos e bajuladores, viu, da varanda do palácio, outrora povoado pelo vulto extraordinário de Maurício de Nassau, tipo de mais nobre liberalismo que já transpôs aqueles umbrais com uma espécie de recolhimento, como se estivesse presenciando uma procissão desfilar o fúnebre cortejo, que em seu trajeto percorreu as ruas do Crespo, Queimado, Livramento, Direita, Pátio do Terço e finalmente parou no Largo das Cinco Pontas ao pé do terrível artefato. Era uma hora da tarde.

O juiz, nomeado pelo governador para assistir à execução em conformidade com o disposto na ordem real, ordenou que o escrivão repetisse a leitura da sentença. Os **delinquentes** ouviram pela vigésima vez, com sincero arrependimento, esse padrão do absolutismo colonial.

Finda a leitura, viu-se o Cabeleira aparecer, quase de súbito, no estrado da forca, ao lado do carrasco. Ele não havia vacilado na rápida subida nem dava mostras de abatido.

Seu rosto estava pálido, mas sereno. A cabeça tinha sido despojada do belo distintivo a que o jovem devia a forma com que seu nome chegou à posteridade.

Com um olhar longo e rápido, abrangeu a multidão que se apinhava ao redor da forca e proferiu, sem vacilar, com voz ligeiramente alterada, estas palavras, que a tradição recebeu como herança para transmitir às gerações vindouras:

— Morro arrependido dos meus erros. Quando caí no po-

O Cabeleira

der da justiça, meu braço era já incapaz de matar, porque eu já tinha entrado no caminho do bem...

— Meu filho! Meu filho!, gritou nesse momento Joana do meio do povo, por entre o qual buscava abrir caminho para chegar ao pé da forca.

A esta exclamação, o Cabeleira voltou-se confuso e comoído. Um longo suspiro escapou-lhe do peito oprimido da súbita aflição. Seus lábios deixaram passar estas precisas e pontuais palavras:

— Adeus, mamãezinha do meu coração!

No mesmo instante, aos olhos da multidão profundamente abalada, a cena transformou-se como por oculto maquinismo. O infeliz jovem, que, mal acabara de falar tinha sido rudemente jogado do estrado para o vácuo, pendia da corda assassina, tendo sobre os ombros o carrasco que apertava com as mãos covardes o laço sufocante. Cena bárbara que enche de horror a humanidade e cobre de vergonha e luto, como tantas outras, a história do período colonial!

No meio da multidão esta cena de morte reproduziu-se no mesmo instante, unicamente modificada na forma. Entre os braços de umas mulheres do povo, pobres mães, decerto, Joana acabara de exalar o último suspiro. O coração tinha-se instantaneamente estalado de dor.

Poucos momentos depois, ao cadáver do Cabeleira reuniram-se os de Joaquim e Teodósio, seus companheiros na vida e na morte, na história da província e nas lembranças do povo, atualmente quase de todo apagadas pela mão do tempo.

A notícia de tão triste exemplo atravessou as remotas paisagens onde repercutia a fama do grande matador e passou ainda além nas asas ligeiras dos versos já citados, aos quais se devem reunir estes dois últimos, dos trovistas pernambucanos:

*Quem tiver seus filhos
Saiba-os ensinar;
Veja Cabeleira
Que vai a enforcar.
Adeus, ó cidade,
Adeus, Santo Antão,
Adeus, mamãezinha
Do meu coração.*



A execução do Cabeleira e seus companheiros não impediu as desordens e delitos, a que se refere o documento; não trouxe terror nem emenda aos malfetores.

Os crimes atrozes, então muito frequentes, se têm diminuído, ainda não acabaram de todo. Os jornais registram todos os dias, para infelicidade nossa, muitos deles, praticados no Norte, no Sul e na própria corte do Império.

De que serviu pois a ordem real? Em que consistiu o proveito da execução dos três infelizes no regime colonial; e, dos que os precederam, ou se lhes seguiram neste e no regime do Império?

Ah!, meu amigo, a pena de morte, que as idades e as luzes têm demonstrado não ser mais que um crime jurídico, de fato não corrige nem moraliza. O que ela faz é enegrecer os códigos que em suas páginas a estampam, por mais liberais e sábios que sejam, como é o nosso; é abater o poder que a aplica; é escandalizar, chocar e tornar indignas as populações em cujo seio se efetua.

A justiça executou o Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza. Mas o responsável de males semelhantes não será, primeiro que todos, a sociedade que não cumpre o dever de difundir a instrução, fonte da moral e de organizar o trabalho, fonte da riqueza?²³

Se a sociedade não tem em caso nenhum o direito de aplicar a pena de morte a ninguém, muito menos tem o de aplicá-la aos réus ignorantes e pobres, isto é, àqueles que cometem o delito sem pleno conhecimento do mal e obrigados muitas vezes da necessidade.

Condena-se à força o escravo que mata o senhor, sem se atender a que, rebaixado pela condição servil, paciente do açoitamento diário, coberto de molambos, quase sempre faminto, sobrecarregado com trabalhos excessivos, semelhante criatura é mais própria para cego instrumento do desespero do que competente para o exercício da razão. Ainda em 28 de abril do corrente ano, em uma cidade da província das Alagoas, um destes infelizes padeceu o suplício capital. Por honra da civilização, um dos primeiros órgãos da imprensa do Norte, o *Diario*

²³ A seu tempo saberás, meu amigo, as minhas ideias a respeito da organização do trabalho no Brasil.

de Pernambuco lavrou contra essa covardia jurídica o seguinte protesto: “Registramos este acontecimento com a mágoa que costuma causar àqueles que amam a pátria e a humanidade a continuação entre nós da bárbara pena de morte, que, infamando, nem ao menos corrige”.

Arrastam os **delinquentes** à barra dos tribunais ou ao pé dos juízes para serem interrogados sobre as circunstâncias dos crimes que cometeram. Não devia ser assim. O interrogatório principal devia ter por objeto os precedentes do culpado, o grau da sua instrução literária, a sua educação, as suas possibilidades.

À pobreza, que é na realidade uma desgraça, deve a sociedade atribuir o maior número dos crimes que pune e dos erros e faltas que não se julga com o direito de punir. A pobreza nunca foi nem será jamais um elemento de elevação; ela foi e será sempre um elemento de degradação social.

A riqueza, meu amigo, é um dos primeiros bens da vida.

Quando ela resulta de um trabalho honesto e servido por uma ambição nobre e ponderada, não podem dela redundar males. Ao contrário: de uma riqueza assim adquirida, provêm quase sempre benefícios não só para aqueles que a possuem, mas também para a sociedade. Quanto mais medito sobre este assunto, mais me parece que o evangelho que ensina a pobreza voluntária, considerada pela moderna ciência um absurdo econômico e um impossível social, é mais um código de moral prática sujeito à revisão da sabedoria dos tempos do que o corpo de leis de uma religião imutável. A prova de que não estou em erro, eu a vou achar no exemplo que nos dão os atuais ministros do evangelho, os quais, muito diferentes dos pescadores da **Galileia** e da Samaria, que, descalços e humildes, o ensinaram gratuitamente a todas as gentes, empregam hoje todos os meios de tornar-se ricos e poderosos e não desgostam da opulência, começando pelos que ocupam os primeiros lugares na hierarquia eclesiástica.

Não sirvam estas verdades de desalento aos pobres.

Sirvam-lhe antes de estímulo para que trabalhem, cultivem a terra, as indústrias, as artes, e possam, por seu próprio esforço, vir a ser independentes e felizes.

